

UNIVERSIDADE ABERTA



UNIVERSIDADE
AbERTA
www.uab.pt

**ATLETAS DO FISCULTURISMO: SUAS NARRATIVAS
SOBRE O CORPO, BELEZA E FEMINILIDADE**

Letícia Boratto Monteiro

**Dissertação de Mestrado
Mestrado em Estudos sobre as Mulheres: Género,
Cidadania e Desenvolvimento**

UNIVERSIDADE ABERTA



UNIVERSIDADE
AbERTA
www.uab.pt

**ATLETAS DO FISICULTURISMO: SUAS NARRATIVAS
SOBRE O CORPO, BELEZA E FEMINILIDADE**

Letícia Boratto Monteiro - 2202268

**Mestrado em Estudos sobre as Mulheres: Género,
Cidadania e Desenvolvimento**

**Dissertação de Mestrado orientada pela Professora Doutora Anabela
Galhardo Bolota Valério do Couto**

Janeiro de 2025

Anexo Creative Commons

Este trabalho está licenciado sob CC BY-NC-ND 4.0. Para ver uma cópia desta licença, visite <https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/> © 2 por L

Agradecimentos

Agradeço à Professora Doutora Anabela Galhardo Bolota Valério do Couto, pela orientação e dedicação ao trabalho, por confiar em minhas possibilidades e me acolher neste percurso. Espero que possamos nos encontrar novamente em outros momentos acadêmicos.

Às Professoras Doutoras Teresa Joaquim e Rosana Albuquerque pelo auxílio no decorrer da pesquisa, e pelos ensinamentos prestados no Mestrado.

Aos meus colegas do Núcleo Maria da Penha - NUMAPE (Ágatha, Susana, Bruna, Kellen e Gabriel) e Professoras da Universidade Estadual de Ponta Grossa – Brasil, (Dra. Maria Cristina Rauch Baranoski, Dra. Luana Billerbeck, Dra. Dirceia Moreira e Dra. Cleide Lavoratti) por me acompanharem em minha trajetória pelos Estudos de Gênero.

Aos meus pais (Arion e Jociane) e ao meu irmão (Eduardo) por nunca deixarem de me apoiar e de me incentivar em meus estudos.

E por fim, às atletas fisiculturistas que aceitaram participar da pesquisa e compartilharam comigo as suas histórias.

Declaração de Integridade



DECLARAÇÃO DE INTEGRIDADE

STATEMENT OF INTEGRITY

Declaro ter atuado com integridade na elaboração da presente dissertação/tese. Confirmando que em todo o trabalho conducente à sua elaboração não recorri à prática de plágio ou a qualquer outra forma de falsificação de resultados.

Mais declaro que tomei conhecimento integral do Regulamento Disciplinar da Universidade Aberta, publicado no Diário da República, 2.ª série, n.º 215, de 6 de novembro de 2013.

I hereby declare having conducted my thesis with integrity. I confirm that I have not used plagiarism or any form of falsification of results in the process of the thesis elaboration.

I further declare that I have fully acknowledged Disciplinary Regulations of the Universidade Aberta (regulation published in the official journal Diário da República, 2.ª série, N.º 215, de 6 de novembro de 2013).

Universidade Aberta, 18 de janeiro de 2025

Nome completo/Full name: Leticia Boratto Monteiro

Assinatura/Signature:

Documento assinado digitalmente
gov.br LETICIA BORATTO MONTEIRO
Data: 18/01/2025 15:18:29-0300
Verifique em <https://validar.jf.gov.br>

manuscrita ou digital / handwritten or digital

ATLETAS DO FISCULTURISMO: SUAS NARRATIVAS SOBRE O CORPO, BELEZA E FEMINILIDADE

Resumo

A Dissertação tem como finalidade analisar, a partir de uma perspectiva de gênero, as narrativas sobre os corpos femininos no contexto do esporte do fisiculturismo. Em específico, interessa averiguar, analisar e revelar as perspectivas das atletas de fisiculturismo sobre a sua prática, os seus corpos e em particular, sobre o conceito de feminilidade, o qual constitui um dos requisitos de avaliação em competição na Categoria *Women's Physique*. Pretende-se dar visibilidade às atletas e ao esporte. Respaldaado nos Estudos de Gênero e Culturais, elaborou-se o estudo, as discussões e as conclusões da pesquisa. Utilizou-se como instrumento de investigação a entrevista semiestruturada com as atletas fisiculturistas da modalidade. A análise das mensagens decorreu segundo a perspectiva de Laurence Bardin. Procedeu-se ao exame dos conteúdos manifestados pelas atletas, a respeito de suas vivências, percurso no esporte e concepções sobre os conceitos de feminilidade e beleza dentro do fisiculturismo, destacando os ideais e estereótipos de feminilidade normatizada que circunscrevem os corpos das mulheres. Por fim, compreende-se que a aparência fortemente musculada das atletas entra em ruptura com as representações historicamente produzidas do feminino, afrontando estereótipos e representações hegemônicas de masculinidade e feminilidade e apontando novas representações, novas referências e novas possibilidades para os corpos das mulheres.

Palavras chaves: Fisiculturismo, *Women's Physique*, Feminilidade, Corpo, Gênero.

Abstract

The purpose of this dissertation is to analyze, from a gender perspective, narratives about female bodies in the context of the sport of bodybuilding. Specifically, it is interested in investigating, analyzing and revealing bodybuilding athletes' perspectives on their practice, their bodies and, in particular, on the concept of femininity, which is one of the requirements for evaluation in competition in the Women's Physique Category. The intention is to give visibility to the athletes and the sport. Based on Gender and Cultural Studies, the study, discussions and conclusions of the research were drawn up. The research instrument used was semi-structured interviews with female bodybuilders. The messages were analyzed from the perspective of Laurence Bardin. The content expressed by the athletes was examined in relation to their experiences, their career in the sport and their conceptions of femininity and beauty within bodybuilding, highlighting the ideals and stereotypes of normalized femininity that circumscribe women's bodies. Finally, it is understood that the athletes' heavily muscled appearance breaks with historically produced representations of the feminine, confronting stereotypes and hegemonic representations of masculinity and femininity and pointing to new representations, new references and new possibilities for women's bodies.

Key words: Bodybuilding, Women's Physique, Femininity, Body, Gender.

Índice

INTRODUÇÃO	13
CAPÍTULO I - GÊNERO, CORPO E FEMINILIDADES	17
1.1 Questões de gênero	18
1.2 Representações sociais dominantes de feminilidade	24
1.3 O corpo como construção cultural	32
1.4 Beleza e feminilidade.....	41
CAPÍTULO II - FISCULTURISMO E FEMINILIDADES	49
2.1 O fisiculturismo	50
2.2 Categorias da modalidade feminina.....	57
2.3 Categoria Women´s Physique	60
2.4 Atletas: as feminilidades no fisiculturismo.....	62
CAPÍTULO III - PERCURSO METODOLÓGICO	68
3.1 Questões de base e problemática	69
3.2 Métodos e procedimentos da investigação	74
CAPÍTULO IV - ANÁLISE DAS ENTREVISTAS	78
4.1 Entrevistas: percurso efetuado	79
4.2 Caracterização das entrevistadas.....	82
4.3 Categorias de análise	88
4.3.1 Percurso no esporte	89
4.3.2 Opção pela categoria <i>Women´s Physique</i>	91
4.3.3 Considerações sobre a Confederação Brasileira de Musculação, Fisiculturismo e <i>Fitness</i> (CBMFF)	93
4.3.3.1 Avaliações dos árbitros	95
4.3.3.2 Poucas atletas na categoria	96
4.3.3.3 Redução de volume muscular das atletas <i>Women´s Bodybuilder</i> ..	97
4.3.3.4 A prática esportiva por mulheres e homens	99
4.3.4 Perspectivas sobre os quesitos de feminilidade exigidos na categoria <i>Women´s Physique</i>	102
4.3.4.1 Beleza dentro do esporte	105
4.3.4.2 A silhueta feminina	107
4.3.4.3 Músculos na mulher	110

4.3.4.4	Corpos treinados	112
4.3.4.5	Opção sexual.....	114
4.3.4.6	Uso de hormônios	116
4.3.5	Representatividade feminina	118
4.3.5.1	Suas vivências particulares	120
CAPÍTULO V – AS NARRATIVAS DAS ATLETAS FISCULTURISTAS SOBRE O CORPO, A BELEZA E FEMINILIDADE		123
5.1	Narrativas das atletas fisiculturistas.....	124
5.2	Fisiculturistas: corpo, gênero, feminilidade e beleza.....	128
CONCLUSÃO		138
BIBLIOGRAFIA		144
ANEXOS		
Anexo I - Termo de Consentimento Livre e Informado/ Autorização Para Gravação De Voz.....		
Anexo II Extenso - Sistematização das respostas em tabela		

Índice de tabelas

Tabela 1. Caracterização das entrevistadas	83
Tabela 2. Guião da entrevista	84

Índice de abreviaturas e siglas

CBMFF – Confederação Brasileira de Musculação, Fisiculturismo e *Fitness*

IFBB - *International Fitness & Bodybuilding Federation*

INTRODUÇÃO

A presente Dissertação de Mestrado possui como objetivo analisar, a partir de uma perspectiva de gênero, as narrativas sobre os corpos femininos no contexto do esporte do fisiculturismo. Em específico, interessa averiguar, analisar e revelar as perspectivas das atletas de fisiculturismo sobre a sua prática, os seus corpos e, em particular, sobre o conceito de feminilidade, o qual constitui um dos requisitos de avaliação em competição na Categoria *Women's Physique*.

A estrutura da pesquisa está organizada de maneira que possa contemplar os aspectos relacionados com a temática base: a narrativa das atletas fisiculturistas, sobre suas concepções a respeito do corpo, da beleza e da feminilidade dentro do esporte. Além do mais, interessa questionar até que ponto o requisito 'feminilidade' dentro das regras de avaliações da *International Fitness & Bodybuilding Federation* (IFBB) - na qual o Brasil é afiliado – acusa a presença de estereótipos e padrões de gênero.

Portanto, a partir dos critérios impostos no regulamento da Confederação Brasileira de Musculação, Fisiculturismo e *Fitness* sobre os parâmetros destinados às avaliações dos corpos das atletas da categoria *Women's Physique*, impõe-se a questão: qual é a percepção e o entendimento que as atletas possuem sobre a delimitação da feminilidade como um requisito no esporte, e quais são as suas concepções sobre 'beleza' e 'feminilidade' dentro do fisiculturismo?

Os objetivos gerais da dissertação são:

- Refletir, a partir de uma perspectiva de gênero, sobre as narrativas sobre os corpos femininos no contexto do esporte do fisiculturismo, confrontando o ponto de vista das atletas fisiculturistas praticantes das competições da categoria *Women's Physique* com a concepção de feminilidade para a Confederação Brasileira de Musculação, Fisiculturismo e *Fitness* (CBMFF – IFBB Brasil), afiliada da *International Federation of Bodybuilding & Fitness* – IFBB.
- Revelar as perspectivas das atletas de fisiculturismo sobre a sua prática, os seus corpos, sobre os conceitos de beleza e feminilidade

e sobre os requisitos exigidos pela Confederação Brasileira de Musculação, Fisiculturismo e *Fitness*.

- Dar visibilidade às atletas e ao esporte.

O Capítulo I, denominado “Gênero, corpo, feminilidades”, contextualiza as questões de gênero a partir da perspectiva das pesquisadoras Joan Scott ([1989] 1995), Judith Butler ([1999] 2019), Lígia Amâncio (1992, 1993, 1994) e Heleieth Saffioti (2009, 2015). Abordam-se também as representações sociais e dominantes de feminilidade, em que se exploram as atribuições sociais delimitadas e atribuídas às mulheres e aos homens. Ademais, reflete-se sobre o conceito de corpo enquanto construção social e cultural, através do pensamento de Pierre Bourdieu (1989, 2007, 2011), Judith Butler (2018, [1993] 2023, 2016) e Mirian Goldenberg (2011, 2006). Focam-se ainda as questões que envolvem o corpo e os investimentos de cuidado e beleza que a ele são direcionados. Portanto, o subcapítulo “Beleza e feminilidades”, incide no culto do corpo feminino e da beleza seguindo as perspectivas de Pierre Bourdieu (2020), Naomi Wolf ([1991] 2022), Gilles Lipovetsky (2000) e Susan Bordo (1997)

No Capítulo II, denominado “Fisiculturismo e feminilidades”, o foco é o fisiculturismo, as categorias da modalidade feminina, a categoria *Women’s Physique*, e as questões que se prendem com a prática do esporte e do fisiculturismo no feminino. Ao todo, busca-se explicar sobre o esporte e o percurso das mulheres, explorando as questões de feminilidade que envolvem a prática esportiva. Conta-se neste Capítulo, principalmente, com as perspectivas de Arnold Schwarzenegger ([1998] 2001), Silvana Goellner (2005, 2007) e Angelita Jaeger (2009).

Já no Capítulo III, denominado “Percurso metodológico”, apresentam-se as questões base e objetivos da pesquisa, bem como os métodos e procedimentos da investigação. A pesquisa possui caráter qualitativo, sendo uma investigação feminista, pois possui como prerrogativa dar voz às mulheres e suas vivências.

A obtenção dos dados centrou-se em levantamentos bibliográficos sobre a temática do gênero, da feminilidade e corporalidade, e da história das mulheres no campo do fisiculturismo. A fim de recolher as perspectivas das atletas fisiculturistas optou-se pela realização de entrevistas individuais e

semiestruturadas a seis atletas brasileiras da categoria *Women 's Physique*, todas filiadas a uma Federação. O tratamento das mensagens seguiu pela prerrogativa de Laurence Bardin (1977) - a análise de conteúdo. A organização da análise passou pelas fases de: pré - análise; exploração do material; e o tratamento dos resultados e interpretações.

A codificação das mensagens foi realizada por unidade de registro temática. Ao todo, foram captadas dezasseis unidades temáticas, as quais são exploradas no Capítulo IV.

No Capítulo V, “As narrativas das atletas fisiculturistas sobre o corpo, a beleza e feminilidade” foi realizada a discussão das mensagens trazidas pelas atletas entrevistadas, dialogando com a bibliografia estudada. A articulação dos temas proporciona *insights* sobre as questões propostas estudadas.

Por fim, apresentam-se as Conclusões da pesquisa juntamente com suas implicações e possíveis estudos futuros.

CAPÍTULO I - GÊNERO, CORPO E FEMINILIDADES

1.1 Questões de gênero

Considerando que a presente dissertação tem como finalidade analisar, a partir de uma perspectiva de gênero, as narrativas sobre os corpos femininos no contexto do esporte do fisiculturismo, importa começar por definir a acepção de gênero.

Explanar sobre as questões de gênero envolve pensar em alguns aspectos das teorias e pesquisas que foram, e são, desenvolvidas nessa área. O primeiro objetivo desse capítulo será, pois, o de enquadrar o conceito de gênero no âmbito das epistemologias de gênero, pensadas e formuladas por algumas autoras, como Joan Scott ([1989] 1995), Heleieth Saffioti (2009, 2015), Judith Butler ([1999] 2019) e Ligia Amâncio (1992, 1993, 1994), as quais nos abrem possibilidades de refletir, de ser e nos entender a partir do gênero.

O conceito de gênero chegou aos debates brasileiros por volta da década de 90, (Saffioti, 2009), por meio dos escritos de Joan Scott, a qual enuncia, em seu artigo *Gênero: uma categoria útil de análise histórica* traduzido em 1995 [*Gender: a useful category of historical analyses*, 1989], a sua análise sobre tal conceito e sobre a forma como o gênero foi empregado nos meios discursivos. No prolongamento de seu estudo, Scott (1995), tal como antes Beauvoir, (Beauvoir, [1949] 2019; Butler, [1999] 2019), dissocia o termo gênero do determinismo biológico, ou seja, o gênero não possui relação com o sexo, pois ele vai além da uma 'fórmula natural'.

Para além de chamar a atenção para a importância do gênero enquanto instrumento de análise cultural, Scott (1995) perspectiva o conceito de gênero enquanto forma de organização das relações sociais.

Em sua aparição mais frequente, o termo refere-se às construções sociais estruturadas pela sociedade, sobre o que se entende por homens e mulheres. É na base desse 'entendimento' e dessas expectativas sobre os sexos, que são atribuídas características, identidades, papéis e atributos designados a cada sujeito (Scott, 1995). Tal como explica Scott:

[...] o termo "gênero" também é utilizado para designar as relações sociais entre os sexos. Seu uso rejeita explicitamente explicações biológicas, como aquelas que encontram um denominador comum, para diversas formas de subordinação feminina, nos fatos de que as mulheres têm a capacidade para dar à luz e de que os homens têm uma força muscular superior. Em vez disso, o termo "gênero" torna-se uma forma de indicar "construções culturais" -a criação inteiramente social de idéias sobre os papéis adequados aos homens e às mulheres. Trata-se de uma forma de se referir às origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas de homens e de mulheres. (Scott, 1995, p.75)

Posto isso, Scott (1995) formula em sua obra referencial, a sua premissa em relação à categoria gênero, sendo esta, formulada em duas partes e subconjuntos interrelacionados. Primeiramente, o gênero é um elemento integrante das relações sociais baseadas nas diferenças sexuais. Além disso, o termo engloba quatro fatores interligados:

[...] os símbolos culturalmente disponíveis que evocam representações simbólicas (e com freqüência contraditórias) [...] em segundo lugar, conceitos normativos que expressam interpretações dos significados dos símbolos, que tentam limitar e conter suas possibilidades metafóricas. Esses conceitos estão expressos nas doutrinas religiosas, educativas, científicas, políticas ou jurídicas e tomam a forma típica de uma oposição binária fixa, que afirma de maneira categórica e inequívoca o significado do homem e da mulher, do masculino e do feminino. [...] uma concepção de política bem como uma referência às instituições e à organização social [...] O quarto aspecto do gênero é a identidade subjetiva." (Scott, 1995, pp. 86 - 87)

No que concerne à construção dos símbolos, Scott (1995) pontua que a sociedade cria as representações simbólicas, como por exemplo as religiosas, organizadas de forma dual - e essas representações são constantemente mencionadas pelos sujeitos. Associada à existência dos símbolos, temos as interpretações de seus significados, que delimitam as suas possibilidades de entendimento – dado que se constituem de maneira binária. Aqui, pensamos nas atribuições que são destinadas aos homens e às mulheres, ao que é feminino e masculino. Pela análise da política, de instituições e do social, a autora considera a necessidade de não nos limitarmos a olhar o gênero apenas no seio do sistema familiar – ele não é exclusivo desse campo. Por último, Scott revela-se de acordo com a perspectiva de Gayle Rubin sobre a identidade de gênero ser um fator que precisa ser analisado como relacional a outras atividades que o sujeito integra, tomando em consideração toda a questão histórica da qual o indivíduo faz parte.

A segunda parte de sua proposição considera que o gênero se reporta a relações de poder, tal como se expressa na sentença: “o gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder.” (Scott, 1995, p. 88) e conclui:

O gênero é uma das referências recorrentes pelas quais o poder político tem sido concebido, legitimado e criticado. Ele não apenas faz referência ao significado da oposição homem/mulher; ele também o estabelece. Para proteger o poder político, a referência deve parecer certa e fixa, fora de toda construção humana, parte da ordem natural ou divina. Desta maneira, a oposição binária e o processo social das relações de gênero tornam-se parte do próprio significado de poder; pôr em questão ou alterar qualquer de seus aspectos ameaça o sistema inteiro. (Scott, 1995, p. 92)

Por meio de seus estudos, Scott (1995) aprimora, e nos possibilita, uma nova visão e uma nova possibilidade de entendimento sobre as questões de gênero, redefinindo o lugar do termo, ampliando a sua visão social, política e cultural.

Heleieth Saffioti, pesquisadora e autora brasileira, acentua que o gênero não pode ser apreciado apenas como uma categoria de análise, mas também como uma categoria histórica. Por categoria histórica, a autora entende as representações colocadas por Scott (1995) - as quais foram delimitadas acima – como: a representação dos símbolos, a linguagem presente por trás deles, a questão política e a identidade subjetiva dos indivíduos. (Saffioti, 2015)

A escritora considera que o gênero não diz respeito apenas ao sistema patriarcal¹, mas o patriarcado é um episódio das relações de gênero. Ademais, pontua que o gênero não é somente um *construto* social, para além disso, ele também é visto no corpo, pela ideologia sexista.

[...] o gênero não é tão somente social, dele participando também o corpo, quer como mão de obra, quer como objeto sexual, quer, ainda, como reprodutor de seres humanos, cujo destino, se fossem homens, seria participar ativamente da produção [...] (Saffioti, 2015, p. 125)

¹ O sistema patriarcal é composto por relações hierarquizadas entre os sujeitos díspares. Eleva-se o controle entre um grupo e outro – nesse caso, os homens assumem o controle e as mulheres são as dominadas. “O valor central da cultura gerada pela dominação-exploração patriarcal é o controle, valor que perpassa todas as áreas da convivência social.” (Saffioti, 2015, p. 122). Ver também Lerner, Gerda, (2019) A criação do patriarcado: história da opressão das mulheres pelos homens. São Paulo: Cultrix.

Já a filósofa feminista Judith Butler, aprofunda e questiona o gênero como sendo meramente uma montagem cultural de um sexo biológico. “Se o gênero são os significados culturais assumidos pelo corpo sexuado, não se pode dizer que ele decorra de um sexo desta ou daquela maneira.” (Butler, 2018, p. 21) Para a escritora, o nosso problema de análise encontra-se primeiramente na concepção do sexo como algo natural, pois “Se o caráter imutável do sexo é contestável, talvez o próprio construto chamado “sexo” seja tão culturalmente construído quanto o gênero;” (Butler, 2018, p. 22)

A autora levanta a questão sobre o que seria o “sexo”, qual a sua história, e a sua relação com o discurso e o gênero. E aponta que:

Se o sexo é, ele próprio, uma categoria tomada em seu gênero, não faz sentido definir o gênero como a interpretação cultural do sexo. O gênero não deve ser meramente concebido como a inscrição cultural de significado num sexo previamente dado (uma concepção jurídica). (Butler, 2018, p. 22)

Pensando na dicotomia entre sexo e gênero e em seu binarismo, Butler (2018) esclarece que a noção de gênero deve ser reformulada, e cita:

Resulta daí que o gênero não está para a cultura como o sexo para a natureza; ele também é o meio discursivo/cultural pelo qual “a natureza sexuada” ou “um sexo natural” é produzido e estabelecido como “pré-discursivo”, anterior à cultura, uma superfície politicamente neutra sobre a qual age a cultura (Butler, 2018, p.22)

Em sua obra *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade* de 2018 [Gender trouble: feminism and the subvertion of identity, 1999] Butler vai além do pensamento da autora francesa Simone de Beauvoir, quando a mesma defende o gênero como advindo da construção social, na frase que a celebrou: “Não se nasce mulher, torna-se mulher”. Butler, reitera que também o sexo é uma construção.

A “nomeação” do sexo é um ato de dominação e coerção, um ato *performativo* institucionalizado que cria e legisla a realidade social pela exigência de uma construção discursiva/perceptiva dos corpos, segundo os princípios da diferença sexual. Assim, conclui Wittig, “somos obrigados, em nossos corpos e em nossas mentes, a corresponder, traço por traço, à ideia de natureza que foi estabelecida para nós [...] ‘homens’ e ‘mulheres’ são categorias políticas, e não fatos naturais”. (Butler, 2018, p. 156)

Realizando uma análise sobre as implicações de Beauvoir, a autora pontua que a filósofa francesa examina a participação feminina no cenário da misoginia, como o “Outro”, como aquela que não faz parte da universalidade.

Para Beauvoir, o “sujeito”, na analítica existencial da misoginia, é sempre já masculino, fundido com o universal, diferenciando-se de um “Outro” feminino que está fora das normas universalizantes que constituem a condição de pessoa, inexoravelmente “particular”, corporificado e condenado à imanência. (Butler, 2018, pp. 27-28)

Dito isso, vemos que Butler (2018), de maneira muito geral, opõem-se à ideia de corpos passivos à cultura, e determinados pelo sexo.

O gênero não deve ser construído como uma identidade estável ou um locus de ação do qual decorrem vários atos; em vez disso, o gênero é uma identidade tenuemente constituída no tempo, instituído num espaço externo por meio de uma repetição estilizada de atos. O efeito do gênero se produz pela estilização do corpo e deve ser entendido, conseqüentemente, como a forma corriqueira pela qual os gestos, movimentos e estilos corporais de vários tipos constituem a ilusão de um eu permanente marcado pelo gênero. (Butler, 2018, p.188)

Em conclusão, complemento aos leitores que, nesta pesquisa, seguiremos a visão do gênero como advindo da construção social, por meio de sujeitos inseridos em um meio e uma cultura. Através de costumes e modos de vidas, as atribuições destinadas ao gênero poderão variar, porém, de modo geral, é pela linguagem e pelas estruturas sociais que os corpos são reconhecidos.

Reportando-se a um estudo que desenvolveu sobre as assimetrias nas representações do gênero, Ligia Amâncio (1992) comenta que os atributos sociais também são internalizados pelos sujeitos por meio da socialização. E complementa:

O gênero é, pois, entendido como uma ordem social, que antecede o sexo e que fornece uma grelha de leitura e de performance para o próprio sexo. O papel da linguagem e do discurso na construção e difusão dessa ordem de gênero é estruturante e as investigações centram-se em métodos como a análise do discurso, que integram uma dimensão política, analisando o modo como gênero e poder são reconstruídos e reproduzidos na linguagem. (Oliveira; Amâncio, 2006, p. 600)

Nesse primeiro momento do presente estudo, pudemos apreciar sucintamente alguns dos percursos traçados sobre as epistemologias de gênero

no Ocidente, refletindo sobre alguns dos contributos trazidos por um conjunto de autoras no âmbito das questões de gênero e sexo.

No tópico seguinte veremos quais são as representações estabelecidas socialmente para os homens e as mulheres, sua assimetria e o poder do meio e da linguagem.

1.2 Representações sociais dominantes de feminilidade

Quando nos interessamos por algo, mergulhamos nas ideias proferidas pelas(os) autoras(es) com os quais mais nos identificamos, e por mais que nos debrucemos sobre o assunto por meses e anos, parece que nossas dúvidas não cessam.

Sabemos, por diversos meios, pelas nossas próprias vivências, pela nossa história e ancestralidade, que as mulheres, a maioria das mulheres, sofreram e ainda sofrem durante a sua passagem pelo mundo. Porém, ‘só’ saber e ‘só’ sobreviver com isso não basta.

Simone de Beauvoir no *Volume 1: Fatos e mitos* da sua obra *O segundo sexo* (2019, p.17), diz que “o presente envolve o passado, e no passado toda a história foi feita pelos homens.” A própria história, os livros, os dados que temos sobre as antigas épocas, foram produzidos e escritos por homens². As mulheres adoravam os deuses que os homens inventavam; elas fazem parte dos mitos e misticismos inventados; as mulheres obedeciam às regras e os valores que os homens inventaram; a sociedade constituiu-se a partir da perspectiva masculina. “O lugar da mulher na sociedade sempre é estabelecido por eles. Em nenhuma época ela impôs sua própria lei.” (Beauvoir, 2019, p.113)

Então, se, as mulheres não ocupavam seus próprios espaços e não se autorizavam de seus desejos, elas tinham seus espaços e seus desejos autorizados e desejados por alguém: os homens. Ocupando o lugar de Outro, de segundo, a mulher é vista como inferior, pois para ocupar esse lugar, precisamos de Um definindo-se como Um. (Beauvoir, 2019).

Em estudo realizado por Amâncio (1992) denominado *As assimetrias nas representações do gênero*, a autora destaca que, através de suas pesquisas empíricas, pode-se concluir que os sujeitos participantes assimilavam certos traços ao que consideravam masculino e feminino – corroborando com a hipótese inicial da assimetria dos gêneros. “[...] o pensamento social sobre as categorias sexuais não define pessoas simplesmente diferentes, mas sim uma pessoa específica que assume significado no quadro de uma função social.” (Amâncio, 1992, p. 9)

² Ver Bock, Gisela (1989) História, história das mulheres, história do gênero. Penélope.

No entanto, estes processos de diferenciação entre os géneros são explicados pelos diferentes papéis atribuídos a homens e mulheres na sociedade (Deaux, 1984, 1985) que são internalizados através da socialização, de modo que a orientação aprendida de papel adequado à identidade do género e as expectativas que lhe estão associadas surgem como principais determinantes, tanto das diferenças entre os sexos, como da diferenciação entre os géneros (Eagly, 1988). Nesta perspectiva, as crenças associadas ao género aparecem como um dado objetivo e explicativo em si mesmo e na vida dos indivíduos, mas não no sistema social que os precede e que orienta os próprios processos de socialização. (Amâncio, 1992, p. 10)

Estas construções de saberes, que embasam as diferenças entre os sexos, são consideradas por Amâncio (1993) como uma assimetria entre o masculino e o feminino. Primeiramente, a diferenciação entre os sexos era contextualizada pelo sexo biológico, porém, esse modo de categorização se torna inseparável dos sujeitos – eles carregam em si esse indicador.

A autora supracitada enfatiza que as interações sociais vividas pelos indivíduos, não devem ser consideradas como irrelevantes, já que os atributos direcionados a cada pessoa, tomam suas forças por meio da partilha social daquele papel.

Assim, ao nível da percepção, a identificação da categoria de pertença de um indivíduo desempenha um papel informativo, na medida em que suscita um “conhecimento” subjetivo sobre ele, do tipo “diz-me a que categoria pertences, dir-te-ei quem és”, enquanto que ao nível do comportamento ela facilita, pela mesma razão, a definição de estratégias antecipatórias. (Amâncio, 1993, p. 130)

A partir dos resultados coletados pela análise dos participantes, Amâncio concluiu que os traços de ‘instrumentalidade’ e ‘dominância’ estão associados ao masculino e a ‘submissão’ e ‘expressividade’ ao feminino. Além disso, “[...] verificamos que o estereótipo feminino inclui a própria designação da categoria a que se refere ‘feminina’ e inclui também um traço orientado para uma função social ‘maternal’, mas isto não acontece no estereótipo masculino.” (Amâncio, 1992, p. 14)

Pelos estudos desenvolvidos pela autora, compreendemos que os conteúdos relacionados aos seres persistem nos discursos populacionais acompanhados de valores:

A relação entre conteúdos e avaliações mostra que o estereótipo feminino engloba traços físicos e afectivos, que apontam para o papel das mulheres na

família e que são considerados positivos, traços de dependência e submissão que são globalmente considerados negativos e traços relacionados com as emoções e a expressão de sentimentos que não reúnem consenso quanto à avaliação. O estereótipo masculino, no entanto, não inclui traços físicos, não apresenta nenhuma dimensão globalmente considerada negativa e não aponta para nenhum papel ou função específicos, antes é composto por uma diversidade de competências do adulto. (Amâncio, 1992, p. 14)

A assimetria das categorias também é perceptível nas chamadas subcategorias de cada uma, pois nas categorias dos homens, ainda temos a subcategoria: “homem-empresário, homem-atleta e homem-pai”; as mulheres possuem apenas a subcategoria “mulher-mãe, enquanto que as de mulher-atleta ou de mulher-empresária já incluem atributos masculinos.” (Amâncio, 1993, p. 131)

Com base nestas considerações é possível inferir as limitações que as mulheres enfrentam no meio social, pois não possuem, como chama Amâncio (1993), “mobilidade” dos atributos:

Assim se explica que uma mulher “fora do seu meio natural”, seja pelo contexto em que se encontra, seja pelo comportamento que assume, suscite um esforço de explicação e justificação por parte dos observadores, que não tem equivalente no caso de um homem. (Amâncio, 1993, p. 131)

Além disso, as representações femininas limitam-se ao espaço específico da família e dos sentimentos, enquanto que o masculino é compreendido e validado como universal. Observamos, com a afirmação de Amâncio (1992, p.20), que as especificidades, muitas vezes marcadas como ‘naturais’, na verdade são as justificações das assimetrias das representações do gênero. “Não basta ver, portanto, nas representações do gênero uma distinção ‘natural’ entre os sexos, mas é necessário considerar que esta distinção ‘natural’ se estabelece entre seres universais e seres situacionais.”

Em estudo posterior, datado de 1993, denominado *Gênero-Representações e Identidades*, Amâncio pontua que pelos resultados dos estudos (entre os anos 1986 e 1992), a noção de ‘adulto’ foi relacionada de maneira diferente para os sexos, sendo para as mulheres, uma questão dependente e variável conforme o contexto em que se é direcionado:

Esta análise mostra claramente a relação simbólica entre a imagem de homem e a imagem de adulto, por um lado, e a particularidade do estereótipo feminino, por outro lado, que inclui poucas características de adulto, sendo uma delas a beleza física, mas inclui várias características que tanto podem ser qualidades como defeitos no adulto, o que aponta para a especificidade contextual dos significados femininos. (Amâncio, 1993, p. 134)

Novamente a assimetria dos gêneros se mostra ostensiva. Quando algo está relacionado com as mulheres, o sentido é diferente, é singular; mas com os homens as coisas funcionam de modo diferente, sem abertura para incertezas. Nesse sentido, Amâncio aponta que:

(...)a individualidade inscrita nos significados do ser homem permite aos indivíduos do sexo masculino manifestar a sua singularidade. Não em relação aos outros homens, como em relação aos contextos, sem que isso entre em contradição com a sua identidade colectiva, enquanto que no caso das mulheres, o próprio sentido colectivo inscrito nos significados do ser mulher implica que a manifestação da singularidade se faça necessariamente em ruptura com a identidade colectiva, obrigando à fusão da identidade individual na identidade social, desde que esta última seja significante para os indivíduos. (Amâncio, 1993, p. 135)

Avançando nos estudos centrados na oposição entre as categorias sexuais num contexto patriarcal, Heleith Saffioti, em seu texto *O poder do macho* (1987), explana a atribuição de diferentes papéis aos sujeitos justificada na construção e discriminação sociocultural. As atividades circunscritas ao lar e ao domínio privado, são atribuídas às mulheres. Isso envolve: o cuidado e a educação dos filhos, a orientação de funcionárias no lar, a responsabilidade pela casa, a alimentação e o manejo por uma boa relação matrimonial.

No seio da família, a dominação masculina pode ser observada em praticamente todas as atitudes. Ainda que a mulher trabalhe fora de casa em troca de um salário, cabe-lhe realizar todas as tarefas domésticas. Como, de acordo com o modelo, os afazeres domésticos são considerados "coisas de mulher", o homem raramente se dispõe a colaborar para tornar mais fácil a vida de sua companheira. (Saffioti, 1987, p. 50)

Já o macho deve interditar sua sensibilidade e sentimentos, prezando sempre pelo oposto, ou seja, ser forte, corajoso, prover a economia do lar e não fracassar. Castrar-se psicologicamente e organicamente. (Saffioti, 1987) "Mas ser macho não significa somente ter êxito econômico. Ao macho estão sempre

associados valores tais como força, razão, coragem. [...] Para não correr o risco de não encarnar adequadamente o papel do macho o homem deve inibir sua sensibilidade.” (Saffioti, 1987, p. 25)

Contudo, a escritora nos alerta para não cairmos no entendimento das funções como sendo ‘naturais’. “Rigorosamente, os seres humanos nascem machos ou fêmeas. É através da educação que recebem que se tornam homens e mulheres. A identidade social é, portanto, socialmente construída.” (Saffioti, 1987, p. 10)

Quando os bebês nascem – independente do sexo biológico – eles demandam os mesmos cuidados e atenção. Sem amor, proteção, afeto e cuidado, os bebês provavelmente falecerão, pois não possuem capacidades para se manterem vivos. Dependem de outra pessoa para atender suas necessidades.

No mesmo âmbito, os bebês não conseguem perceber-se como diferenciados sexualmente. Eles vivem todo o sofrimento do nascimento, a amamentação, o conhecimento do seu corpo, as satisfações por prazeres, exploram suas mães, testando seu amor e atenção. Mas ainda não se enxergam como sujeitos separados do Outro³. (Beauvoir, 2019b)

Com o seu desenvolvimento em sujeito pulsional, a criança começa a se reconhecer como um ser único no mundo. Porém, não podemos esquecer, que esse sujeito só foi construído e se manteve animado, pela intervenção de outrem em seu desenvolvimento. Vale ressaltar, que esse outrem também foi formado, constituído e desenvolvido em um meio social – o qual dispõe de seus valores, regras, virtudes e concepções.

É a partir dos primeiros quatro anos de vida, que começamos a perceber as diferenças de atitudes entre as meninas e os meninos (diferença essa, que só é possível por estarmos em uma sociedade). Com as falas e as atitudes dos familiares, as questões entre os sexos vão aparecendo: “um homem não pede beijo”, “um homem não chora”, “deixe as mulheres que fiquem com as mulheres”. (Beauvoir, 2019b)

³ Ver Lacan, J. (1987). Os complexos familiares: Na formação do indivíduo. Zahar.

O pênis torna-se um órgão cheio de significados para os meninos. É o representante da virilidade, da diferença, da valorização do corpo e do sentimento de superioridade. (Beauvoir, 2019b) O sociólogo francês Pierre Bourdieu (2020, p. 24) comenta que a diferença dos órgãos sexuais masculino e feminino esbarra nos princípios da razão androcêntrica:

Bastaria seguir a história da “descoberta” do clitóris, tal como a relata Thomas Laqueur, prolongando-a até a teoria freudiana da ligação da sexualidade feminina do clitóris para a vagina, para acabar de demonstrar que, longe de desempenhar o papel fundante que lhes é atribuído, as diferenças visíveis entre os órgãos sexuais masculino e feminino são uma construção social que encontra seu princípio nos princípios de divisão da razão androcêntrica, ela própria fundamentada na divisão dos estatutos sociais atribuídos ao homem e à mulher.

A menina, pelo contrário, não pode desenvolver interesse pelo seu corpo, ao contrário, ela busca suas referências fora de seu corpo. É por meio das bonecas, das princesas de contos de fadas que a menina irá se identificar e se comparar.

A grande diferença está em que, de um lado, a boneca representa um corpo na sua totalidade e, de outro, é uma coisa passiva. Por isso, a menina será encorajada a alienar-se em sua pessoa por inteiro e a considerá-la um dado inerte. Ao passo que o menino procura a si próprio no pênis enquanto sujeito autônomo, a menina embala sua boneca e enfeita-a como aspira a ser enfeitada e embalada; inversamente, ela pensa a si mesma como uma maravilhosa boneca. Através de cumprimentos e censuras, de imagens e de palavras, ela descobre o sentido das palavras "bonita" e "feia"; sabe, desde logo, que para agradar é preciso ser "bonita como uma imagem"; ela procura assemelhar-se a uma imagem, fantasia-se, olha-se no espelho, compara-se às princesas e às fadas dos contos. (Beauvoir, 2019b, p. 23)

Com as diferenças e impossibilidades ditadas, os destinos vão-se moldando. Percebe-se que as brincadeiras não são permitidas de maneira igual para as meninas e os meninos; as vestimentas são diferentes; as cores são restringidas e selecionadas com base no sexo; as atividades consideradas violentas, de lutas, são incentivadas para praticantes masculinos; os brinquedos que imitam a casa, a comida, os bebês como filhos, são presentes dados às meninas; entre outras questões que, não possuem embasamento biológico, mas que se fazem presente em vários momentos.

Assim, a passividade que caracterizará essencialmente a mulher “feminina” é um traço que se desenvolve nela desde os primeiros anos. [...] é um destino que lhe é imposto por seus educadores e pela sociedade. (Beauvoir, 2019b, p. 24)

Com o desenvolvimento corporal, Beauvoir (2019b, p.63) analisa uma diferença muito significativa para as meninas no período da puberdade, por volta dos 13 anos de idade, e comenta:

Essa crise ocorre numa idade ainda tenra; o menino só atinge a adolescência por volta de 15 ou 16 anos; é de 13 aos 14 que a menina se transforma em mulher. Mas não é daí que vem a diferença essencial de sua experiência; ela não reside tampouco nas manifestações fisiológicas que, no caso da moça, lhe dão sua horrível aparência: a puberdade assume nos dois sexos uma significação radicalmente diferente porque não é um mesmo futuro que se anuncia a eles.

E se agora nos perguntarmos, o que acontece quando um homem ou uma mulher ‘desobedece’ a essas regras e seguem por outras vias? Amâncio (1992, p. 19) nos conta que, quando uma mulher ultrapassa os atos delimitados a ela, ela vai contra a sua feminilidade e cai no campo oposto: o da masculinidade.

De facto, do mesmo modo que no estudo anterior os actores do sexo feminino eram percebidos como ‘masculinos’ quando o seu comportamento ultrapassava os limites definidos pela ‘feminilidade’, o que este último estudo mostra é que o comportamento das mulheres, ou se explica pelas normas de comportamento relacional contidas no estereótipo feminino, ou pelas normas do contexto.

Simone de Beauvoir (2019b, p.26) também nos alerta sobre as relações de feminilidade feitas às mulheres:

Hoje, graças às conquistas do feminismo, torna-se dia a dia mais normal encorajá-la a estudar, a praticar esporte; mas perdoam-lhe mais do que ao menino o fato de malograr; tornam-lhe mais difícil o êxito, exigindo dela outro tipo de realização: querem, pelo menos, que ela seja também uma mulher, que não *perca* sua feminilidade.

Com a elaboração do feminismo e dos atos feministas, vemos que as mulheres têm demandado espaços e lugares (simbólicos) que até então não lhes eram permitidos. Graças a luta e a manifestações, hoje as mulheres podem ocupar lugares antes proibidos, taxados como inapropriados.

Especialmente nesse trabalho, iremos abordar e discutir as narrativas de mulheres-atletas que se permitiram seguir seus desejos e vontades, romper com as expectativas tradicionais, dominantes relativas ao seu sexo e ocupar um lugar

que até então era apenas reservado exclusivamente aos homens: o esporte, o fisiculturismo.

1.3 O corpo como construção cultural

Dado que uma parte substancial do presente estudo se centra nas narrativas sobre o corpo das atletas fisiculturistas, importa entrar em linha de conta com algumas problematizações e algumas teorizações feministas sobre o corpo.

Desde o capítulo I tem-se vindo a impor a ideia de que, nós, sujeitos, somos seres relacionais, não conseguimos viver e sobreviver sem a presença de outra pessoa que disponha de seu tempo e energia para fazer de nós seres humanos. Assim como, em escala global, os indivíduos pertencem a uma sociedade e nessa sociedade há costumes singulares, jeitos, língua, valores, comida, religião, etc, que são notáveis e preponderantes em cada uma. Antes de avançarmos, é importante considerar que o corpo já não é mais apenas compreendido como uma massa anatômica e fisiológica: ele é também um emaranhado de elementos simbólicos – os quais, foram introjetados por meio da linguagem e da socialização. (Rodrigues, 1989). É nessa linha que se situará, por exemplo, a posição de Rosi Braidotti que em “*Becoming woman or sexual Difference revisited*” (2003) define corpo como uma construção cultural e um interface:

The body is an interface, a threshold, a field of intersecting material and symbolic forces, it is a surface where multiple codes (race, sex, class, age, etc.) are inscribed. It's a cultural construction that capitalizes on the energies of a heterogenous, discontinuous and unconscious nature. (Braidotti, 2003, p.46)

Portanto, o corpo é afetado pela cultura e pelo complexo social. Butler (2018, p. 186) elucida que “o corpo não é um “ser”, mas uma fronteira variável, uma superfície cuja permeabilidade é politicamente regulada, uma prática significativa dentro de um campo cultural de hierarquia do gênero e da heterossexualidade compulsória [...]”

O fato de o corpo gênero ser marcado pelo *performativo* sugere que ele não tem *status* ontológico separado dos vários atos que constituem sua realidade. Isso também sugere que, se a realidade é fabricada como uma essência interna, essa própria interioridade é efeito e função de um discurso decididamente social e público, da regulação pública da fantasia pela política de superfície do corpo, do controle da fronteira do gênero que diferencia interno de externo e, assim, institui a “integridade” do sujeito. (Butler, 2018, pp. 182-183)

A cultura é construída por intermédio do ser humano com o seu meio social, através da experiência e de atribuição de significado às coisas. Logo, os sinais, os signos e os símbolos não vivem *per se*. (Hasse, 2003)

Como expõe Rodrigues (1989, p. 10) “a sociedade não é simplesmente uma “coisa”, mas uma construção do pensamento”. Quer dizer, a sociedade possui suas significações próprias, suas representações que são advindas por meio da linguagem, e é por meio de sua lógica, que os indivíduos daquele lugar se orientam.

A Cultura, distintivo das sociedades humanas, é como um mapa que orienta o comportamento dos indivíduos em sua vida social. Puramente convencional, esse mapa não se confunde com o território: é uma representação abstrata dele, submetida a uma lógica que permite decifrá-lo. Viver em sociedade é viver sob a dominação dessa lógica e as pessoas se comportam segundo as exigências dela, muitas vezes sem que disso tenham consciência. (Rodrigues, 1989, p. 11)

É relevante ponderar, que, a lógica que paira como um sistema sob os sujeitos, é exercida de maneira muito sutil e espontânea, que nem mesmo os indivíduos se dão conta da força que ela exerce sob o todo. Esse é o nexos que Bourdieu (1989) irá denominar de poder simbólico.

Para desenvolvermos de maneira mais clara a força do poder simbólico, precisamos atentar primeiramente nos chamados “sistemas simbólicos”. Bourdieu (1989) aponta que os sistemas simbólicos são aqueles compostos que constroem o conhecimento e a comunicação social, como por exemplo a língua, a religião, os mitos e outros. Esses grandes sistemas geram uma concordância, um consenso de seus sentidos estruturantes no meio social, alcançando, portanto, poder estruturante.

O poder obtido pelo conformismo das concepções, desenvolve instantaneamente uma ordem, e essa ordem é tão maciça que toma proporções políticas. A função política do poder simbólico recai nas divisões de classes – dominantes e dominados, (Bourdieu, 1989), tal como refere Bourdieu:

É enquanto instrumentos estruturados e estruturantes de comunicação e de conhecimento que os «Sistemas simbólicos» cumprem a sua função política de instrumentos de imposição ou de legitimação da dominação, que contribuem para assegurar a dominação de uma classe sobre outra (violência simbólica) dando o reforço da sua própria força às relações de força que as fundamentam

e contribuindo assim, segundo a expressão de Weber, para a «domesticação dos dominados>>. (Bourdieu, 1989, p. 11)

Nessa perspectiva, o poder que as classes dominantes exercem sobre os dominados, por meio da comunicação e da geração de conhecimento, é um poder disfarçado de interesse comum/ universal.

O poder simbólico é uma força não comum, pois para ela ser exercida, não há emprego de imposição física, de contato. Pelo contrário, o poder está presente nas interações e conseqüente incorporação. É um “[...] poder quase mágico que permite obter o equivalente daquilo que é obtido pela força (física ou económica), graças ao efeito específico de mobilização, só se exerce se for reconhecido, quer dizer, ignorado como arbitrário.” (Bourdieu, 1989, p.14)

A crença e aceitação dos ditos de ordem só se mantem porque na relação entre quem possui o controle – grupo dominante - e quem está sujeito a ele – grupo dominado - há reconhecimento e legitimidade do discurso, e em quem o verbaliza. Por meio dessa lógica é que se pode perceber como o poder simbólico é irreconhecível, além de ser uma maneira modificada de outros poderes.

Em complemento, Rodrigues (1989, p. 11) expõe sobre o processo das representações e suas lógicas:

O fato é que, uma vez constituídos, os sistemas de representações e sua lógica são introjetados pela educação nos indivíduos, de forma a fixar as similitudes essenciais que a vida coletiva supõe, garantindo, dessa maneira, para o sistema social, uma certa homogeneidade. Essas categorias do pensamento coletivo são, pois, verdadeiras instituições fixadas em nossas almas e pelo processo de socialização.

Examinando o processo de socialização, citado previamente, temos que esse sujeito social do qual muito falamos, é o sujeito individual portador do que Bourdieu denomina de *habitus*. De maneira resumida, na teoria bourdieusiana, o *habitus* é o conjunto de provisões adquiridas pelos indivíduos por meio da socialização em um determinado ambiente, com as suas determinadas características. (Montagner, 2006)

Uma das funções da noção de *habitus* é a de dar conta da unidade de estilo que vincula as práticas e os bens de um agente singular ou de uma classe de agentes [...] O *habitus* é esse princípio gerador e unificador que retraduz as características intrínsecas e relacionais de uma posição em um estilo de vida

unívoco, isto é, em um conjunto unívoco de escolhas de pessoas, de bens, de práticas. (Bourdieu, 1996, pp.20-21)

Por isso, os *habitus* são diversos e diferenciados uns dos outros, além de serem meios classificatórios.

Mas o essencial é que, ao serem percebidas por meio dessas categorias sociais de percepção, desses princípios de visão e de divisão, as diferenças nas práticas, nos bens possuídos, nas opiniões expressas tornam-se diferenças simbólicas e constituem uma verdadeira *linguagem*. As diferenças associadas a posições diferentes, isto é, os bens, as práticas e sobretudo as *maneiras*, funcionam, em cada sociedade, como as diferenças constitutivas de sistemas simbólicos, como o conjunto de fonemas de uma língua ou o conjunto de traços distintivos e separações diferenciais constitutivas de um sistema mítico, isto é, como *signos distintivos*. (Bourdieu, 1996, pp.21-22)

Em suma, percebe-se que a teoria de Pierre Bourdieu é importante para compreendermos a construção dos corpos como corpos sociais, e toda a relação e lógica relacional presente em diversas sociedades e culturas. Ainda assim, será relevante avançarmos em suas concepções, para chegarmos ao seu conceito de capital. Porém, antes disso, iremos percorrer os estudos de Judith Butler e suas considerações sobre os corpos.

Judith Butler trabalha e teoriza de maneira extensa as questões de gênero, de sexo e sua formulação sobre os corpos em diversas obras. Em seu livro *Corpos que importam: Os limites discursivos do “sexo”* (2023) [*Bodies that matter: On the discursive limits of “sex”* (1993)] nota-se que a autora trabalha em sua formulação sobre os corpos – e quais corpos importam ou deixam de importar para a sociedade – em articulação com a teoria do “sexo”. Ou seja, não há corpo sem “sexo”.

De acordo com Butler (2023, p. 9), os estudantes “às vezes, esquecem que “o” corpo vem em gêneros.” Isso nos diz, que por muitas teorias, o gênero se apresenta em nossas vidas como uma definição dada por meio de normas, confinando-as e deixando-as menos vivíveis.

[...] algumas destas definições que são tomadas frequentemente demais como dadas, dentro do campo político, efetivamente tornam a vida menos vivível. Estas podem ser definições de gênero, premissas sobre o corpo ou a sexualidade, ou formas de compreensão de como o poder opera. Minha perspectiva é de que a vida é certamente mais vivível quando nós não estamos confinadas, enquanto pessoas, a categorias que não funcionam para nós. (Butler, 2016, p.24)

Aprofundando as suas formulações sobre os corpos, Butler aponta a importância da consideração do “sexo”. Em juízo, o “sexo” é normativo, ou seja, o “sexo” é uma norma que age na regulação dos corpos, e a regulação atua como poder discursivo, que produz e controla os corpos. “Não se trata de um simples fato ou uma condição estática do corpo, mas de um processo no qual normas regulatórias materializam o “sexo” e alcançam essa materialização com uma reiteração forçada dessas normas.” (Butler, 2023, p. 16)

Chegamos em um ponto crucial da obra de Butler, que é a formulação da materialidade dos corpos. De acordo com a autora, a materialização dos corpos se dá a partir do efeito do poder, onde normas reguladoras regem a dinâmica e atributos dos corpos; ademais, o poder é exercido através do discurso, e de maneira constante e insistente; além disso, a produção do “sexo” é quem orienta a materialização dos corpos, e não mais um dado corporal como se discutia anteriormente; refletindo sobre o sujeito nesse meio, temos que, os sujeitos não se submetem às normas, mas eles vivem-nas; eles incorporam seu “sexo” pelo processo de identificação, e novamente pelo poder do discurso. Em nota:

(1) a reformulação da matéria dos corpos como o efeito de uma dinâmica de poder, de modo que a matéria dos corpos seja indissociável das normas regulatórias que governam sua materialização e a significação desses efeitos materiais; (2) a compreensão da performatividade não como o ato em que um sujeito traz à existência o que nomeia, mas como esse poder reiterativo do discurso para produzir os fenômenos que regula e impõe; (3) a construção do “sexo” não mais como um dado corporal sobre o qual a construção de gênero é artificialmente imposta, mas como uma norma cultural que rege a materialização dos corpos; (4) uma reconsideração do processo pelo qual *um sujeito* assume, se apropria, adota uma norma corporal não como algo que, estritamente falando, ele *se submete*, mas como uma etapa pela qual o sujeito, o “eu” falante, é formado em virtude de ter passado por esse processo de assumir um sexo; e (5) uma ligação entre esse processo de “assumir” um sexo com a questão da *identificação* e com os meios discursivos pelos quais o imperativo heterossexual permite certas identificações sexuadas e forclui ou nega outras identificações. (Butler, 2023, p. 17)

As normas que operam na rigidez dos corpos, operam de maneira performativa, reiterando pelo discurso, aquilo que nomeia. O conceito de performatividade é um conceito extremamente importante de sua teoria, e em *Corpos que importam: Os limites discursivos do “sexo”* (2023) [*Bodies that matter:*

On the discursive limits of “sex” (1993)], Butler (2023, p.40) explicita cinco pontos em relação a essa noção, que seguem:

(a) A performatividade de gênero não pode ser teorizada independentemente da prática forçada e reiterativa dos regimes sexuais reguladores; (b) a capacidade de agência condicionada pelos próprios regimes do discurso/poder não pode ser confundida com voluntarismo [...] e de modo algum supõe a existência de um sujeito que escolhe; (c) o regime da heterossexualidade opera para circunscrever e contornar a “materialidade” do sexo [...] (d) a materialização de normas requer que ocorram esses processos identificatórios [...] (e) os limites do construtivismo são expostos nesses limites da vida corpórea nos quais corpos abjetos ou deslegitimados deixam de ser considerados como “corpos”.

Então, a autora questiona-se sobre a realidade da construção dos corpos, se perguntando: até que ponto os corpos são ou não construídos. Em seu artigo *Corpos que ainda importam* (2016, pp. 24-25), a escritora aponta para o fato

[...] que dizer que um corpo é construído não é dizer que ele é completamente construído, ou que ele não é nada senão uma construção. Nós temos que compreender em que sentido, e até que ponto, um corpo é modelado e dotado de significado em virtude do paradigma histórico em que ele é compreendido.

Diferenciando-se em certos pontos do sociólogo Pierre Bourdieu, Butler (2016) infere que os corpos não podem ser identificados por um nome específico, pois suas diversas formas de ser acabam sendo incapturáveis pelo discurso. Segundo a autora, carregamos uma “humildade conceitual” ao nos referirmos aos corpos.

Talvez o que chamamos de sua “materialidade” constantemente escape a qualquer nome que possamos lhe dar. Não há somente um nome para o corpo, e então, seja o que for o corpo, ele não é nunca capturado por algum nome em específico. Ele está lá, elusivo, persistente, e ainda no final das contas talvez seja aquilo que há de mais incapturável pelo discurso. Esse não é um caminho na direção de negar que o corpo exista; é, bem mais, uma forma de dizer que não importa o quão rígidas sejamos em nossas reivindicações por saber e capturar, e verificar, e produzir o corpo material, estamos atadas a um discurso que não se pode proclamar como a única maneira de compreender o que é um corpo e o que ele significa. Os corpos sobrevivem, às vezes como seres vivos, às vezes não, e nós buscamos dar um nome àquilo que nunca poderá ser completa ou finalmente nomeado. O corpo é, talvez, o nome para nossa humildade conceitual. (Butler, 2016, p. 27)

Por meio de sua teorização e assim como em Bourdieu, capturamos o peso do poder em nossas vidas e existência. Mesmo antes de nascermos já somos atingidos por ideais e fantasias sobre nós, nosso nome, nossos gostos, o que

fazemos, o que seremos. A construção do corpo e do sujeito se dá ativamente pelo poder, seja ele velado ou explícito há sempre um investimento. A esse respeito Medeiros (2011, p.286) nos aponta que

O corpo não representa um papel, não interpreta um personagem e sim se identifica com este formato determinado socialmente, constituindo a partir deste formato a imagem de si, como a imagem que o conforma enquanto indivíduo e por isso mostra o “que ele é”.

Avançando nas teorizações de Pierre Bourdieu, o autor discute e tece a noção de capital, que pode ser categorizada em quatro tipos: o capital social, econômico, cultural e simbólico. De maneira sucinta, o capital social é considerado como subordinado ao processo de socialização, pois é através das redes de ligações entre os sujeitos – que possuem interesses em comum – que os indivíduos constroem suas extensas redes de contatos (Bourdieu, 2007); já o capital econômico, possui relação com a renda, ou seja, o rendimento de salário, benefícios, propriedades e valores em bens gerais do sujeito possuidor (Bourdieu, 2011); O capital cultural provem dos investimentos escolares realizados por cada indivíduo, e dentro dessa categoria temos: o capital cultural como (a) estado incorporado, (b) estado objetivado e (c) estado institucionalizado. O item (a) diz respeito a incorporação e aquisição de capital cultural, de maneira que “o capital cultural é um ter que se tornou ser, uma propriedade que se fez corpo e tornou-se parte integrante da “pessoa”, um *habitus*.” (Bourdieu, 2007, p. 74). O item (b) diz sobre o capital cultural materializado, em forma de pinturas, obras e escritos. E o item (c) diz sobre o capital cultural em seu valor de diploma, pelo qual os sujeitos sustentam o seu saber cultural; por último, temos o capital simbólico, o qual é considerado o capital incorporado da estrutura, como os juízos sociais. (Bourdieu, 1989)

Pois então qual é a relação do poder do corpo social com os conceitos de capital instituídos por Bourdieu? Aqui encontramos outra via régia para aprofundarmos nossos estudos na construção do corpo. O autor considera o corpo também como capital, um capital corporal, que é visto e percebido nas trocas e interesses sociais, assim como no esporte.

De acordo com Bourdieu (2011), os sujeitos que se dispõem a praticar um esporte, seja ele qual for, escolhem-no por suas preferências, e os ganhos que se

têm por meio dele, também são individuais. Há “ganhos específicos”, como os ganhos corporais em si e os efeitos visíveis no corpo; e os “ganhos extrínsecos”, no sentido dos contatos sociais e econômicos que a devida prática trará em forma de recompensa ao sujeito.

A relação instrumental com o próprio corpo que as classes populares exprimem em todas as práticas que têm o corpo como objeto ou pretexto-regime alimentar ou cuidados de beleza, relação com a doença ou cuidados com a saúde - manifesta-se também na escolha dos esportes que, além de implicarem um grande investimento de esforços, de dificuldade ou, até mesmo, de sofrimento (tal como o boxe), exigem, as vezes, a utilização do próprio corpo-tais como a motocicleta, o pára-quedismo, todas as formas de acrobacia e, em certa medida, todos os esportes de combate. (Bourdieu, 2011, p. 200)

Alcançamos a ideia de que o corpo não é apenas a consideração de sua massa corporal, mas que também é o fruto de um discurso, um discurso social pautado pelo poder. Nesse emaranhado de simbologias e significados atribuídos aos corpos, temos a materialização do corpo e conseqüentemente do “sexo” – como Butler nos explicou há pouco. Nesse momento, avançamos para um corpo em movimento, que escolhe ativamente o que se deseja realizar por meio dele. Então, chegamos ao conceito do corpo como capital, o capital corporal, aquilo que Bourdieu nos apresenta como sendo o ganho através do corpo.

A antropóloga brasileira Mirian Goldenberg (2011) seguirá os pensamentos do sociólogo e trará suas contribuições sobre a noção do capital corporal. A autora reforça a visão do corpo como capital, a partir de sua pesquisa realizada no Rio de Janeiro - Brasil, sobre o que atrai os homens e as mulheres uns pelos outros, e como se sentem atraídos. Como resposta, a autora verificou que a palavra *Corpo* aparecia de maneira recorrente em diversos discursos, pois os sujeitos da pesquisa demonstraram encarar o corpo como um bem precioso. É por meio dele, que os sujeitos, de diferentes classes sociais, se empenham para atingir uma ascensão – matrimonial, no trabalho e de maneira social. Porém, não estamos falando de qualquer corpo/ natural (sem intervenções e interferências), mas sim um corpo distinto, um corpo que trabalhou com muito sacrifício para ser alterado.

Neste sentido, além de um capital físico, o corpo é um capital simbólico, um capital econômico e um capital social. No entanto, é preciso ressaltar que este corpo capital não é um corpo qualquer. É um corpo que deve ser sempre sexy,

jovem, magro e em boa forma. Um corpo conquistado por meio de um enorme investimento financeiro, muito trabalho e uma boa dose de sacrifício. (Goldenberg, 2011, p. 49)

A importância conferida à aparência física, tanto por parte dos homens, quanto das mulheres, gerou um despertar na busca pela compreensão dessas atitudes. Goldenberg (2006) salienta que a partir da década de 1980, o corpo da mulher brasileira passou por um processo de imitação da moda europeia, e esses novos modelos buscam: jovialidade, beleza e magreza. “É o corpo que entra e sai da moda.” (Goldenberg, 2006, p. 118)

Dedicando-se ao Brasil, Goldenberg (2011) avalia a relevância que o corpo tem para os indivíduos. Apontou que o país se encontra no ranking de maior número de cirurgias plásticas realizadas, além de procedimentos estéticos.

Ao longo do tópico seguinte, abordaremos o peso e amplitude do corpo investido, trabalhado e modificado, como um resultado da construção do padrão de beleza brasileiro. Além disso, discutiremos ainda os aspectos de beleza e feminilidade destinados à valorização dos corpos das mulheres.

1.4 Beleza e feminilidade

Podemos perceber que o processo das construções dos corpos é uma conjectura, além de social, muito subjetiva. Por meio da socialização e do 'ser' no mundo, os indivíduos se constroem e se escolhem: o que fazem daquilo que lhes é apresentado. Nesse subcapítulo iremos abordar as cultuações dos corpos, principalmente femininos, visíveis na preocupação e investimento nos cuidados do corpo.

Bourdieu (2020) sugere que as ordens sociais também são ordens inscritas nos corpos, por meio de "injunções táticas", como por exemplo as posturas corporais. Para o autor, a chamada 'feminilidade' exigida das mulheres pelos sistemas simbólicos, seria a "arte de "se fazer pequena" (Bourdieu, 2020, p. 53), justificada nas posturas corporais submissas/ convenientes; enquanto os machos ocupam o seu corpo de maneira colossal.

Essas maneiras de usar o corpo, profundamente associadas à atitude moral e à contenção que convêm às mulheres, continuam a lhes ser impostas, como que à sua revelia, mesmo quando deixaram de lhes ser impostas pela roupa (como o andar com passinhos rápidos de algumas jovens de calças compridas e sapatos baixos). E as poses ou as posturas mais relaxadas, como o fato de se balançarem na cadeira, ou de porem os pés sobre a mesa, que são por vezes vistas nos homens – do mais alto escalão – como forma de demonstração de poder, ou, o que dá no mesmo, de afirmação, são, para sermos exatos, impensáveis para uma mulher. (Bourdieu, 2020, pp. 54-55)

Para o autor, os esquemas corporais construídos serão a base para a percepção de cada sujeito sobre seu corpo, e a dominação masculina é a ocasionadora das inseguranças corporais que muitas das mulheres possuem. "Incessantemente sob o olhar dos outros, elas se veem obrigadas a experimentar constantemente a distância entre o corpo real, a que estão presas, e o corpo ideal, do qual procuram infatigavelmente se aproximar." (Bourdieu, 2020, p. 112)

As expressões de feminilidade e de 'ser' feminina, são questões levantadas por Bourdieu (2020, p. 162) em suas análises sobre o poder e a dominação masculina. O autor refere que:

Ser 'feminina' é, essencialmente, evitar todas as propriedades e práticas que podem funcionar como sinais de virilidade; e dizer de uma mulher de poder que ela é "muito feminina" não é mais que um modo particularmente sutil de negar-lhe qualquer direito a este atributo caracteristicamente masculino que é o poder.

O escritor Pierre Bourdieu aponta diversas vezes, em sua obra, a respeito do poder social que é exercido sobre as mulheres, seguindo as bases da razão androcêntrica e a violência simbólica. Seus escritos podem articular-se com as análises da autora Naomi Wolf (2022) em *O mito da beleza: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres* [*The beauty myth: how images of beauty are used against women* (1991)], sobre o impacto da ideologia da beleza no controle social das mulheres; o chamado mito da beleza.

De acordo com a autora, os assuntos que se prendem com a beleza, o cuidado com o corpo, a estética e os usos de cosméticos tornaram-se a nova modalidade de controle e imposição social, pois os antigos mitos de domesticidade e passividade haviam perdido suas forças. Agora “a modelo jovem e esquelética tomou o lugar da feliz dona de casa como parâmetro da feminilidade bem-sucedida.” (Wolf, 2022. p. 27)

Percebemos que as exigências em relação às mulheres não se esgotam, elas apenas se mascaram de outras faces. Lipovetsky (2000, p. 135) também acredita que “de um lado, o corpo feminino se emancipou amplamente de suas antigas servidões, sejam sexuais, procriadoras ou indumentárias; do outro, ei-lo submetido a coerções estéticas mais regulares, mais imperativas, mais geradoras de ansiedade do que antigamente.”

Então o que seria o mito da beleza? O mito da beleza está relacionado com a política e com as crenças da dominação masculina. Ao delimitar socialmente um padrão físico desejável e esbelto, as mulheres correm para alcançá-lo, para competir de maneira “antinatural”. Por isso, o mito da beleza possui relação com as instituições masculinas, e as instituições masculinas mudam de tempo em tempo. Hoje, o mito possui extrema relação com a industrialização. (Wolf, 2022)

Segundo Lipovetsky (2000), as demandas por beleza e cuidado são diferentes para os homens e para as mulheres, os corpos são carregados por outras significações, não igualitárias. As mulheres são denominadas como o “belo sexo”, e os critérios que o regem variam com o tempo e a cultura.

Nos períodos mais remotos (paleolítico e neolítico), quando as mulheres ainda não eram consideradas como o ‘belo sexo’, elas eram representadas nuas em esculturas e pinturas; seus seios eram flácidos; com bacias avantajadas;

sendo claro que, a expressividade mostrada de forma artística não estava voltada para a beleza do corpo feminino, mas sim para o seu poder de fecundidade. (Lipovetsky, 2000)

O culto da beleza feminina só teve lugar com o desenvolvimento da divisão das classes e a desigualdade social. Os gregos iniciaram suas homenagens às mulheres, por meio das esculturas e dos poemas, onde a mulher ocupava lugar central na sedução. Seus corpos já tomavam forma harmoniosa, buscando retratar a perfeição e o ideal a ser atingido. (Lipovetsky, 2000)

Ao mesmo tempo, os escultores exaltaram, como nunca antes, as formas físicas da mulher. Coberto, depois nu, o corpo feminino adquire as proporções ideais que guiarão o trabalho dos artistas até o fim do século XIX. Harmonia das partes com o todo, seios fartos, cintura fina, balanço do quadril fazendo repousar o peso do corpo sobre uma perna: a escultura grega ambiciona criar a perfeição física do feminino. Não mais uma celebração religiosa do poder de fecundidade, mas a purificação formal do corpo, a busca da beleza ideal, que segundo Plínio, deve realizar-se pela escolha, entre uma multidão de modelos, daqueles que são considerados mais belos. (Lipovetsky, 2000, p. 109)

É por volta do século XV e XVI que o *boom* do belo sexo e a suprema beleza feminina é descrita, pelo “reconhecimento explícito e “teorizado” da superioridade estética do feminino e glorificação hiperbólica de seus atributos físicos e espirituais.” (Lipovetsky, 2000, p. 113) Nesse momento, a comparação da mulher com os mitos da divindade e a exuberância de seus corpos ocupam lugar de relevo na pintura e poesia.

Nesse mesmo período, observamos métodos e vestimentas mais precisas, como o uso do espartilho, as roupas modeladas e longas usadas pelas mulheres. Desse modo, foi-se caracterizando os atributos e as vestimentas pela segmentação dos sexos.

Os livros de civilidade igualmente exortam as mulheres a afirmar sua feminilidade. No terceiro livro do Cortesão, Castiglione escreve: “Afirmo que uma mulher não deve, de jeito nenhum, parecer-se com um homem em seus modos, suas maneiras, suas palavras, seus gestos e seu comportamento”. (Lipovetsky, 2000, p. 124)

Ao pensamento de Lipovetsky poderá associar-se a autora Susan Bordo (1997), quando debate sobre os regulamentos práticos e vivíveis vinculados aos corpos, os quais contribuem para a regulamentação da dominação masculina e simbólica dos poderes.

Considerem este exemplo particularmente claro e apropriado: a figura do tipo "ampulheta" do século XIX, realçando peitos e ancas em contraste a uma cintura de vespa, era uma forma simbólica "inteligível", representando um ideal doméstico, sexualizado da feminidade. O contraste cultural bem definido entre a forma feminina e a masculina, tornado possível pelo uso de espartilhos, anquinhas etc, refletiu, em termos simbólicos, a divisão dualista da vida social e económica em esferas masculinas e femininas claramente definidas. Ao mesmo tempo, para conseguir a aparência especificada, exigia-se uma praxis feminina particular— usar espartilhos apertados, comer o mínimo, movimentar-se pouco — tendo como resultado um corpo feminino incapaz de executar atividades fora de sua esfera designada. (Bordo, 1997, p. 34)

A visão da bela mulher, ligada ao elitismo dos séculos passados, cai por terra com a modernidade. A partir dos anos 40 do século XX, a população começa a possuir maior acesso aos meios de comunicação, seja por revistas, propagandas, filmes, novelas e fotografias.

Como as mulheres eram as maiores consumidoras de revistas da época, seus conteúdos estavam sempre acompanhando seus desejos do momento. Nos anos 40 com os períodos de guerra, as propagandas propunham incentivar as mulheres a entrarem no mercado de trabalho sazonal do momento. Porém, mesmo com o incentivo ao trabalho, eles não poderiam perder suas consumidoras das revistas femininas. Por isso, no pós-guerra, as revistas voltaram a incentivar a domesticidade feminina e a disseminar matérias sobre produtos para casas. (Wolf, 2022)

Na década de 50, percebe-se o início do fomento aos produtos cosméticos. “Os anunciantes dos nossos dias estão vendendo alimentos dietéticos, cosméticos “específicos” e cremes contra o envelhecimento em vez de produtos para o lar. [...] É que as revistas femininas modernas concentram sua atenção nos esforços pela beleza, não no serviço doméstico.” (Wolf, 2022, p. 101)

Com a revolução feminina se desenvolvendo, as revistas se viram em estado alarmante: estavam perdendo suas consumidoras de matérias sobre a domesticidade. A solução encontrada para barrar seu declínio, era encontrar outro ‘problema’ para as mulheres terem que se preocupar: “O mito da beleza, em sua concepção moderna, surgiu para tomar o lugar da Mística Feminina, para salvar as revistas e seus anunciantes das terríveis consequências económicas da revolução das mulheres.” (Wolf, 2022, p. 103)

Susan Bordo (1997) aborda a questão da feminilidade na utilização dos corpos das mulheres nos anúncios publicitários:

No final dos anos 60 e começo dos anos 70, a objetificação do corpo feminino constituía uma séria questão política. Toda a parafernália cultural da feminidade, o aprendizado para agradar visual e sexualmente através das práticas do corpo — imagens da mídia, concursos de beleza, saltos altos, cintas, maquiagem, orgasmo simulado — eram vistos como cruciais na manutenção da dominação de género. (Bordo, 1997, p. 35)

Apelando para a sedução e esbeltez das mulheres, as publicidades reforçavam constantemente a relação de beleza e feminilidade exigida pelas mulheres. “Publi-reportagens, conselhos práticos, encartes publicitários, tudo na imprensa feminina incita ao embelezamento das mulheres, a associar feminilidade e beleza, a estimular uma progressão consumista da beleza.” (Lipovetsky, 2000, p. 158)

As mulheres ideais vendidas, eram as atrizes de cinema, as mulheres das televisões. As estrelas do cinema eram o modelo de vida das massas. A sensualidade que as atrizes carregavam, o encanto, o *sexy* moderno era fruto de *Hollywood*. “Modernismo da *pin-up* que não se desenvolveu senão afirmando, ao mesmo tempo, traços típicos de uma feminidade marcada pelo primado das expectativas masculinas “clássicas” em relação ao corpo feminino: peito volumoso, redondez calipígia, poses provocantes, hipererotização do olhar e da boca.” (Lipovetsky, 2000, p. 174)

A disseminação da feminilidade ocorria pela amostra dos corpos, por meio do cinema e da televisão. O ideal a ser seguido é transmitido por imagens que retratam o modelo corporal a ser seguido.

Não nos dizem mais como é “uma dama” ou em que consiste a feminidade. Em vez disso, ficamos sabendo das regras diretamente através do discurso do corpo: por meio de imagens que nos dizem que roupas, configuração do corpo, expressão facial, movimentos e comportamento são exigidos. (Bordo, 1997, p. 24)

O ideal estético invadiu os meios de comunicação e estava estilhaçado por todos os lados. Consequentemente, o corpo foi novamente atingido. Dessa vez, o culto ao corpo magro foi tomando proporções absurdas. A ingestão dos alimentos

era selecionada prezando pelo déficit calórico, a prática de exercícios era intensa e focalizada no emagrecimento. (Lipovetsky, 2000)

Naomi Wolf (2022, p. 105) esclarece que a quantidade de artigos vinculados com o tema 'dieta' aumentou em 70% de 1968 a 1972. "Artigos sobre dietas na imprensa popular aumentaram de 60 no ano de 1979 para 66 somente no mês de janeiro de 1980."

Também Goldenberg & Ramos (2007, p.27) salientam a força e a influência que a mídia possui na vida das massas, quando reforçam um corpo e um rosto perfeito:

Pode-se dizer que as regras subjacentes à atual exposição dos corpos são de ordem fundamentalmente estética. Para atingir a forma ideal e expor o corpo sem constrangimentos, é necessário investir na força de vontade e na autodisciplina, alertam as revistas femininas e masculinas, além de todas aquelas dedicadas à boa forma existentes no mercado. O autocontrole da aparência física é cada vez mais estimulado. Promete-se, entre outras benesses, um abdômen cheio de gomos salientes ou nádegas duras e livres de celulites caso o indivíduo se dedique a tal propósito e receba todas as informações fornecidas como um conjunto de obrigações.

A revelação potencial do corpo, proporciona aos sujeitos, novas possibilidades de ser e pertencer ao mundo. O novo padrão estético prega, segundo Goldenberg & Ramos (2006), pela chamada política da "boa forma", a qual induz os sujeitos a desenvolverem suas potencialidades físicas e seguirem pelos comandos da moda vigente. "Pode-se dizer que, sob a moral da "boa forma", um corpo trabalhado, cuidado, sem marcas indesejáveis (rugas, estrias, celulites, manchas) e sem excessos (gorduras, flacidez) é o único que, mesmo sem roupas, está decentemente vestido." (p. 29)

Citando Lipovetsky (2000, p. 132) "De agora em diante, culto da beleza e receitas de magreza são inseparáveis". Já não é mais possível dissociar a conquista por um corpo esbelto, definido, sem gorduras e flacidez, sem que haja esforço físico, dieta e muita dedicação. Esse era o lema e o preço a se pagar por aquilo que estava disseminado na cultura ocidental.

Assim como os homens têm a obrigação de moral de trabalhar para manter sua família, as mulheres têm o dever de oferecer a imagem da beleza, de fazer tudo para conservar o brilho da juventude. [...] Daí em diante, já não é vão nem condenável "sofrer para ficar bonita", cabe a todas as mulheres trabalhar sem

descanso para a conservação e o aperfeiçoamento de seus atrativos.
(Lipovetsky, 2000, p. 161)

Corpos extremamente magros, ou em processo de emagrecimento são corpos comuns no decorrer nos séculos XX e XXI. Segundo Wolf (2022, p. 269), “em qualquer dia, 25% das mulheres estão fazendo regime, enquanto 50% estão terminando, desrespeitando ou iniciando um regime”. Completando a ideia, “o hábito da dieta é a essência da feminilidade contemporânea. A atitude de se recusar alimento é considerada correta na mulher, errada no homem.” (Wolf, 2022, p. 291)

Porém, o culto do excesso de magreza e preocupações com o corpo e o peso, passou dos limites do saudável e foi considerado abusivo e violento. O mito da beleza agora tinha novos alinhados: os transtornos alimentares da anorexia e a bulimia. “A seita da perda do peso recruta as mulheres desde cedo, e os transtornos alimentares são seu legado. A anorexia e a bulimia são doenças do sexo feminino. De 90% a 95% dos pacientes são mulheres.” (Wolf, 2022, p. 264)

As desordens alimentares, possuem estreitas relações com o significado simbólico e político da época em que está textualizada. Naquele momento, a magreza, e tudo o que ela envolvia, como as dietas, restrições alimentares, práticas de exercícios físicos e até mesmo os transtornos alimentares recorrentes, eram o exemplo da feminilidade a ser seguido. (Bordo, 1997)

A fome feminina, no entanto, é retratada como algo que precisa ser refreado e controlado e o comer feminino é visto como um ato furtivo, vergonhoso, ilícito, como nos comerciais de Andes Candies e Mon Chéri, onde um "minúsculo pedacinho" de chocolate, saboreado em particular, vem a ser a generosa recompensa por um dia de cuidados dedicados aos outros (Bordo, 1986).
(Bordo, 1997, p.25)

Testemunhámos, com todas as modificações de ideais a serem seguidos, durante séculos, que algo sempre se faz presente: o controle social. Susan Bordo (1997) pontua a influência dos moldes sociais femininos em nossos dias:

Por meio de disciplinas rigorosas e reguladoras sobre a dieta, a maquiagem, e o vestuário — princípios organizadores centrais do tempo e do espaço nos dias de muitas mulheres — somos convertidas em pessoas menos orientadas para o social e mais centradas na automodificação. Induzidas por essas disciplinas, continuamos a memorizar em nossos corpos o sentimento e a convicção de carência e insuficiência, a achar que nunca somos suficientemente boas.
(Bordo, 1997, p.20)

O controle exercido por meio das instâncias publicitárias, como as revistas, reflete o poder social sobre os corpos dos sujeitos, principalmente femininos. “Alquebrando psicológica e fisicamente as mulheres, fazendo-as perder a confiança em si próprias, absorvendo-as em preocupações estético-narcísicas, o culto da beleza funcionaria como uma política do feminino, uma arma destinada a deter sua progressão social.” (Lipovetsky, 2000, p. 136)

Esse falso poder corporal dado às mulheres, subverte a própria ordem social propalada. Lipovetsky (2000, p. 140) assimila essa ordem social centrada no culto da beleza às ordens religiosas, e pontua:

Como todos os cultos religiosos, a beleza tem seu sistema de doutrinação (a publicidade dos produtos cosméticos), seus textos sagrados (os métodos de emagrecimento), seus ciclos de purificação (os regimes), seus gurus (Jane Fonda), seus grupos rituais (Vigilantes do Peso), suas crenças na ressurreição (os cremes revitalizantes), seus anjos (produtos de beleza), seus salvadores (os cirurgiões plásticos).

Para finalizar nossas reflexões, gostaria de ir um pouco além em nosso raciocínio, para atentarmos sobre o conceito de beleza e feminilidade no campo subjetivo e individual das palavras, pois, mesmo que, como vimos, exista uma forte influência social pairando sobre as mulheres sobre seus corpos e modos, ainda assim cada indivíduo tem a possibilidade de decifrar, resignificar os corpos e reinterpretar esses modelos dominantes de beleza e feminilidade. Dizendo do seu lugar, das suas concepções e de suas vivências sobre o que entendem das palavras ‘beleza’ e ‘feminilidade’, como Naomi Wolf (2022, p. 397) escreve: “enquanto a definição da “beleza” vier de fora das mulheres, nós continuaremos a ser manipuladas por ela.” Por isso, nosso objetivo aqui, através dessa dissertação, é dar espaço e voz às narrativas das mulheres atletas do fisiculturismo.

CAPÍTULO II - FISCULTURISMO E FEMINILIDADES

2.1 O fisiculturismo

Após percorrermos nossa trajetória a respeito das questões de gênero, do corpo como construção cultural e de suas imbricações com os conceitos de beleza e feminilidade, chegamos em um dos objetivos principais dessa dissertação, que é incidir a atenção nas vivências das mulheres no esporte do fisiculturismo. Para isso, nesse tópico, discorreremos a respeito do esporte e sua prática no decorrer dos tempos.

A prática do fisiculturismo, envolve tanto o trabalho de desenvolvimento muscular, atingido por meio dos treinos de musculação, como pela dedicação à alimentação e dietas restritivas, e a apresentação dos corpos em competições.

Pode-se dizer que os/as fisiculturistas (ou bodybuilders), formam um grupo à parte no espaço da corpolatria contemporânea. O cuidado com a forma física é uma de suas principais (senão a maior) preocupações na vida. Dedicam substancial tempo diário para as rotinas de preparação para o fisiculturismo: este termo é reconhecido por seus adeptos, como uma modalidade competitiva da musculação que promove campeonatos para demonstração/ confrontação individual (através de poses) de silhuetas corporais hiperbólicas, forjadas à ferro. (Estevão, 2005, p.42)

Para disseminar os conceitos do esporte, e seus conhecimentos sobre a prática e as rotinas, o notável fisiculturista Arnold Schwarzenegger, publicou seu livro denominado *Enciclopédia de Fisiculturismo e Musculação*, edição traduzida em 2001 [The new encyclopedia of modern bodybuilding, 1998] e nos refere que:

O Fisiculturismo é um esporte de forma, mas, em vez de movimento, a forma envolvida é a do próprio corpo - tamanho, forma, proporção, definição e qualidade estética do físico conforme desenvolvidos na academia, preparados por dietas e exibidos fazendo-se poses de fisiculturismo. (Schwarzenegger, 2001, p. 47)

O fisiculturismo é um esporte onde os corpos são avaliados, dependendo da categoria, pelo máximo de hipertrofia muscular, devendo conter concomitantemente: volume, definição, simetria e harmonia corporal. (Souza, 2018) Tem como finalidade, a apresentação dos corpos trabalhados, nas competições avaliadas por juízes competentes no assunto.

Seus adeptos (fisculturistas) participam, quase sempre, de competições específicas, as quais constituem eventos de valorização de um padrão estético particular, quase uma versão similar aos concursos de beleza feminina Miss Mundo e Miss Brasil. O título que os campeões das disputas mais conhecidas (nos Estados Unidos) recebem é parecido com o nome dos referidos eventos de beleza: Miss ou Mister Olímpia ou, então, Mister ou Miss Universo. (Estevão; Bagrichevsky, 2004, p. 18)

O corpo apreciado nas diversas competições que são realizadas pelo mundo, é um corpo, dito por Schwarzenegger (2001, p.50), como aquele que possui o

[...] *desenvolvimento estético máximo do corpo inteiro*. O físico ideal no fisiculturismo seria mais ou menos assim: ombros e costas largas estreitando até uma cintura fina; pernas em proporção adequada ao torso; um grande, belo e proporcional desenvolvimento muscular, com músculos volumosos estreitando até articulações pequenas; todas as partes do corpo desenvolvidas, incluindo regiões como deltóides traseiros, lombar, abdominais, antebraços e panturrilhas; boa definição muscular e divisão dos músculos.

Porém, nem sempre o esporte teve o reconhecimento que possui hoje. O fisiculturismo representa a modificação da modalidade do levantamento de peso, esporte em alta na Europa no século XIX, para além da força e musculatura desenvolvida, o esporte prezava pela harmonia geral, flexibilidade e saúde do corpo.

Na Europa, o levantamento de peso era uma forma de entretenimento da qual emergiram "homens fortes" profissionais -homens que ganharam a vida pela quantidade de peso que podiam levantar ou sustentar. Sua aparência física não importava para eles ou para seu público. O resultado era que eles tendiam a desenvolver corpos robustos e pesados. (Schwarzenegger, 2001, p. 3)

Os primórdios do fisiculturismo era o de encontrar um modelo de físico como o das "estátuas idealizadas de atletas da Grécia antiga" (Schwarzenegger, 2001, p. 3). Foi em 1890, na Europa, que o físico de Eugen Sandow se tornou uma referência de construção muscular e foi considerado o homem mais forte do mundo.

Conhecido em países europeus e nos Estados Unidos pelas suas demonstrações de força e pela sua arquitetura corporal, Sandow era personagem principal em diferentes espetáculos, feiras, teatros, music-halls, etc. Inspirava-se na estatuária grega para fazer suas posições de demonstração de força e poses para fotografias e até hoje é lembrado por muitos fisiculturistas

como o ícone precursor da simetria e do volume muscular produzido [...] (Jaeger, 2009, p.82)

Nesse período, vários homens foram conquistando fama pelos seus corpos e aptidão física.

Mas nos anos 20 surgiram homens como Sigmund Klein, que exibia um físico com bela forma muscular, equilíbrio e proporção, bem como pouca gordura corporal e extrema definição. [...] Klein, junto com Sandow e fisiculturistas influentes como Macfadden, começaram gradualmente a convencer as pessoas de que a aparência física de um homem - e não apenas sua habilidade para fazer proezas de força - merecia atenção, porque o tipo de treinamento que produzia o corpo esteticamente muscular também contribuía para a saúde geral. (Schwarzenegger, 2001, p. 11)

Em 1939, nos Estados Unidos, o fisiculturismo começou a ganhar forma, e mesmo de maneira ainda amadora, deu-se o primeiro campeonato.

Em 1939, as coisas começaram a mudar. A Amateur Athletic Union AAU (União de Atletas Amadores) entrou em cena e criou, por conta própria, uma competição de Mister América em Chicago, no dia 4 de julho. O vencedor foi Ronald Essmaker. Os participantes ainda não eram fisiculturistas experientes, mas provinham de todos os tipos de formação atlética e posaram com várias roupas, desde calções de pugilista até sungas. (Schwarzenegger, 2001, pp. 11-12)

A partir dos anos 40, é que o fisiculturismo se transfigurou como uma modalidade esportiva, com campeonatos que apreciavam o corpo com desenvolvimento muscular e proporção. Segundo Schwarzenegger (2001, p. 32), nos anos 60 as competições decorriam na América e na Europa, e foi nos anos 70 que

testemunharam a elevação da Federação Internacional de Fisiculturistas como a organização dominante do fisiculturismo. Sob a orientação de seu presidente, Ben Weider, a IFBB consistia de mais de cem países membros e tornou-se a sexta maior federação esportiva do mundo. Além disso, o título de Mister Olímpia era agora reconhecido como o principal campeonato profissional de fisiculturismo, comparável ao de Wimbledon, de tênis; e ao Aberto dos Estados Unidos, de golfe.

Com o aumento da visibilidade mundial pelo esporte, o fisiculturismo, nos anos 80, cresceu de maneira exponencial.

Quando a década começou, a IFBB já era uma organização bem-sucedida, ostentando mais de 100 países membros. Nos anos 90, ela incluía 160 países e, de acordo com seu presidente, Ben Weider, tornou-se a quarta maior federação

esportiva do mundo. [...] A culminação desse sucesso veio quando o fisiculturismo recebeu o reconhecimento oficial do Comitê Olímpico Internacional COI, em 1997, tornando o esporte da competição física um membro da comunidade internacional de esportes amadores. (Schwarzenegger, 2001, p. 35)

Até ao momento, apresentamos, de maneira breve, o percurso do esporte para os homens e as suas vivências na modalidade do fisiculturismo.

Contudo, a prática de exercícios e esportes em geral, foi diferente para as mulheres. Nos séculos passados, a imagem da mulher delicada era culturalmente muito presente, e esse ideal de representação de seus corpos, impactava também na prática esportiva. “Se a elegância e a delicadeza eram atributos femininos altamente valorizados, as práticas físicas permitidas restringiam-se àquelas que se conciliavam com as ideias que prevaleciam sobre a natureza fraca do corpo e do sistema reprodutivo femininos.” (Garcia, 2018, p. 503)

Analisando comparativamente a vivência esportiva por homens e mulheres, vemos que, no século XIX as mulheres estão entrando no mundo do esporte, enquanto os homens já praticavam a atividade física e o levantamento de peso. “Ou seja, ao longo da história do esporte nacional foram e são distintos os incentivos, os apoios, as visibilidades, as oportunidades, as relações de poder conferidos a mulheres e homens, seja no âmbito da participação, seja na gestão e administração.” (Goellner, 2005, p. 86)

No Brasil, até meados do século XIX, a estrutura extremamente conservadora da sociedade não permitia às mulheres grande participação em alguns ambientes sociais, dentre eles o esportivo, uma vez que eram criadas para serem esposas e mães. Gradativamente esse quadro começa a mudar. (Goellner, 2005, p. 88)

Já no século XX, com a reverberação das lutas feministas, a prática de esportes por mulheres também foi ganhando novas formas e rumos diferentes, porém o medo da masculinização das mulheres era um assunto em voga. “Identificada como de natureza frágil, nesse momento, circulavam vários discursos que alertavam para possíveis perigos que a prática competitiva poderia representar, entre eles, o da masculinização da mulher.” (Goellner, 2005, p. 88)

Foi nas Olimpíadas de 1932, que o Brasil foi representado na natação, pela atleta Maria Lenk. “Será ainda nesta Olimpíada, sediada na cidade de Los

Angeles, que o Brasil registrará a participação da sua primeira atleta: a nadadora paulista Maria Lenk, então, com 17 anos de idade.” (Goellner, 2005, p. 88)

No início do século XX, uma nova abordagem sobre o bem-estar físico das mulheres já permitia que algumas formas de atividade esportiva e exercício físico leves pudessem ser consideradas benéficas para a saúde das ‘futuras mães e esposas’. Mas, mesmo havendo uma clara prescrição sobre quais os esportes que se consideravam adequados às mulheres, estes deviam ser praticados só por mulheres jovens e solteiras, como foi no caso da natação. (Adelman, 2003, p. 446)

A participação feminina no esporte estava ganhando maior notoriedade no Brasil, porém nos Estados Unidos e na Europa, a prática feminina já estava em outros patamares. No Brasil, “os anos 80 e 90 caracterizam-se pela maior inserção das mulheres em esportes antes considerados como violentos para a participação feminina em que o judô, o pólo aquático, o handebol e o futebol são exemplos a serem considerados.” (Goellner, 2005, p. 94)

Em relação ao fisiculturismo, dados apontam que os primeiros campeonatos destinados às mulheres surgiram nos Estados Unidos, nos anos 70. “As primeiras competições de fisiculturismo feminino foram protagonizadas nos Estados Unidos ainda na década de 1970 e chegaram ao auge nas duas décadas seguintes.” (Jaeger, 2009, p. 94) Arnold Schwarzenegger (2001, p. 44) sinaliza que no ano de 1980, nos Estados Unidos, “o *National Physique Committee* (Comitê Nacional de Físico) organizou seus primeiros Campeonatos Nacionais para mulheres, e a Federação Internacional de Fisiculturismo aprovou a primeira competição de *Miss Olímpia*.”

Entretanto, no Brasil, “embora o esporte fosse praticado pelos homens desde a década de 1940 no Brasil, somente nos anos 80 o país passou a sediar eventos internacionais. É no final dessa década que as mulheres passam a integrar as disputas.” (Jaeger, 2009, p. 97)

O primeiro campeonato de Fisiculturismo feminino no Brasil, data no ano de 1984 e foi realizado pelo Professor Jair J. Frederico, no clube de Natação e Regatas Santa Luzia na cidade do Rio de Janeiro, competição caracterizada como estadual. Nessa época ainda não existia a divisão de categorias femininas, as primeiras mulheres que competiram apresentavam volume muscular e definição, dentro de uma categoria que posteriormente seria extinta a categoria Bodybuilding feminina. (Leão, 2015, p. 12)

Nota-se que a vivência do esporte para as mulheres, em termos históricos, foi distinta da dos homens, tanto no Brasil, como em outros países. Dadas as representações sociais dominantes dos corpos femininos, as práticas das mulheres foram atravessadas por cortes heteronormativos. “A história das mulheres no fisiculturismo também é constituída pelos ajustes que o esporte imprimiu no corpo feminino e, simultaneamente, os ajustes que os corpos femininos produziram no esporte.” (Jaeger, 2009, p. 94)

Em um dos mais importantes livros sobre o esporte, citado aqui diversas vezes, a *Enciclopédia de Fisiculturismo e Musculação* do autor e fisiculturista Arnold Schwarzenegger, encontramos apenas algumas passagens a respeito da prática feminina do esporte, em uma obra com mais de 800 páginas. O autor afirma que

O fisiculturismo para mulheres é uma idéia tão nova que não é de admirar que haja controvérsia em torno dele. Nunca antes na história as mulheres desenvolveram seus músculos por razões estéticas. O autor de *Pumping Iron*, Charles Gaines, chama esse visual de "novo arquétipo". Muitos não aprovam essa atividade para mulheres e não gostam dessa aparência. Cada um tem direito a uma opinião, mas, no meu ponto de vista, as mulheres possuem os mesmos músculos que os homens e devem ser livres para desenvolvê-los como desejarem. O fisiculturismo é um esporte tanto para homens como para mulheres praticarem. (Schwarzenegger, 2001, p. 45)

No decorrer de sua obra, como um guia de treinos, dietas, exercícios, referências de poses e apresentações, o autor citado declara que o treinamento de força não é diferente para os sexos, apenas o que difere são os objetivos.

ela provavelmente estará mais interessada em modelar e firmar o corpo do que em desenvolver músculos grandes. Assim, embora ela geralmente realize os mesmos exercícios que um homem (com exercícios adicionais inseridos para atingir áreas problemáticas como quadril, coxa e tríceps), a estrutura do seu programa provavelmente será completamente diferente da de um homem. (Schwarzenegger, 2001, p. 82)

E complementa que “O fisiculturismo é um esporte, e tanto homens como mulheres praticam-no, da mesma forma que homens e mulheres jogam tênis, basquetebol e voleibol.” (Schwarzenegger, 2001, p. 83)

De maneira geral, o exercício físico realizado pelas mulheres, seja em outros esportes ou no fisiculturismo, passou por diversas mudanças, conquistas e

espaços, porém, não de maneira despercebida. No tópico seguinte explanaremos sobre as categorias de competições femininas atuantes no Brasil e no mundo.

2.2 Categorias da modalidade feminina

Atualmente, segundo a Confederação Brasileira de Musculação, Fisiculturismo e Fitness (CBMFF), filiada a I.F.B.B– *International Federation of Fitness and Bodybuilding*, o esporte delimita as modalidades femininas em 7 categorias, sendo elas: *Women´s Fit Model*, *Women´s Artistic Fitness*, *Women´s Bikini*, *Women´s Wellness*, *Women´s Acrobatic Fitness*, *Fit Pairs* e *Women's Physique*. Até ao ano de 2004, havia em sua modalidade, a categoria *Bodybuilding*, no entanto, a mesma foi substituída pela *Women's Physique*.

Cada categoria possui suas regras quanto à avaliação que será realizada pelos árbitros. De acordo com as regras da CBMFF (2021f, p. 3), a categoria *Women´s Fit Model* “foi oficialmente reconhecida como uma nova categoria pelo Conselho Executivo da IFBB e no Congresso da IFBB em 6 de novembro de 2015, em Benidorm, Espanha.” As avaliações feitas pelos árbitros levam em consideração todo o físico, incluindo beleza facial, equilíbrio e proporção. Nesta categoria, a potencialização da musculatura não é um quesito importante para avaliação, mas sim a exposição de um físico clássico e harmonioso.

Uma vez que o desenvolvimento da musculatura e a qualidade muscular não são avaliados, os árbitros devem favorecer as atletas com um físico feminino harmonioso, proporcional e clássico, boa postura, estrutura anatômica correta (incluindo estrutura corporal, curvas espinhais corretas, membros e tronco em boa proporção, pernas retas, não arqueadas ou com os joelhos tortos). (CBMFF, 2021f, p. 15)

A categoria *Women´s Artistic Fitness* “foi oficialmente reconhecida como uma nova disciplina esportiva pelo Conselho Executivo da IFBB no Congresso Internacional da IFBB em 06 de novembro de 2020 (Santa Susanna, Espanha).” (CBMFF, 2021d, p. 3) É uma categoria em que o físico, seus tônus musculares e habilidades são avaliados por meio da apresentação artística em movimento durante o espetáculo com música. Os movimentos devem incluir: elementos de força; flexibilidade; força dinâmica e velocidade. “Os Árbitros são lembrados de que, durante essas rodadas, eles estão julgando SOMENTE a Rotina Fitness e NÃO o físico. O Árbitro deve procurar um trabalho bem coreografado e criativo, uma rotina executada em um tempo / velocidade diferente.” (CBMFF, 2021d, p. 19)

Os corpos não podem ser excessivamente musculosos, mas devem ter aparência firme e com baixa quantidade de gordura. “As atletas devem ter forma em seus músculos, mas não a separação, definição, nível de gordura corporal muito baixo, muito seca ou muito densa que são vistos em competições de Bodyfitness.” (CBMFF, 2021d, p.19)

Já a categoria *Women’s Acrobatic Fitness*:

foi oficialmente reconhecida como uma nova categoria esportiva pelo Conselho Executivo da IFBB no Congresso Internacional da IFBB em 03 de dezembro de 1995 em Guam, EUA. Em janeiro de 2021, o nome desta divisão foi alterado de *Women’s Fitness* para *Women’s Acrobatic Fitness* e uma nova divisão, a *Women’s Artistic Fitness* foi criada (Seção 17). (CBMFF, 2021c, p.3)

Em um primeiro momento, as atletas são avaliadas pelos exercícios acrobáticos que apresentam ao som de uma música escolhida.

Cada Árbitro irá avaliar a Rotina Fitness olhando o ritmo, força, flexibilidade, estilo, personalidade, coordenação atlética e desempenho geral. Os Árbitros também procurarão atletas que realizam movimentos de força e flexibilidade, bem como movimentos de ginástica. A Rotina Fitness pode incluir aeróbica, dança, ginástica, acrobacia ou outras demonstrações de talento atlético. Não há movimentos obrigatórios. (CBMFF, 2021c, p.7)

Para a avaliação do físico, o corpo considerado adequado nessa modalidade é aquele que “não deve ser excessivamente musculoso e nem excessivamente magro e não deve apresentar separações e / ou estrias musculares profundas.” (CBMFF, 2021c, p.10)

A categoria *Women’s Bikini* “foi oficialmente reconhecida como uma nova disciplina esportiva pelo conselho executivo no Congresso da IFBB em 07 de novembro de 2010 (Baku, Azerbaijão). Em 2021, o nome desta divisão foi alterado de *Women’s Bikini Fitness* para *Women’s Bikini*.” (CBMFF, 2021e, p. 3) A avaliação das atletas é realizada pelo seu físico completo, apresentando formação muscular, entretanto sem definição e separação, e sem um nível de densidade de gordura muito baixo.

Uma vez que o desenvolvimento excessivo da musculatura e a qualidade muscular não são avaliados, os árbitros devem favorecer as atletas com um físico feminino clássico, proporcional e harmonioso, boa postura, estrutura anatômica correta (incluindo estrutura corporal, curvas espinhais corretas, membros e tronco em boas proporções, pernas retas, não arqueadas ou com joelhos tortos). [...] O físico não deve ser excessivamente musculoso nem excessivamente magro, e deve estar livre de separações e / ou estrias

musculares. Físicos considerados muito musculosos, muito definido ou muito magros devem ser despontuados. (CBMFF, 2021e, p. 15)

A divisão *Women's Wellness* se encontra entre as categorias *Bikini* e *Women's Physique*, pois as atletas devem apresentar maior massa muscular na região do quadril, coxas e nádegas.

Foi oficialmente reconhecida como um novo esporte disciplina pelo Conselho Executivo da IFBB no Congresso da IFBB em 04 de novembro de 2016 (Benidorm, Espanha). Esta divisão desportiva destina-se a mulheres com corpo com a massa corporal na região dos quadris, glúteos e coxas ligeiramente maior. (CBMFF, 2021h, p.3)

Devem apresentar um físico equilibrado, juntamente com uma boa condição de pele, rosto, cabelo e maquiagem.

As atletas devem ter forma em seus músculos, mas não a separação, definição, nível de gordura corporal muito baixo, secura ou dureza que são vistos em competições de Bodyfitness ou muscularidade e qualidade muscular vistas em competições de *Women's Physique* (CBMFF, 2021h, p.16)

A categoria *Fit Pairs* “foi oficialmente reconhecida como uma nova disciplina esportiva pelo conselho executivo no Congresso da IFBB em 2020 (Santa Suzana, Espanha).” (CBMFF, 2021b, p.3) A modalidade é composta por uma dupla, que podem ser um atleta da categoria *Men's Physique* – masculino, e uma atleta *Women's Bikini*. No momento da avaliação e julgamento:

Os árbitros avaliarão o físico geral de ambos os atletas quanto ao grau de proporção, simetria, tamanho do músculo, forma e qualidade (densidade, separação), bem como tom de pele. O par também será avaliado como uma unidade, com atenção especial para o quão bem seus físicos individuais se complementam e como eles se movem uníssono. (CBMFF, 2021b, p.6)

2.3 Categoria *Women's Physique*

Em relação à categoria denominada *Women's Physique*, a qual será mais explorada e discutida na pesquisa, tem-se como principal critério o maior volume muscular, em relação às outras categorias, com a presença de simetria e o aparecimento das fibras.

A *Women's Physique* foi oficialmente reconhecida como uma nova categoria esportiva pelo Conselho Executivo da IFBB no Congresso da IFBB em 11 de novembro de 2012, (Guayaquil, Equador). A categoria *Women's Physique* é destinada a mulheres que preferem desenvolver um corpo menos musculoso, ainda com físico atlético e esteticamente agradável, ao contrário das *Women's Bodybuilders*. (CBMFF, 2021g, p.3)

Entretanto, não deve haver a perda da feminilidade e das curvas naturais do corpo feminino.

Os árbitros são lembrados de que a postura da atleta, em todos os momentos enquanto no palco, deve ser considerada. A imagem geral exibida deve demonstrar equilíbrio, feminilidade e autoconfiança. (CBMFF, 2021g, p.13)

Os critérios estabelecidos nas competições, visam um corpo musculoso, com baixa gordura, definição, equilíbrio e feminilidade, conforme exposto:

Uma avaliação detalhada dos vários grupos musculares deve ser feita durante as comparações, momento em que o árbitro deve comparar a forma muscular, densidade e definição, embora ainda tendo em mente o desenvolvimento geral equilibrado da atleta e feminilidade. (CBMFF, 2021g, p.9)

Através do site da Confederação Brasileira de Musculação, Fisiculturismo e Fitness (CBMFF), filiada a IFBB Brasil, pode-se obter maiores informações sobre as características da categoria *Women's Physique*. Dentre elas, a Confederação (2024) refere que as atletas devem ter um corpo musculoso e com condicionamento ao máximo, respeitando a silhueta feminina. Sustentando que:

É destinada a mulheres que querem elevar o seu nível de massa muscular e condicionamento ao máximo possível através de treinamento e dieta, porém respeitando-se a anatomia, volume e silhueta feminina. Desta forma, acabam por desenvolver um físico menos musculoso, ainda atlético e esteticamente agradável, ao contrário das antigas atletas do fisiculturismo feminino, que acabaram por perder a feminilidade nos últimos anos. (*Women's physique* - IFBB Brasil, 2024)

De modo geral, em todas as categorias há a necessidade de as atletas conhecerem seus corpos e musculaturas, para que assim, aprimorem as suas técnicas e treinos, além de espetacularizar em seus gestos, os melhores ângulos musculares. Tal como refere Jaeger:

A produção da atleta do fisiculturismo, em qualquer modalidade, exige um duplo investimento na educação corporal. É preciso, primeiramente, aprender os processos que envolvem a construção da potencialização muscular – por exemplo, aprender os movimentos utilizados nos aparelhos de musculação para exercitar cada músculo; uma segunda etapa envolve a gestualidade que faz o músculo aparecer e que, por sua singularidade, identifica o esporte. Essas duas etapas constituem um mesmo processo e se complementam, pois de nada adianta produzir o músculo se ele não for mostrado da melhor maneira possível. Essa dupla aprendizagem marca fortemente os corpos e produz sobre eles diferentes representações. (Jaeger, 2009, p. 174)

2.4 Atletas: as feminilidades no fisiculturismo

Percorremos nos tópicos anteriores, uma caminhada sobre o fisiculturismo e sua prática, mais especificamente focado nas mulheres. Contudo, sabemos que vivemos em uma sociedade androcêntrica, e as atividades femininas sofrem interferências sociais. Por isso, nesse subcapítulo opta-se por explorarmos as questões de gênero e feminilidade associadas à prática esportiva do fisiculturismo.

Ao longo desse capítulo, foi mencionado o parecer de Schwarzenegger (2001, p. 83), sobre a prática do fisiculturismo: “O fisiculturismo é um esporte, e tanto homens como mulheres praticam-no, da mesma forma que homens e mulheres jogam tênis, basquetebol e voleibol.” Porém, será que as implicações sociais da prática são iguais para homens e mulheres?

Percebe-se que, desde os primórdios da entrada das mulheres no esporte, as considerações biológicas e de representações sociais atribuídas ao corpo feminino detêm um enorme peso. Quando as mulheres ocupam esse espaço que por anos era destinado apenas aos homens, constatamos o incômodo social que se fez presente.

O suor excessivo, o esforço físico, as emoções fortes, as competições, a rivalidade consentida, os músculos delineados, os gestos espetacularizados do corpo, a liberdade de movimentos, a leveza das roupas e a seminudez, práticas comuns ao universo da cultura física, quando relacionadas à mulher, despertavam suspeitas porque pareciam abrandar certos limites que contornavam uma imagem ideal de ser feminina. Pareciam, ainda, desestabilizar o terreno criado e mantido sob domínio masculino cuja justificativa, assentada na biologia do corpo e do sexo, deveria atestar a superioridade deles em relação a elas. (Goellner, 2005, p. 92)

O controle do corpo e das atividades esportivas quando tratadas em relação às mulheres, aparece em discursos prioritariamente biologizantes e que prezam pela naturalidade dos corpos. “Para as mulheres, em grande medida, é incentivado viver o espetáculo esportivo desde que não deixe de lado, por exemplo, a graciosidade, a delicadeza e a beleza, atributos colados a uma suposta “essência feminina”.” (Goellner, 2007, p.185)

Porém, torna-se imprescindível que olhemos os discursos que circulam a ordem 'natural' dos sexos, por outro ângulo e com mais prudência, pois é a lógica social que dita e reforça as representações as quais são destinadas aos homens e as mulheres em determinadas práticas esportivas.

De outro modo: não é o corpo "em si" que define a modalidade esportiva mais adequada para uma mulher nem mesmo se ela tem ou não capacidade para dirigir uma federação esportiva ou para treinar uma equipe de alto rendimento. É a discursividade construída sobre a funcionalidade do corpo e sua correlata associação aos processos de socialização que provoca e constrói tais demarcações. (Goellner, 2007, p.189)

É na relação com o poder e suas redes que as justificações para as práticas desportivas das mulheres se revelam. "Noutras palavras: os argumentos biológicos que historicamente têm servido para naturalizar as diferenças sociais entre sujeitos perdem força e legitimidade diante da percepção de que se traduzem em construções discursivas atreladas a redes de significação e de poder." (Goellner, 2007, p.188)

A mesma lógica é presenciada no fisiculturismo feminino, pois "Os volumosos corpos de algumas dessas mulheres desassossegavam representações hegemônicas de feminilidade. Dessas tensas relações, desponta a recusa e a interdição à potencialização muscular feminina ilimitada." (Jaeger, 2009, p. 206)

Tal como observamos nos pontos anteriores, as implicações e prescrições relativas ao corpo das mulheres dentro do esporte, são muito mais rígidas e consistentes no caso das mulheres do que no caso dos homens, pois, ao mesmo tempo que possuem o seu espaço no trabalho esportivo, as atletas são condicionadas a seguir pelo caminho da feminilidade. Goellner (2007, p.190) pontua o gênero no esporte de forma muito incisiva, quando diz que:

[...] o esporte não é um campo "naturalmente" masculino, nem mesmo aquelas modalidades que exigem maior força física e vigor: como qualquer outra instância social, o esporte é um espaço de generificação, não porque reflete as desigualdades e diferenciações da sociedade em geral mas, fundamentalmente, por que as produz e reproduz.

Observa-se, através das regras de cada categoria da modalidade feminina, que, em relação à prática da categoria *Women's Physique*, tem-se especificado como quesito de avaliação a feminidade e a presença da silhueta feminina. Como

consta: “A imagem geral exibida deve demonstrar equilíbrio, feminilidade e autoconfiança.” (CBMFF, 2021f, p.13); “É destinada a mulheres que querem elevar o seu nível de massa muscular e condicionamento ao máximo possível através de treinamento e dieta, porém respeitando-se a anatomia, volume e silhueta feminina.” (Women’s physique - IFBB Brasil, 2024)

Porém, dentre as 8 categorias masculinas, sendo elas: *Men’s Fitness*, *Men’s Bodybuilding*, Fisiculturismo Clássico, *Games Classic*, *Men’s Physique*, *Muscular Men’s Physique*, *Cadeirantes* e *Fit Pairs*, em nenhuma das normas sobre as regras são apresentadas e discutidas condições de ‘masculinidade’ ou de ‘silhueta masculina’. Apenas nas regras da categoria *Men’s Physique*, consta a necessidade de um corpo “clássico masculino”:

Os Árbitros devem favorecer atletas com um físico harmonioso, proporcional e clássico masculino, boa postura, estrutura anatômica correta (incluindo estrutura corporal, curvas espinhais corretas, membros e tronco em boas proporções, pernas retas, não arqueadas ou com joelhos tortos). As proporções verticais (comprimento das pernas à parte superior do corpo) e horizontais (quadril e cintura à largura dos ombros) são alguns dos fatores chave. (CBMFF, 2021a, p. 14)

Em pesquisa realizada por Angelina Jaeger (2009, p. 118), a autora relata observar disparidades nos discursos relacionados com as categorias *Physique* masculinas e femininas, e nos alerta:

Exemplos desse modo de apontar os atletas podem ser observados em expressões como estas: “os atletas são gigantes, os corpos absurdamente grandes, e os músculos são colossais”. Todavia, quando as mulheres da categoria *physique* são enunciadas, os discursos apontam suas representações em direção oposta e podem ser lidos em expressões como: “músculos exagerados, hipertrofia excessiva, ausência de feminilidade”.

A potência muscular visível nos contornos dos corpos da categoria *Women’s Physique*, carrega a marginalização da modalidade e conseqüentemente das atletas, pois constata-se que “as mulheres podem potencializar os seus corpos, desde que não perturbem ou roubem o lugar ocupado pelos homens.” (Jaeger, 2009, p. 184)

Acerca do desempenho das atletas no fisiculturismo, encontramos a “generificação” no esporte muito presente principalmente na categoria *Women’s Physique*, dado que:

Em relação às mulheres, músculos volumosos rompem com as noções de fragilidade, delicadeza e beleza representadas naquilo que social e culturalmente se construiu como atributos próprios das mulheres. A aparência musculosa, além de romper com as representações historicamente produzidas e socialmente partilhadas do feminino, ainda produz novas representações, embaralhando e confundindo antigas e novas referências acerca dos corpos das mulheres. Essa mistura parece incomodar também alguns homens, que não somente praticam o fisiculturismo, como também produzem discursos que circulam nesse contexto, a tal modo que se manifestam completamente favoráveis à decisão da IFBB em exigir que as mulheres diminuam o volume muscular dos seus corpos. (Jaeger, 2009, p. 110)⁴

Contudo, lembremo-nos que além da potencialidade muscular exigida na categoria as atletas também precisam demonstrar e assegurar sua feminilidade.

Quando deparamos com as imagens das atletas (de todas as categorias) é notável que elas se apresentam com maquiagens, biquínis e trajes com brilhos, adereços como brincos e pulseiras, e algumas fazem uso de saltos altos.

Angelina Jaeger (2009, p. 207) qualifica essas composições como um meio de “hiperfeminilidade normalizada das atletas”.

Nesse sentido, nada mais convencional do que valer-se de uma toailete cada vez mais requintada, investindo na cosmetologia do corpo – com atenção especial à maquiagem da face e à tonalização da pele do corpo –, na preparação dos cabelos, nos trajes e demais adereços. Também na composição da exibição, principalmente, na coreografia individual, acentua-se cada vez mais a sensualidade e a beleza das mulheres. Esse conjunto de investimentos sugere uma tentativa de produzir uma hiperfeminilidade normalizada das atletas.

Essa produção que vai ‘além’ da exibição do corpo tonificado, como vemos nos adereços, maquiagem e cabelo, são vistas com estranhamento por Jaeger (2009).

Esses cuidados extremados com a aparência parecem, muitas vezes, dissonantes de uma situação esportiva em que o volume, a definição e a simetria corporal são pontuados. Além disso, a beleza facial não se constitui num requisito, embora possa partilhar da avaliação geral da atleta. Examinando esse peculiar contexto esportivo, penso que, em muitas competições, cada vez conta menos a potencialização muscular e mais se avalia a reafirmação das representações da feminilidade normalizada, pois essas estratégias estão naturalizadas como constituintes do universo feminino. (Jaeger, 2009, p.212).

⁴ Jaeger (2009) reporta-se à antiga modalidade feminina, a categoria *Bodybuilding*, que foi substituída pela *Women 's Physique*, em 2004 com validação em 2012, onde a Federação Internacional (IFBB) determinava a redução de 20% de volume muscular das atletas dessa categoria.

Na avaliação do desempenho muscular e da feminilidade das atletas, “cada vez mais, a produção da feminilidade toma espaço nas competições, e vencem as disputas aquelas mulheres que possuem músculos definidos de acordo com a modalidade e que não deixam dúvidas acerca das marcas que as identificam como mulheres e feminis.” (Jaeger, 2009, p. 220). Jaeger acentua bem as marcas dessa hiperfeminilidade normatizada que procura harmonizar-se com a visão tradicional do feminino:

Ao analisar a construção das diferentes feminilidades que o fisiculturismo produz, penso que está em curso uma tentativa de atenuar a potencialização muscular feminina, produzindo corpos ajustados aos discursos e representações que assumem o músculo num corpo de mulher, desde que ele seja comedido, e mais, que o seu invólucro chame mais atenção do que ele. Isso significa dizer que a preparação dos cabelos, a maquiagem, os cuidados com as unhas, o tom da pele, os trajes em cores e os bordados destacados, os brincos, os anéis, as pulseiras, os saltos altos e os gestos precisam sobressair-se ao músculo; no mínimo, precisam deixar esses corpos marcados pelo uso excessivo de artifícios que sugerem sua hiperfeminilidade normalizada. (Jaeger, 2009, p. 225)

De outro ângulo, verificamos que a marginalização das atletas da categoria *Women's Physique* não se limita apenas ao meio esportivo. Segundo estudos de Da Silva Mattos et al. (2019, p. 107), os autores relatam que as mulheres atletas enfrentam estigmas relacionados com a sua sexualidade e estética.

No fisiculturismo, mulheres se enquadraram na prática e enfrentam o cenário de preconceito social, das diferenças físicas e das práticas esportivas que masculinizavam, tornando a mulher “anormal” ou supostamente lésbicas. Esse conflito da sexualidade é constituído pelos discursos dominantes, para restringir, como forma de limitação estética, o lugar subalterno das mulheres nesse esporte.

Contrapondo com o corpo dito *fitness*, o qual seria um corpo malhado, porém sem excessiva definição e volume, as atletas fisiculturistas esforçam-se para construir o seu corpo robusto, afirmando e aclamando um lugar de corpo ativo, diferente daquele que lhes é atribuído pelo discurso dominante, que tende a vincular as mulheres à passividade. Por essa razão, os seus corpos constituem uma afronta ao discurso dominante.

As mulheres do *fitness*, por seu turno, parecem se adequar a valores que conferem ao corpo feminino a passividade de uma peça de exposição. Daí o caráter perigoso das fisiculturistas: elas se recusam a um lugar de corpo passivo, afirmam antes um corpo potente, invertendo a lógica tradicional de

gênero vigente na maior parte das relações sociais. (da Silva Mattos et al. 2019, p. 106)

Estamos perante uma diversidade de discursos sobre as práticas de fisiculturismo feminino em que é bem visível a presença de elementos que se prendem com as relações sociais e os estereótipos de gênero. Conforme refere Jaeger,

Não há um discurso único, mas sim diferentes enunciados que interpelam e posicionam as mulheres, ainda que momentaneamente, numa grande taxionomia da potencialização muscular.” (Jaeger, 2009, p. 29)

No capítulo seguinte abordaremos as questões metodológicas acerca da pesquisa e das entrevistas realizadas com as atletas da categoria *Women's Physique*, com a intenção de escutarmos as suas narrativas sobre suas vivências no esporte.

CAPÍTULO III - PERCURSO METODOLÓGICO

3.1 Questões de base e problemática

A presente dissertação de Mestrado tem como finalidade analisar, a partir de uma perspectiva de gênero, as narrativas sobre os corpos femininos no contexto do esporte do fisiculturismo. Em específico, interessa averiguar, analisar e revelar as perspectivas das atletas de fisiculturismo sobre a sua prática, os seus corpos e em particular, sobre o conceito de feminilidade, o qual constitui um dos requisitos de avaliação em competição na Categoria *Women's Physique*.

Na vertente profissional, o fisiculturismo é um esporte onde os corpos são avaliados por juízes em competições pela hipertrofia muscular nas categorias de volume, definição, simetria e harmonia corporal (Souza, 2018). A prática do fisiculturismo, envolve tanto o trabalho de desenvolvimento muscular, atingido por meio dos treinos de musculação, como pela dedicação à alimentação e dietas restritivas, e a apresentação dos corpos em competições.

A Confederação Brasileira de Musculação e *Fitness*, em seu relatório de campeonatos e informativos sobre a categoria *Women's Physique*, alega que as atletas devem estimar pela exposição e construção de um corpo com potencialidade em quesitos de volume e definição muscular, porém evidenciando feminilidade.

Na Categoria *Women's Physique*, a IFBB menciona: “A imagem geral exibida deve demonstrar equilíbrio, feminilidade e autoconfiança” (IFBB, 2023, p. 12); “O árbitro deve comparar a forma muscular, densidade e definição, embora ainda tendo em mente o desenvolvimento geral equilibrado da atleta e feminilidade.” (Idem, p. 8); outra questão intrigante, é a sentença disponibilizada no site da Federação (2024), esclarecendo sobre a mesma categoria:

É destinada a mulheres que querem elevar o seu nível de massa muscular e condicionamento ao máximo possível através de treinamento e dieta, porém respeitando-se a anatomia, volume e silhueta feminina. Desta forma, acabam por desenvolver um físico menos musculoso, ainda atlético e esteticamente agradável, ao contrário das antigas atletas do fisiculturismo feminino, que acabaram por perder a feminilidade nos últimos anos.

Ora, no que respeita às oito categorias de fisiculturismo masculino, não são encontradas quaisquer normas sobre condições de 'masculinidade' ou de 'silhueta masculina'.

Esta disparidade de situações é susceptível de levantar questionamentos e reflexões.

Por outro lado, corroborando essa situação, estudos vários têm verificado nas competições das categorias femininas do fisiculturismo uma acentuação das exigências de beleza e sensualidade das atletas (mediante a indumentária, cabelos, maquiagem, acessórios, etc.) as quais, segundo Jaeger (Jaeger, 2009, p. 225) sugerem uma "hiperfeminilidade normatizada". Segundo Jaeger, a aparência musculosa das atletas desafia as representações historicamente produzidas e socialmente partilhadas do feminino, criando novas representações. (Jaeger, 2009, p. 110).

Como se os músculos volumosos das atletas e os seus corpos fortes e ativos fossem, por si só, uma afronta a um ideal de "graciosidade, delicadeza e beleza, atributos colados a uma suposta 'essência feminina'," e tivessem, por isso, que ser disfarçados e minorados. (Goellner, 2007, p.185)

Segundo esta autora, estaria em curso "uma tentativa de atenuar a potencialização muscular feminina, produzindo corpos ajustados aos discursos e representações que assumem o músculo num corpo de mulher, desde que ele seja comedido, e mais, que o seu invólucro chame mais atenção do que ele" (Jaeger, 2009, p. 225).

Nessa medida, os corpos fortes e ativos, constituiriam um desafio aos discursos dominantes que têm vinculado o feminino à passividade, à pequenez e à fragilidade. Tal como dirá Silva Matos "(..) as fisiculturistas afirmam um corpo potente, invertendo a lógica tradicional de gênero vigente na maior parte das relações sociais." (da Silva Mattos et al. 2019, p. 106), o que fará delas seres desafiantes ao estabelecido. Segundo Jagger "Dessas tensas relações, desponta a recusa e a interdição à potencialização muscular feminina ilimitada." (Jaeger, 2009, p. 206).

Como se sabe, as diversas áreas da vida social são permeadas pelas relações de gêneros e pelas construções sociais de gênero e o desporto não é exceção.

Considera-se hoje que 'homens' e 'mulheres' são categorias políticas, e não fatos naturais" (Butler, 2018, p. 156) e que o gênero " é uma forma de indicar relações de poder e "construções culturais" e respeita à criação social de ideias sobre os papéis adequados aos homens e às mulheres.

Por outro lado, sabe-se com Rosi Braidotti (2003, p.46) que o corpo, em parte, é uma "construção cultural" uma "superfície onde se cruzam e se inscrevem múltiplos códigos de raça, classe, sexo, idade etc.". Também para Butler (2018, p. 186) o corpo é uma "fronteira variável, uma superfície cuja permeabilidade é politicamente regulada, uma prática significativa dentro de um campo cultural de hierarquia do gênero e da heterossexualidade compulsória".

Vários estudos têm ainda salientado que ao longo dos tempos um conjunto de formas estereotipadas foram regulando as expectativas sobre os comportamentos de homens e de mulheres. Nessa linha, refere Amâncio que "os traços de 'instrumentalidade' e 'dominância' estão associados ao masculino e a 'submissão' e 'expressividade', "traços físicos e afectivos, que apontam para o papel das mulheres na família, ao feminino (Amâncio, 1992, p. 14).

Um ideal de feminilidade, associado a atributos como fragilidade, delicadeza, persistiu ao longo dos tempos. Para Bourdieu, a chamada 'feminilidade' exigida das mulheres pelos sistemas simbólicos, seria a "arte de "se fazer pequena" (Bourdieu, 2020, p. 53), justificada nas posturas corporais submissas/ convenientes; enquanto os machos ocupam o seu corpo de maneira colossal.

A este ideal de feminilidade também se tem associado o conceito de beleza, tal como os estudos de Lipovetsky e de Naomi Wolf têm demonstrado.

É, pois, a partir deste corpo conceptual que interessa perceber que tipo de práticas significantes e que tipo de discursos atravessam as práticas das atletas fisiculturistas. Cabe compreender de que forma os discursos sobre as atletas são atravessados por questões que se prendem com as relações de gênero, os

papéis e estereótipos de gênero e as construções dominantes de masculinidade e feminilidade que têm perdurado ao longo dos tempos.

A pesquisa realizada na presente Dissertação de mestrado examina, de maneira minuciosa, as perspectivas das atletas fisiculturistas, brasileiras e residentes no país, da categoria *Women's Physique*, a respeito de suas compreensões sobre a feminilidade avaliada nos campeonatos de fisiculturismo.

A pesquisa “é um trabalho de produção de conhecimento sistemático, não meramente repetitivo mas produtivo, que faz avançar a área de conhecimento a qual se dedica.” (Goldenberg, 2004, p. 105)

Busca-se refletir e discutir sobre a narrativa das atletas sobre suas visões de corpo, beleza e feminilidade no contexto do esporte do fisiculturismo.

Visto que os corpos são construídos a partir dos discursos sociais, atravessados pelas relações de gênero e pelos estereótipos e pelos ideais de masculinidade e feminilidade dominantes, a questão pois então levantada, diz respeito aos corpos musculosos das atletas fisiculturistas, que soam pôr em causa as relações de gênero e os estereótipos e padrões de beleza dominantes.

Interessa questionar até que ponto o requisito ‘feminilidade’ dentro das regras de avaliações da *International Fitness & Bodybuilding Federation (IFBB)* - na qual o Brasil é afiliado – acusa a presença de tais estereótipos e padrões.

Analisando as considerações sobre as regras e avaliações realizadas pelos árbitros em competições, interessa interrogar algumas características de julgamento a respeito da categoria *Women's Physique*.

É, a partir dessa problemática, que importa perceber de que modo as atletas lidam com estas questões, o que elas compreendem sobre os requisitos de beleza e feminilidade e como isso as atravessa a elas e às suas práticas desportivas, já que elas são as protagonistas da categoria.

Diante do exposto, a pesquisa visa conhecer, por meio da narrativa das atletas da categoria *Women's Physique*, como elas compreendem o que é considerado belo e feminino dentro do esporte, e quais são as suas considerações sobre as regras que a Confederação traz em seu regulamento quando refere que as atletas devem demonstrar feminilidade.

Portanto, a partir dos critérios impostos no regulamento da Confederação Brasileira de Musculação, Fisiculturismo e *Fitness*, sobre os parâmetros destinados às avaliações dos corpos das atletas da categoria *Women's Physique*, qual é a percepção e entendimento que as atletas possuem sobre a delimitação da feminilidade como um requisito no esporte, e quais são as suas concepções sobre 'beleza' e 'feminilidade' dentro do fisiculturismo?

Os objetivos gerais da dissertação são:

Refletir, a partir de uma perspectiva de gênero, sobre as narrativas sobre os corpos femininos no contexto do esporte do fisiculturismo, confrontando o ponto de vista das atletas fisiculturistas praticantes das competições da categoria *Women's Physique* com a concepção de feminilidade para a Confederação Brasileira de Musculação, Fisiculturismo e *Fitness* (CBMFF – IFBB Brasil), afiliada da *International Federation of Bodybuilding & Fitness* – IFBB.

Revelar as perspectivas das atletas de fisiculturismo sobre a sua prática, os seus corpos, sobre os conceitos de beleza e feminilidade e sobre os requisitos exigidos pela Confederação Brasileira de Musculação, Fisiculturismo e *Fitness*, dando visibilidade às atletas e ao esporte.

Já os objetivos específicos são:

- Identificar e analisar os critérios da Confederação Brasileira de Musculação, Fisiculturismo e *Fitness* sobre os quesitos avaliativos da feminilidade das atletas;
- Identificar e analisar as concepções de beleza e feminilidade para as atletas fisiculturistas;
- Explorar os critérios de julgamento atribuídos durante as competições de fisiculturismo;
- Pesquisar a percepção social e cultural que as atletas fisiculturistas possuem sobre o seu papel e representação no esporte;
- Refletir sobre os conceitos e atributos que o corpo, a beleza e a feminilidade carregam no contexto do desporto na sociedade brasileira;
- Refletir sobre os estereótipos de gênero e sua presença no fisiculturismo.

3.2 Métodos e procedimentos da investigação

Empenhando-se na investigação da realidade de nossos sujeitos de pesquisa, o trabalho realizado possui caráter qualitativo, pois busca-se, por meio da subjetividade dos sujeitos de pesquisa, promover conhecimento através da troca de experiências, concepções e convicções. “A pesquisa qualitativa não se preocupa com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, etc.” (Silveira & Córdova, 2009, p. 31)

Os métodos qualitativos valorizam a vivência dos sujeitos participantes, e “ênfaticamente as particularidades de um fenômeno em termos de seu significado para o grupo pesquisado. É como um mergulho em profundidade dentro de um grupo "bom para pensar" questões relevantes para o tema estudado.” (Goldenberg, 2004, p. 50)

Em linhas gerais, a pesquisa qualitativa “envolve a obtenção de dados descritivos sobre pessoas, lugares e processos interativos pelo contato direto do pesquisador com a situação estudada, procurando compreender os fenômenos segundo a perspectiva dos sujeitos, ou seja, dos participantes da situação em estudo.” (Godoy, 1995, p. 58)

A pesquisa tem uma finalidade descritiva, pois possui como base a exposição de característica ou fenômenos de um grupo, assim como o estabelecimento de relações entre variáveis. “São incluídas neste grupo as pesquisas que têm por objetivo levantar as opiniões, atitudes e crenças de uma população.” (Gil, 2002, p. 42)

Cabe enfatizar que o estudo também é classificado como uma investigação feminista pautada na articulação sobre os conceitos de gênero, feminilidade e corporalidade, visando além de tudo, tornar as experiências e vozes das mulheres o cerne da pesquisa. Neves (2012, p. 8) pontua que as experiências narradas, por meio das entrevistas, “aumentam a consciência em torno dos significados dos seus percursos, refazendo-os discursivamente.” E acrescenta que

Na realidade, para Prue Chamberlayne e Annette King (1996, as cited in Liamputtong, 2007), a narração das histórias de vida é uma estratégia poderosa

de libertação, que torna efectivamente público o que foi mantido privado. Ao externalizar-se as experiências silenciadas de pessoas ou grupos oprimidos, traz-se para o espaço político (que é também o espaço da ciência) a reivindicação de direitos fundamentais. (Neves, 2012, p. 10)

Propiciando espaço de abertura à escuta das vivências e declarações das atletas, por isso,

[...] torna-se fundamental o respeito profundo pela pessoa e pelo seu contexto. Passa-se, assim, do pessoal ao político – para retomar o mote dos movimentos feministas de segunda vaga que se escolheu para o título – ao trazer para o domínio da investigação problemáticas muitas vezes privadas e invisíveis ao escrutínio público, mas cuja resolução é um imperativo para o empoderamento das pessoas e para a garantia da dignidade das suas vidas. (Bergano & Vieira, 2020, p. 20)

A investigação apoia-se em um levantamento documental e bibliográfico e em entrevistas.

O levantamento bibliográfico pode ser definido, segundo Marconi & Lakatos (2003, p.166) como:

Toda bibliografia já tornada pública em relação ao tema de estudo, desde publicações avulsas, boletins, jornais, revistas, livros, pesquisas, monografias, teses, material cartográfico etc., até meios de comunicação oral: rádio, gravações em fita magnética e audiovisuais: filmes e televisão. Sua finalidade é colocar o pesquisador em contato direto com tudo o que foi escrito, dito ou filmado sobre determinado assunto, inclusive conferências seguidas de debates que tenham sido transcritos por alguma forma, quer publicadas, quer gravadas.

O levantamento bibliográfico foi realizado através da pesquisa em periódicos, revistas e livros, sobre a temática do gênero, da feminilidade e corporalidade, e da história das mulheres no campo do fisiculturismo. Além de uma maior compreensão sobre os conceitos de beleza e feminilidade propagado durante os anos no Brasil.

Para avaliação do regulamento da Confederação Brasileira de Musculação, Fisiculturismo e *Fitness* (CBMFF), a respeito do julgamento dos corpos das atletas, foram consultados os documentos disponíveis no site da Confederação.

Como meio para a obtenção de dados a respeito da concepção de beleza e feminilidade do ponto de vista de mulheres atletas do fisiculturismo, mais especificamente da categoria *Women 's Physique*, segue-se pela entrevista, como

meio para angariar informações e explorar os aspectos dos indivíduos sobre as avaliações dos seus corpos.

Optou-se pela entrevista individual e semiestruturada.

A entrevista individual, semiestruturada, foi escolhida como ferramenta, devido à maior flexibilidade de manejo que a técnica propõe, e por desenvolver um ambiente acolhedor, que se dirige à percepção do sujeito e a sua subjetividade em relação às questões trabalhadas. Dispõe com o principal objetivo de conhecer quais são as visões das atletas fisiculturistas, o que elas pensam, acreditam e opinam ser um conceito de beleza e feminilidade dentro do esporte. Informando-se sobre como elas percebem os quesitos selecionados e utilizados para a classificação da categoria e avaliação dos corpos em campeonatos.

No que respeita à seleção dos sujeitos de pesquisa, tem-se como prioridade a participação de mulheres que estão credenciadas em uma Federação e participam de competições com o cunho do fisiculturismo esportivo no Brasil.

Promover a visibilidade dos sujeitos de pesquisa possibilita que eles contem a sua história real, que foi construída a partir de suas percepções. As pesquisas que envolvem os sujeitos, sendo baseadas no princípio da participação, "pressupõe ética, interação, devolução, respeito à dignidade e à experiência do outro." (Bourguignon, 2008, p. 161)

Ressalta, ainda, Rojas, citada por Bourguignon, que:

É o conjunto de vivências, emoções e experiências das pessoas que não está nos documentos e que tem um conteúdo e um valor inestimável na transmissão, conservação e difusão dos conhecimentos. Esses conteúdos fazem parte de um acervo dos grupos sociais e são esses mesmos conteúdos que têm permitido a integração e identificação do indivíduo no seu meio, no seu contexto, em um determinado período de tempo." (Bourguignon, 2008, p. 156)

A fim de analisar os dados levantados da entrevista, optou-se pela análise de conteúdo, que consiste em um "conjunto de técnicas de análise das comunicações." (Bardin, 1977, p, 31), tendo uma variedade de formas e aplicações no campo da comunicação.

A análise de conteúdo pode ser caracterizada como:

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objectivos de descrição do conteúdo das

mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens. (Bardin, 1977, p. 42)

Manuseando as entrevistas realizadas com as atletas da categoria *Women's Physique*, fez-se o tratamento das informações expostas pelas mesmas, sobre as suas visões do esporte, das regras ditadas pela Federação, e das questões de feminilidades no âmbito. Com o tratamento das mensagens, pode-se então inferir e deduzir conhecimentos sobre o meio e as visões das atletas. Como diz Bardin (1977, p. 39): "O analista é como um arqueólogo. Trabalha com vestígios: os «documentos» que pode descobrir ou suscitar. Mas os vestígios são a manifestação de estados, de dados e de fenómenos. Há qualquer coisa para descobrir por e graças a eles."

A organização da análise, passou pelas distintas fases, que segundo Bardin (1977) organizam-se em: pré - análise; exploração do material; e o tratamento dos resultados e interpretações. A escolha dos documentos a serem analisados, foram as entrevistas cedidas pelas atletas fisiculturistas, da categoria *Women's Physique* - a qual será discutida no próximo tópico. A respeito do tratamento dos dados e resultados obtidos, falaremos com maior afinco nos próximos capítulos.

Com base nas categorias previamente propostas para criação do guião da entrevista, foi feita uma codificação por unidade de registo, neste caso, a adotada foi a temática.

O tema é uma asserção sobre determinado assunto. Pode ser uma simples sentença (sujeito e predicado), um conjunto delas ou um parágrafo. Uma questão temática incorpora, com maior ou menor intensidade, o aspecto pessoal atribuído pelo respondente acerca do significado de uma palavra e/ou sobre as conotações atribuídas a um conceito. (Franco, 2005, p. 33)

CAPÍTULO IV - ANÁLISE DAS ENTREVISTAS

4.1 Entrevistas: percurso efetuado

Considerando que a presente dissertação, tal como referido anteriormente, visa esclarecer qual o entendimento que as atletas fisiculturistas praticantes das competições da categoria *Women´s Physique* têm sobre a sua prática, os seus corpos, e sobre os conceitos de beleza e feminilidade, enquanto requisitos exigidos pela Confederação Brasileira de Musculação, Fisiculturismo e *Fitness*, procedeu-se as entrevistas semiestruturadas às atletas fisiculturistas.

No que respeita aos critérios que presidiram à seleção das entrevistadas, optou-se por atletas credenciadas em uma Federação, que participam de competições com o cunho do fisiculturismo esportivo no Brasil.⁵

Para iniciar a etapa focalizada na coleta dos dados, foi realizado o primeiro contato com as atletas da categoria *Women´s Physique*, por meio das redes sociais, mais especificamente o *Instagram*, e o contato telefônico. Através da rede social *Instagram*, eu já acompanhava, de modo particular, o trabalho de algumas das atletas da categoria, e já tinha notícias de seu desenvolvimento no esporte, através dos posts realizados na rede.

Ainda assim, realizei uma pesquisa na rede social citada, como forma de ampliar o contato com as atletas da categoria, filiadas a uma Federação Brasileira. Ao todo, entrei em contato com vinte e cinco atletas. Nesse primeiro momento, me apresentei, relatei a minha profissão e o meu encargo como pesquisadora e redatora dessa dissertação, comentei sobre os objetivos da pesquisa e apresentei os documentos de sigilo. Ademais, realizei o convite para a participação na entrevista, podendo esta, ocorrer de forma remota, pelo aplicativo *Google Meet*, com horário a ser combinado entre ambas as partes.

A efetivação dos convites se deu de modo assíduo por meio da rede *Instagram*, já que na rede é possível pesquisar, buscar e encontrar perfis globais. Também pesquisei o perfil das atletas da categoria *Women´s Physique* através da conta da Confederação Brasileira de Musculação, Fisiculturismo e *Fitness* (CBMFF) – a qual se identifica pelo nome @ifbbbrasiloficial. Além da busca pelos

⁵ É útil salientar que realizei contato com a Confederação Brasileira de Musculação, Fisiculturismo e *Fitness* (CBMFF) buscando informações quantitativas sobre o número de atletas filiadas as Federações, por e-mail e redes sociais, porém não obtive respostas.

perfis das atletas na rede social, também fiz contato com academias de musculação, na tentativa de indicações de praticantes do esporte, que treinassem no local.

Esse engajamento ocorreu de forma presencial, em três grandes academias de musculação em minha cidade - Ponta Grossa, PR – Brasil - e em uma renomada academia na cidade de Campinas, SP – Brasil. No contato, eu me apresentava, falava sobre a pesquisa e seus objetivos, apresentava a carta comprovativa da orientação da Dissertação de Mestrado no âmbito da Universidade Aberta pela Professora Dra. Anabela Couto e inquiria sobre a possibilidade da academia indicar as atletas *Women's Physique* que treinavam em seus espaços. Porém, nas quatro iniciativas, não obtive um retorno positivo sobre a possibilidade de diálogo com atletas da categoria, pois em nenhuma das academias de musculação visitadas, havia atletas fisiculturistas dessa categoria.

Cabe aqui referir, que não foi uma tarefa rápida e fácil obter a resposta positiva das atletas para a participação na pesquisa, visto que o número de respostas foi relativamente baixo. Porém, quando realizei a primeira entrevista, com a atleta 1, ela me indicou outras colegas com as quais eu poderia conversar, e esse efeito me trouxe os demais resultados.

Do total dos vinte e cinco contatos via rede social *Instagram*, apenas dezessete atletas retornaram a mensagem. Algumas delas mostravam-se dispostas a realizar a entrevista, enquanto apenas uma convidada disse recusar o encontro. Dessas dezessete respostas, seis se consolidaram na realização completa da entrevista. De maneira geral, as atletas se diziam contentes pelo convite, encaminhavam seu contato pessoal de *WhatsApp*, e pediam para eu contatá-las por essa via.

Pode-se relatar, que das dezessete atletas que retornavam a mensagem demonstrando interesse, onze atletas não deram continuidade. Por vezes não tinham tempo para a entrevista ou passavam a não retornar mais as mensagens. Vale ressaltar que essas atitudes eram presentes após o envio do Termo de Consentimento Livre e Informado (anexo I), no qual constam os objetivos da pesquisa e os termos de sigilo, e o Guião da Entrevista.

Os seis encontros realizados para efetivação da entrevista decorreram entre o mês de agosto e setembro de dois mil e vinte e quatro.

Todas as entrevistas transcorreram de forma remota, pelo aplicativo *Google Meet*, juntamente com o sistema integrado TI;dv (Transcrições, Marcação e Armazenamento de Vídeo), sistema esse que possui a função de gravar e transcrever os diálogos realizados. Operando os encontros por esse sistema, tive acesso na íntegra as transcrições dos assuntos relatados na entrevista.

Posteriormente a cada entrevista, foi efetuada a revisão cuidadosa dos conteúdos, já que a pesquisa preza pela fidedignidade dos relatos.

4.2 Caracterização das entrevistadas

Antes de iniciarmos a condução da entrevista propriamente, coletou-se as características gerais/ socioculturais de cada atleta entrevistada. Dentro dos critérios utilizados, consta: o nome completo; idade; formação; profissão e anos de prática. Prezando pela confidencialidade dos sujeitos de pesquisa, optou-se por utilizar a sequência numeral para realizar a identificação das atletas. As características socioculturais seguem sendo:

A atleta número 1, possui trinta e oito anos de idade, formou-se como educadora física e atualmente trabalha na área. Além disso, comenta que possui seis anos de prática do esporte.

A atleta número 2, possui quarenta e dois anos de idade, está cursando publicidade e propaganda, e se dedica exclusivamente ao esporte, sendo atleta profissional. Comenta que possui vinte e sete anos de prática da musculação, e como fisiculturista atua há onze anos.

A atleta número 3, possui quarenta e três anos de idade, formou-se em educação física e atualmente trabalha na área. Além disso, possui dez anos de prática do esporte.

A atleta número 4, possui trinta e três anos, é formada em educação física, trabalha como *personal trainer* e é empresária. Comenta que possui três anos na prática do fisiculturismo.

A atleta número 5, possui quarenta e quatro anos, tem formação em designer gráfico e trabalha como bancária. Relata possuir seis anos na prática do esporte.

A atleta número 6, possui cinquenta e um anos, tem ensino médio completo e trabalha no serviço de hotelaria. Relata possuir doze anos de prática do esporte.

Tabela 1*Caracterização das entrevistadas*

Nome	Idade	Formação	Profissão	Anos Prática
Atleta 1	38 anos	Educação Física	Educadora Física	06 anos
Atleta 2	42 anos	Publicidade e Propaganda em andamento	Atleta Profissional	11 anos
Atleta 3	43 anos	Educação Física	Educadora Física	10 anos
Atleta 4	33 anos	Educação Física	Personal Trainer e Empresária	03 anos
Atleta 5	44 anos	Designer Gráfico	Bancária	06 anos
Atleta 6	51 anos	Ensino Médio	Hotelaria	12 anos

Percebe-se, a partir dos dados socioculturais, que no quesito profissional, os sujeitos da pesquisa variam em suas práticas laborais, porém a maioria das atletas entrevistadas relatam trabalhar na área da educação física ou do esporte propriamente. Outro fator de variância são os anos de práticas do esporte. Nota-se que o tempo de prática varia entre três e doze anos.

Os questionamentos realizados nas entrevistas, seguem na Tabela 4.1 abaixo, juntamente com os seus respectivos objetivos seguidos para embasamento:

Tabela 2
Guião da Entrevista

BLOCOS	OBJETIVOS ESPECIFICOS	PERGUNTAS
LEGITIMAÇÃO DA ENTREVISTA	Rapport	<ul style="list-style-type: none"> • Transmitir os objetivos da investigação. • Assegurar o carácter confidencial das informações.
PERCURSO	Compreender seus percursos no esporte e na categoria <i>Women´s Physique</i>	<ul style="list-style-type: none"> • Como você iniciou a sua prática pelo esporte? • Como decorreu a sua decisão de participar da categoria <i>Women´s Physique</i>? • Concorda com a decisão da redução de 20% de massa muscular das antigas atletas de Bodybuilder?
CRITÉRIOS DA CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE MUSCULAÇÃO, FISCULTURISMO E FITNESS	Identificar e analisar a percepção das atletas sobre os critérios da Confederação Brasileira de Musculação, Fisiculturismo e Fitness sobre os quesitos avaliativos da feminilidade das atletas;	<ul style="list-style-type: none"> • No regulamento do esporte, consta que as mulheres da categoria <i>Women´s Physique</i> precisam apresentar um corpo em que “A imagem geral exibida deve demonstrar equilíbrio, feminilidade e autoconfiança”. Como você entende essa regra? • Concorda com ela? Porquê? • Também diz que o “árbitro deve comparar a forma muscular, densidade e definição, embora ainda tendo em mente o desenvolvimento geral equilibrado da atleta e feminilidade.” Como você entende essa

		<p>avaliação? Concorda? Porquê?</p> <ul style="list-style-type: none"> No site da CBMFF/IFBB BR, ao citar a modalidade, consta a seguinte frase: “É destinada a mulheres que querem elevar o seu nível de massa muscular e condicionamento ao máximo possível através de treinamento e dieta, porém respeitando-se a anatomia, volume e silhueta feminina. Desta forma, acabam por desenvolver um físico menos musculoso, ainda atlético e esteticamente agradável, ao contrário das antigas atletas do fisiculturismo feminino, que acabaram por perder a feminilidade nos últimos anos.” Como você compreende esse modo de avaliação realizada nas competições? Concorda com ela? Qual a sua opinião sobre o uso de maquiagem, adereços e penteados no cabelo para a apresentação em competições? Você percebe alguma diferença na prática do esporte por homens e mulheres? E em relação à avaliação em campeonatos?
<p>NARRATIVAS DAS ATLETAS FISICULTURISTAS</p>	<p>Identificar e analisar as concepções de padrão de beleza e feminilidade para as atletas fisiculturistas</p>	<ul style="list-style-type: none"> Em seus treinos na academia e em suas dietas, essa questão da feminilidade do corpo faz-se presente? Como?

		<ul style="list-style-type: none"> • A partir das suas vivências e do seu ponto de vista, o que significa pra você o conceito de feminilidade e autoconfiança no esporte? • Como você compreende o conceito de belo e feminino, dentro do esporte e principalmente de sua categoria?
VIVÊNCIAS	Pesquisar a percepção social e cultural que as atletas fisiculturistas possuem sobre o seu papel e representação no esporte	<ul style="list-style-type: none"> • Como você se sente sendo uma mulher atleta de um esporte de alto nível de dedicação e definição corporal? • Ser atleta do fisiculturismo é carregar consigo o esporte por onde for, por meio do seu corpo. Você já passou por alguma situação ou comentário desagradável ou agradável sobre seu corpo? Quais? Como você reagiu? • De que maneira você percebe a sua representação, como mulher e atleta de alto nível, para a sociedade? • Deseja referir algo mais que não tenha sido abordado nesta entrevista?

As perguntas do bloco 'Percurso' têm como objetivo compreender a escolha pessoal de cada atleta pelo esporte da musculação, já que a musculação é a base para a prática do fisiculturismo. Ou seja, nem todos os sujeitos que praticam a musculação são fisiculturistas, mas todos os fisiculturistas praticam a

musculação. Procurou-se compreender como foi a escolha da categoria *Women's Physique*, visto que, a categoria faz parte das sete categorias atuais da Confederação Brasileira de Musculação, Fisiculturismo e *Fitness* (CBMFF). Além de conhecer a opinião das atletas sobre a imposição da Confederação, no ano de 2012, em relação a redução de massa muscular das antigas atletas da categoria *Bodybuilder*.

As perguntas do bloco 'Critérios da Confederação Brasileira de Musculação, Fisiculturismo e *Fitness*', tratam de analisar as percepções das atletas sobre os quesitos avaliativos que a Confederação exige. Principalmente relacionados com a questão da feminilidade e a respeito da silhueta feminina. Ademais, nos interessa captar a simbologia do uso de adornos, como maquiagem, brilhos e penteados, durante as competições. E questiona-se se há diferenças entre a prática do esporte nas categorias femininas e masculinas. Buscando, assim, analisar o cenário feminino no fisiculturismo.

As perguntas do bloco 'Narrativas das atletas fisiculturistas' nos endereçam ao panorama das atletas sobre a feminilidade e as questões de beleza no esporte. Além de buscar compreender se o imperativo da feminilidade se faz presente em seus corpos fora das competições.

Por fim, as perguntas do bloco 'Vivências' buscam refletir sobre as questões sociais e culturais que as atletas vivem, como seus sentimentos relativos à sua prática, sua representação e até mesmo comentários desagradáveis que podem ter vivido por conta do seu corpo volumoso e treinado.

No que respeita à seleção dos sujeitos de pesquisa, tem-se como prioridade a participação de mulheres que estão credenciadas em uma Federação e participam de competições com o cunho do fisiculturismo esportivo no Brasil.

4.3 Categorias de análise

Como referido anteriormente, o tratamento das mensagens seguiu-se referenciando-se na análise de conteúdo (Bardin, 1977; Franco, 2005), selecionando-se como unidade de registro os temas abordados. Convém salientar, que as temáticas bases seguem em correspondência com os objetivos específicos da presente Dissertação, sendo delimitados nos temas: Percurso no esporte; Opção pela categoria *Women's Physique*; Considerações sobre a Confederação Brasileira de Musculação, Fisiculturismo e Fitness (CBMFF); Perspectivas sobre os quesitos de feminilidade exigidos na categoria *Women's Physique*; e Representatividade feminina.

Entretanto, os temas bases não se esgotam em si mesmos. Assim, criaram-se subtemas em algumas das temáticas, já que muitos pontos de interesse para o nosso estudo foram referidos, mesmo que não estivessem presentes no Guião da entrevista. Destaca-se que a entrevista seguiu de maneira semiestruturada, tendo, pois, cada uma caminhos divergentes, mas que desaguam em enunciações extremamente pertinentes para esta dissertação.

Procedeu-se pela sistematização das respostas em tabela (Anexo II), para organizar de maneira clara e intuitiva a informação por pergunta e categoria temática. Logo em seguida, se fazem as considerações e leituras articuladas dos conteúdos.

4.3.1 Percurso no esporte

À pergunta sobre o que levou as inquiridas à prática do esporte, a totalidade das entrevistadas afirmou que o que despoletou a prática no esporte foi a necessidade e a vontade de alterar o corpo.

Captamos nas respostas vivências diversificadas, mas que se enquadram basicamente em duas situações. Na primeira, vemos que algumas atletas optam pelo início da prática da musculação, por estarem insatisfeitas com o seu corpo magro. Por se sentirem demasiado magras e não terem muitos músculos por todo o corpo, se lançam nas academias na tentativa de aumentar a sua massa muscular e ganhar peso. Tal como refere a Atleta 1: “Eu comecei a treinar quando eu tinha um pouquinho mais de 20 ali, eu comecei a treinar porque eu era muito magra [...]”. A mesma ideia é corroborada pela Atleta 2: “Eu comecei na musculação com 15 anos de idade. Então já tenho 27 anos de treinamento e sobre o fisiculturismo eu comecei a me interessar, quando eu tinha 19 anos. [...] eu era muito magrinha, eu era muita pequena [...]”. A Atleta 4 refere: “[...] porém *tava* descontente com o meu físico assim, eu *tava* muito magra, muito *flat*, muito. Parecia doente mesmo, *né*? Foi aí que eu falei: não, eu preciso fazer alguma coisa, porque eu estou muito magra, mas não tá legal a parada aqui. E *ai* foi quando eu comecei a musculação.”.

Do outro lado, vemos que algumas atletas não estavam satisfeitas com a sua saúde e sobrepeso corporal, por isso buscaram realizar acompanhamento com profissionais e se dedicar à academia. Aqui o objetivo começou por ser perder peso. Vejam-se a este propósito as palavras da Atleta 3: “E *ai* eu comecei com nutricionista que ele me obrigou a ir pra uma academia, porque só a dieta não *tava* adiantando. Eu tinha que fazer uma atividade física. E até então eu nunca tinha entrado em uma academia na minha vida. Nunca tinha gostado e acabei me apaixonando, e eu falei que se eu conseguisse emagrecer, eu iria virar atleta.”

Esta ideia é apontada pela Atleta 5: “[...] eu comecei a fazer algumas atividades físicas, *né*. Musculação, caminhada. Comecei a perder peso [...]”. E também pela Atleta 6: “Eu fui em um nutricionista e já treinava há muitos anos, porque na minha infância, na minha adolescência, eu sempre fui gordinha e não

gostava muito, *né*. Então, quando eu fiz uns 14, 15 anos, eu entrei na academia de ginástica e comecei a fazer dietas e meu corpo foi mudando, mudando, mudando.”

Torna-se perceptível, por meio de seus relatos, que todas as mulheres estavam descontentes com seus corpos, e diante disso, procuraram os benefícios da prática da musculação. Sejam eles, os mais propícios para as particularidades e desejos de cada uma delas.

A opção pela musculação parece ser uma resposta a um sentimento de profunda insatisfação com o corpo. Parece haver um sentimento de desadequação entre os corpos reais das entrevistadas e um corpo ideal que se propõe conquistar. A musculação surge como a via para conseguir esse corpo mais apetecível.

A possibilidade de transformação do corpo que a musculação proporciona é valorizada como altamente positiva.

Faz-se sentir uma pressão social relativamente a um padrão de beleza e a um padrão corporal instituído. Os corpos das atletas eram sentidos como desadequados aos padrões dominantes, ora por defeito ora por excesso. O início da prática da musculação para as entrevistadas começou por ser uma forma de corrigir essa desadequação.

4.3.2 Opção pela categoria *Women's Physique*

Relativamente à pergunta sobre o que levou à opção pela categoria *Women's Physique* as repostas são diversificadas.

Em alguns relatos, percebe-se que poucas atletas iniciaram a sua carreira no fisiculturismo imediatamente na categoria *Women's Physique*. Quatro das seis atletas entrevistadas comentam que iniciaram sua trajetória na categoria *Wellness*. Nesta categoria constroem-se corpos com maiores volumes musculares de coxas e glúteos e menor proporção muscular de músculos superiores, como ombro, costas e bíceps.

Essa questão apresenta-se nos relatos das Atletas 1, 4, 5 e 6. Vejamos: “De imediato eu não me interessei pela minha categoria, que é a *Women's Physique* né, eu me interessei por uma categoria um pouco mais feminina [fez o gesto de aspas com a mão], que seria a categoria *Wellness*, que é uma categoria muito mais conhecida no Brasil.” (Atleta 1); A Atleta 4 comenta que: “A primeira vez que eu competi, eu competi na categoria *Wellness*.”; Também vemos a mesma fala com a Atleta 5: “Então, eu comecei a minha primeira competição foi como *Wellness*, né? [...]”; E no relato da Atleta 6: Então, no início, eu comecei na categoria *Wellness*, depois migrei para a categoria *Figure* [...]”.

Observa-se que a escolha da categoria é permeada por questões de gênero, já que, como relata a Atleta 1, a categoria *Wellness* é uma categoria um pouco mais “feminina”. A Atleta refere que: “De imediato eu não me interessei pela minha categoria, que é a *Women's Physique* né, eu me interessei por uma categoria um pouco mais feminina [fez o gesto de aspas com a mão], que seria a categoria *Wellness* [...]”.

Ou como diz a Atleta 5: “Então, eu comecei a minha primeira competição foi como *Wellness*, né? [...] Porque acho que é toda menina quer como a linha do *Pole Dance*, que é uma atividade extremamente... que envolve muita parte da feminilidade, da sensualidade. Eu quis dentro do fisiculturismo ir para uma categoria onde fosse condizente, na minha cabeça, né? E então tinha um salto alto, né? Aquela coisa do desfile, do cabelão [...]”.

Porém, as Atletas relatam que a categoria *Wellness* não estava sendo satisfatória, já que seus corpos podiam se desenvolver de maneira mais

acentuada, e por isso optaram pela troca de categoria. Vejamos o relato da Atleta 3: “Então, por incrível que pareça, não fui eu que escolhi a categoria, ela que me escolheu, porque o meu corpo foi se moldando para essa categoria”. Assim como no caso da Atleta 4: “[...] A gente sempre costuma dizer no esporte, que quem escolhe a categoria é o físico, a genética, não a gente que escolhe. [...]”. Também com a Atleta 5: “[...] O meu corpo ele escolheu a categoria que eu tô hoje na verdade, né? Ele já desde o início dava sinais de que não ia dar certo naquela categoria, né? E assim, eu me permiti então evoluir o que era para evoluir, que é os membros superiores, né?” Corroborando com a Atleta 6: “[...] porque o corpo que leva a gente, né? O corpo vai evoluindo, não tem como.”.

Sendo assim, a escolha da categoria não é arbitrária, mas é o corpo, a genética que decide pelo seu desenvolvimento, e a potência muscular que as atletas podem alcançar. Não podendo então, enquadrar-se em regras quanto ao desenvolvimento corporal e os músculos que podem ser mais desenvolvidos ou não.

Em contrapartida, a atleta 2 comenta que desde o início desejava participar da categoria *Bodybuilder*, porém, com a extinção da categoria em 2012, ela precisou adaptar-se na atual *Women’s Physique*. “Na verdade, a categoria que eu mais gosto mesmo, que eu sempre busquei que eu queria ser é a *Women’s Bodybuilder*, que é uma categoria acima da minha. Na verdade, eu não queria nem a *Women’s Physique*.” E complementa: “Sempre quis ser grande, musculosa, gigante, esse perfil atlético mesmo, de você ver no olhar, você vê a atleta, e já vê “nossa ela treina” né?”.

4.3.3 Considerações sobre a Confederação Brasileira de Musculação, Fisiculturismo e *Fitness* (CBMFF)

As observações críticas relativas a algumas posições da Confederação Brasileira de Musculação, Fisiculturismo e *Fitness* (CBMFF) estiveram presentes no discurso das atletas de forma espontânea e livre. Por exemplo, a Atleta 1, quando questionada sobre as regras da competição, presentes em regulamentos da Confederação, relata que na prática as considerações não funcionam plenamente, como diz: “Na verdade, quase nada do que está lá, “tem que ser assim”, funciona na prática.” Questão essa, que impacta nas preparações dos corpos para as competições.

A imprecisão traz para a Atleta 1 a dúvida sobre o que realmente é solicitado e o que será avaliado pelos árbitros, pois a atleta campeã de um campeonato da categoria *Women’s Physique*, tinha o conjunto muscular e volume proporcional ao de uma atleta da categoria *Bodybuilder*. Vejamos: “[...] Só que a campeã tinha o volume de uma *Bodybuilder*. Entende, então é uma coisa que na hora ali não funciona.”

Ainda na mesma linha, sobre as considerações da Confederação e suas regras, as Atletas 3 e 6 comentam que a própria Confederação é preconceituosa com as atletas, que não dá apoio aos participantes do esporte.

A Atleta 3 comenta que a sua categoria sofre preconceito até mesmo pela Confederação, já que não possuem apoio da mídia, de patrocinadores e de outros atletas comentaristas e consumidores do esporte, sendo que as categorias masculinas possuem mais visibilidade. “Como eu te falei, a nossa categoria, a *Women’s Physique*, ela sofre preconceito até mesmo dentro da própria federação. [...] o homem é mais favorecido do que a mulher em tudo.” Além disso, a Atleta percebe que as competidoras das outras categorias femininas, possuem também mais apoio da Confederação, do que as da categoria *Women’s Physique*. Como diz: “[...] E até mesmo, ela chega a ser discriminada até mesmo na própria Federação né? Não nos apoia como apoia as outras categorias né?”

Corroborando com a sua fala, a Atleta 6 relata que falta organização das Confederações para a realização dos campeonatos, já que possuem poucas atletas na categoria. Diz: “Se tem um campeonato que tem uma premiação, se

tem, em dinheiro, não dá pra você conseguir, porque não teve competidor suficiente [...] Porque é uma coisa que revolta um pouquinho a gente, mas enfim, as Federações, elas são preconceituadas mesmo com os próprios atletas, mas a gente não concorda [...]”.

Nota-se que as Atletas pontuam suas frustrações com o esporte, com a organização dos campeonatos e avaliações dos árbitros. Mesmo que o esporte preze pela hipertrofia muscular nas categorias de volume, definição, simetria e harmonia corporal (Souza, 2018). As Atletas narram o conflito nas avaliações, assim como se percebe a desordem na promoção das competições e do apoio na mídia e divulgação da categoria.

4.3.3.1 Avaliações dos árbitros

Como apontado no tópico anterior, a temática aqui sinalizada, avaliação dos árbitros, não foi a resposta a uma pergunta diretamente realizada. Mas as críticas às avaliações dos árbitros, esteve presente nos discursos das Atletas de forma livre. Nesse ponto, as Atletas 1 e 3 comentam como são questionáveis os pareceres dos árbitros nas competições. Já que mostram serem controversos com os requisitos propostos no regulamento da categoria. Nesse sentido, narram que: “Então você fica muito confuso, às vezes até o próprio arbitro foi lá, escreveu um negócio que tem que estar, mas nem ele pensa o que ele está fazendo. Que na hora de decidir não é a pessoa que está dentro do padrão que ganha, é outra.”

E a Atleta 3 diz: “Você pode estar mais linda, a mais sexy, a mais feminina para um. O outro vai olhar e falar ‘não, eu não gostei’. E *aí?* Não tem o que você fazer, você está ali numa competição, você *ta* sendo julgada. Você fez o que eles pediram, você seguiu a regra *né?*”.

Ainda nessa linha, as Atletas 2 e 4 referem que a avaliação dos árbitros é subjetiva, sendo assim, pareceres diferentes sobre a mesma performance, podem vir de diferentes avaliadores. Na fala da Atleta 2 nota-se que a avaliação pode estar relacionada ao agrado de cada um. “Às vezes tem arbitro que prefere primeiramente o condicionamento, e depois as demais coisas. Outros preferem mais o balanço, a estética, a linha, *né?* Essa coisa da cintura mais fina, outros não se importam com a cintura tão fina.” Assim como diz a Atleta 4 “[...] por ser um esporte muito subjetivo fica muito à mercê do gosto dos árbitros, *né?*”

Dessa forma, o julgamento pela entrega dos corpos construídos, liga-se não ao critério do esporte de forma regular e estruturada, mas acaba tendo crivos maleáveis, que não seguem uma norma. Mesmo que essa norma esteja regulamentada pela Confederação. Como diz a Atleta 1: “[...] é um tiro no escuro. Não tem como saber.”.

4.3.3.2 Poucas atletas na categoria

Quanto ao baixo número de atletas participantes da categoria *Women's Physique*, as Atletas 1 e 6 comentam sobre as suas frustrações em relação a isso. Essa foi uma questão apresentada pelas atletas de forma livre, não sendo a resposta direta de uma pergunta que envolva o número de atletas participantes.

O reduzido número de atletas coloca em xeque a premiação nas competições, já que, como diz a Atleta 1, “Vamos lá, tem três atletas no palco, as três atletas não estão no padrão, mas só tem três atletas. Alguém vai ter que ganhar.”

Sua fala corrobora a fala da Atleta 6, em relação a execução dos campeonatos, já que a categoria não conta com muitas atletas. Elas dizem: “Ou seja, quando chega lá no evento principal, não tem tantas atletas, são sempre as mesmas atletas [...] nem sempre todas as atletas vão estar nos campeonatos.” (Atleta 1); “[...] se tem um campeonato que tem uma premiação, se tem, em dinheiro, não dá pra você conseguir, porque não teve competidor suficiente.” (Atleta 6)

Pondera-se que o baixo número de atletas participantes da categoria, pode ter relação com as questões de gênero associadas ao desempenho muscular que as atletas carregam. Como relata a Atleta 3 em outra passagem: “Nenhuma mulher quer ser *Women's Physique*. Todas querem ser *Wellness* ou *Biquini*.”

Assim como as Atletas 1 e 5 relatam sobre o seu percurso no esporte e a escolha pela categoria: “De imediato eu não me interessei pela minha categoria, que é a *Women's Physique né*, eu me interessei por uma categoria um pouco mais feminina [fez o gesto de aspas com a mão], que seria a categoria *Wellness [...]*” (Atleta 1); E a Atleta 5 diz: “Então, eu comecei a minha primeira competição foi como *Wellness, né?* [...] Porque acho que é toda menina quer como a linha do *Pole Dance*, que é uma atividade extremamente... que envolve muita parte da feminilidade, da sensualidade. Eu quis dentro do fisiculturismo ir para uma categoria onde fosse condizente, na minha cabeça, *né?* E então tinha um salto alto, *né?* Aquela coisa do desfile, do cabelão [...]

4.3.3.3 Redução de volume muscular das atletas *Women´s Bodybuilder*

Ao serem questionadas sobre as suas opiniões em relação à redução de volume muscular que a Confederação postulou, no ano de 2012, às atletas da categoria *Bodybuilder*, as opiniões ficaram em dois blocos: as Atletas 1,2 e 3 não concordam com a redução de 20% de volume; e as Atletas 4,5 e 6 dizem concordar com as mudanças.

A Atleta 1 afirma que o que deveria ser levado em consideração pela Confederação seria a simetria do corpo, a distribuição do volume muscular, e não necessariamente o volume em si. Ela diz: “[...] eu discordo um pouco dessa questão de que teria que abaixar o volume, eu acho que não é o volume em si, é no caso, a simetria entre esse volume, se esse volume *tá* bem distribuído.”

As Atletas 2 e 3 falam sobre o desrespeito que a questão gera com as mulheres da categoria *Bodybuilder*, sendo um atentado à liberdade de escolha de cada atleta. A Atleta 2 comenta que: “Não, não concordo [...]E tirar a categoria é dizer *pras* mulheres que elas não podem ser aquilo que elas querem ser, e a gente pode ser o que a gente quiser, isso não nos define como pessoa. Eu acho que tirar a categoria é um desrespeito *pra* escolha de cada pessoa.” A Atleta 3 reforça: “Eu já não acho legal, eu não acho bom, porque é o seu corpo, *né?*”

Em contrapartida, as Atletas 4,5 e 6 dizem concordar com a nova regra. A Atleta 4 testemunha que no seu caso, a criação da categoria *Women´s Physique* foi ideal, já que não gostaria de participar da categoria *Bodybuilder*, dado um certo preconceito que sente relativamente a exigência muscular da categoria *Bodybuilder* por um lado e a desadequação genética a uma categoria inferior. Diz: “Eu concordo, eu vejo como uma forma de encaixar mulheres, por exemplo como eu *né?* Que tem esse medo, que tem essa preocupação, esse preconceito, que tem esse receio, mas que o físico pede *né*. Que a genética é de mulherão, de mulher grande, mulher forte. Então tem uma categoria onde ela se encaixa, ela não quer chegar nas dimensões nas proporções de uma *Bodybuilder*. E também não consegue se encaixar, não consegue ficar em categorias menores, *né*, em Biquíni, *Wellness*. É um meio termo.”

A Atleta 5 comenta que as proporções corporais das antigas atletas *Bodybuilder*, eram excessivas, demasiado “masculinas” e relata que: “Então eu

acho que foi bacana essa pausa realmente por conta dessa situação, porque *tava* começando a ficar uma coisa muito desagradável, ela passa do ponto, *né?* Eu acho que um determinado ponto para mulher é bacana, você ainda consegue trabalhar aquilo ali para aceitação das pessoas, *né?*” Assim como a Atleta 6 possui a mesma visão. Vejamos: “Então, eu acho que é muito válido, sim [...] Você, quando olhava uma mulher de costas junto com um homem, você não sabia quem era o homem, quem era a mulher, porque era muito agressivo mesmo. E assim, eu amo o fisiculturismo, eu acho... mas *pra* mim, aquele corpo de *Bodybuilder*, *pra* mim, eu não gostava, eu achava que era muito masculino mesmo.”

Constata-se que as Atletas que concordam com a redução do volume muscular da categoria *Bodybuilder*, para criação da categoria *Women´s Physique*, reportam-se à masculinização do corpo das mulheres, e afirmam que isso gera um desconforto na ordem social.

4.3.3.4 A prática esportiva por mulheres e homens

A questão levantada visa apurar as condições de igualdade ou desigualdade na prática do esporte.⁶

Ao serem questionadas se percebem diferenças na prática do esporte por homens e mulheres, cinco Atletas responderam que sim, que com certeza existem.

As Atletas relatam que a maior escala de diferença na prática do fisiculturismo é a visibilidade mediática e publicitária que os atletas atingem, ao contrário das atletas, e a menor capacidade destas para angariar patrocínios, relativamente aos seus colegas homens. As entrevistadas afirmam que poucas atletas da categoria possuem patrocínio de empresas, pois a venda do fisiculturismo masculino é maior. Há maior comercialização do esporte praticado por homens. Vejamos o que dizem:

A Atleta 1 diz: “Sim, eu acho que tem, pelo fato do próprio homem vender mais, porque o músculo já traz uma figura mais masculina. [...] a pessoa já associa o músculo ao homem e a mulher o corpinho mais violão, mais delicadeza, sem músculo. Então como o homem ele já vende mais, então no esporte ele se destaca mais. E quando tem um campeonato, toda a atenção é muito mais *pros* homens, até porque vai gerar muito mais mídia.”.

A Atleta 3 corrobora: “Tem [...] pra *Women’s Physique* ganhar um patrocínio de suplementação, não ganha. Você não consegue, porque um exemplo: Ah, eu tomo o *Whey X*, ‘Ah aquela atleta toma esse *Whey*, eu vou ficar igual a ela’. Que é o pensamento das pessoas, entendeu? [...] Então tem essa diferença *aí*, mas dão patrocínio para os homens, porque todos os homens querem ser *Bodybuilder*, querem ser grandão. O homem pode ser grandão, a mulher não.”.

A Atleta 4 comenta que existe diferença entre a prática do esporte por homens, mas também por mulheres de outras categorias, como a Biquini e *Wellness*. A Atleta comenta que as mulheres dessas categorias possuem mais apoio e visibilidade, já que portam corpos mais aceitáveis e possíveis de serem conquistados. Vejamos:

⁶ Não foi possível obter a resposta da Atleta 2 à pergunta referida.

“Tem muita diferença da prática dos homens para as mulheres assim como tem muita diferença das mulheres de outras categorias para as mulheres da nossa categoria. [...] no mercado *Fitness*, a mulher consome muito mais, mas no mercado maromba os homens consomem muito mais. [...] Mas e quando se fala de categorias menores, a Biquíni e *Wellness*, e a nossa categoria, vai pelo mesmo sentido, mas *ai* não pela questão de conteúdo, e sim pela venda, *né*. Normalmente por um padrão. O que que as mulheres querem ser, principalmente no Brasil, *Wellness*, as mulheres querem ser aquele corpo.”

“Enfim, mas são dois corpos muito mais aceitáveis, muito mais estéticos dentro da sociedade. Então fica mais fácil de vender. Somente aquele corpo já se vende, porque todo mundo quer, toda mulher tem um sonho de ter aquele físico. Aí quando você vem uma mulher maior é difícil, *né*? Não é um corpo vendável, de Venda Fácil, *né*? Não é um corpo que a maioria quer.”

A Atleta 5 diz sobre a falta de apoio das empresas: “Sim, tem diferenças. Com toda certeza. Diferenças em relação a apoio de empresas [...]E *ai* a gente percebe que a mulher que consegue se manter mais feminina, mais comunicativa, que consegue desenvolver o lado comercial independente do físico, ela consegue se dar bem em vários aspectos, *né*. Mas ela ainda assim tem que trabalhar de um jeitinho ali meio velado, meio *né*, não falar tudo. Então é complicado mesmo.”

E também a Atleta 6: “Tem, tem. O público dos atletas masculino, eu acho que eles são muito mais... tem muito mais vantagem em tudo. No campeonato, em relação ao patrocínio, em relação aos treinos, *né*, eles têm vantagem, sim, em tudo. [...]Então, eu acho que a categoria, eles tenham benefícios, porque é muito, são muitos os homens. Então, o palco é... *tipo*, uma categoria de *Men's Physique*, mais de 30 atletas no palco. [...] Então, *pra* eles, convite *pra* fazer uma foto, marca de um suplemento, é muito, muito melhor. Nas entrevistas, depois a gente desce do palco, você vê que a maioria das empresas que fazem entrevista, eles pegam mais atleta masculino *pra* fazer uma entrevista. Eles têm mais vantagem, assim, do que a gente.”

Capta-se que a carência de apoio, principalmente financeiro com as atletas da categoria *Women's Physique*, advém da rejeição da modalidade. Como as

Atletas citam, a categoria não é consumida pelo público em geral. Não há visibilidade e nem apoio.

Como a Atleta 4 diz, até mesmo outras categorias femininas possuem mais incentivo do que a *Women's Physique*, visto que são corpos do mundo *Fitness*, em que há um condicionamento físico sem tanto volume muscular, sobretudo nas musculaturas superiores (ombro, peito, dorsal, bíceps e tríceps).

4.3.4 Perspectivas sobre os quesitos de feminilidade exigidos na categoria *Women's Physique*

Ao serem questionadas sobre a regra da Confederação, que afirma que as atletas precisam apresentar um corpo em que “A imagem geral exibida deve demonstrar equilíbrio, feminilidade e autoconfiança”, as declarações transitam quase todas no mesmo patamar. Cinco Atletas expressam a sua concordância, e a Atleta 3 é a única que discorda da regra, e diz ser um preconceito da Confederação exigir feminilidade no palco.

Vejamos o que a Atleta 3 expõe: " Olha... assim, eu vejo... eu [nome] vejo um lado do preconceito. Porque, você com a quantidade de músculo, não dá *pra* você ser tão... ter aquela leveza no palco, ter aquela delicadeza no palco. Mesmo que você queira ser, você acaba sendo bruta [...] igual o que acontece ... tem muita jogada de mão, *né?* As jogadas de mão, você tem que estar com a mão leve. Isso eu tenho que treinar muito, porque tem que ficar com esse negócio de mão *pra* lá, mão leve *pra* cá. Sabe? E eu acho que isso... eu acho que tem outros detalhes que eles poderiam ver que torna a mulher mais feminina do que a jogada de mão, do que o cabelo."

Ainda assim, os requisitos que a Atleta 3 pontua sobre leveza, delicadeza, movimentos com as mãos e aparência do cabelo, são aspectos que as outras Atletas sinalizam como sendo a ‘feminilidade’ prescrita em regulamento.

A Atleta 1 lê a regra como: “Eu teria que olhar de frente *pra* mulher e ver ainda um formato feminino, o formato de um corpo de violão apenas um pouco treinado, não com esse treinamento absurdo.”; “O que que parece uma mulher: os contornos mais femininos, uma linha de cintura menor, um glúteo que destaque mais da linha de cintura.” Ou seja, a Atleta percebe que a regra demanda quesitos corporais, sendo a cintura fina e o glúteo avantajado, porém sem exageros.

A Atleta 2 menciona a questão da delicadeza da mulher, em seus movimentos, com nos movimentos das mãos e andar nas pontas dos pés, de modo suave. Vejamos: “[...] E isso os árbitros conseguem perceber, essa sua segurança, desde a hora que você entra no palco até a hora que você sai. Então é a cabeça erguida, é o sorriso no rosto, é a jogada de mão, é a leveza na mão, é a suavidade. Essa delicadeza.”; “Mas como eu não subo de sandália, eu sempre

entro na ponta do pé, eu tento ser o mais suave possível no meu caminhar, nas minhas mãos, sempre sorrindo, sempre tentando conquistar os árbitros com essa beleza, com essa feminilidade que eu não perdi, *né?* Eu não perdi.”.

No discurso da Atleta 4 também percebemos as características de suavidade e delicadeza nos movimentos da mão e do andar, além do uso da maquiagem. Relata que: “A gente precisa trazer uma suavidade uma delicadeza. A gente utiliza muito das mãos, *né?* A posição das mãos para trazer essa suavidade no movimento é pontinha do pé, já que não anda de salto, a maioria procura pisar na ponta do pé para trazer esse movimento. Mais delicado. Assim como maquiagem, os adornos *né?* Brinco pulseira, tudo isso que traz. Essa característica *né*, mais feminina em cima do palco.” Sendo assim, a mulher não perderia as suas características femininas: “Acho que é um critério para mim importante no sentido de que é uma categoria feminina, então eu entendo que seja importante você preservar, você tentar preservar essa característica é... Porque de fato você tende a masculinizar o seu físico, quando você enxerga que músculo é sinônimo de algo masculino.”.

A Atleta 5 também concorda com a regra da Confederação, afirmando, no que toca às especificidades que envolvem a regra, a necessidade da preservação do equilíbrio, da sensibilidade, da fragilidade do feminino, além do uso da maquiagem e de uma boa apresentação do cabelo. Vejamos: “No meu caso eu acho que eu tento colocar bastante essa energia do meu universo feminino mesmo, que assim falando, culturalmente mesmo, *né*, que a mulher ela é aquela figura mais equilibrada, aquela figura mais sensível, mais frágil, *né?* Porque a gente também... não é porque a gente tem essa força, que a gente precisa estar sempre demonstrando isso, *né*, que a gente precisa estar sempre sendo aquela força masculina, *né?* A gente pode ter um equilíbrio [...]”.

Complementa que: “A feminilidade na musculação, no fisiculturismo, nessa categoria, eu acho que ela se dá por questões de você finalizar movimentos, e também na forma física, o cabelo, maquiagem, a pele de mulher, *né?* Por mais que você tenha aquela muscularidade toda, as atitudes, a forma de se mover, a forma de se comportar, ela precisa ser feminina, *né?* *Pra* equilibrar essa questão do físico, mais masculinizado[...].”.

Por fim, a Atleta 6 corrobora as questões declaradas a respeito da leveza dos movimentos durante as apresentações do físico nas competições, além dos requisitos como beleza e charme. Diz: “A gente precisa estar sorrindo, leve. Entrar, *né*, não vou dizer que tem que saber desfilhar, nada disso, nem salto, nessa categoria não tem salto, *né*. Mas, sabe, pelo menos, caminhar, saber fazer uma pose mais leve, *né*, uma coisa mais... e a beleza conta muito também [...]”.

Nota-se que estas atletas associam o termo ‘feminilidade’ com questões corporais, como, por exemplo, a leveza nos movimentos, a leveza com as mãos para realizar as poses, e a leveza nos pés, o andar nas pontas dos dedos. Além disso, introduzem termos como delicadeza, suavidade, equilíbrio, beleza e charme, para além de adjetivos como sensível e frágil.

Relacionam a beleza, o uso de maquiagem e a apresentação do cabelo, como requisitos que pontuam a feminilidade no palco.

Percebe-se, portanto, que o esporte e as Atletas são atravessados pelos estereótipos de gênero construídos em relação às mulheres. Vê-se que, mesmo desenvolvendo seus músculos e carregando o esporte em seus corpos, as Atletas não estão livres de serem atingidas pela construção social dos atributos que se espera delas enquanto mulheres. Mesmo que ocupem lugares e pratiquem um esporte que é recente para as mulheres, as próprias atletas não se desvinculam dos atributos femininos que lhes foram designados há séculos.

4.3.4.1 Beleza dentro do esporte

A pergunta referida, busca compreender se as Atletas tangenciam o uso de adereços como brincos, a maquiagem e o biquini com brilhos, com as questões de feminilidade.

As respostas são diversas, porém apenas a Atleta 3 acredita que o uso dos adornos não é algo que vai deixar as mulheres femininas. “Eles querem botar a gente bem feminina, para não dizer que ‘ah, porque o corpo é musculoso *né?*’. O corpo *tá* musculoso, então ela tem que estar o máximo feminina no palco, *né?* [...] mas é o que eu penso. Não é esses detalhes que tornam a atleta feminina. Não é esses detalhes, entendeu? É a pessoa em si.”

As outras Atletas pontuam que o uso de adereços auxilia na apresentação dos corpos como sendo mais femininos. A Atleta 1 até mesmo sugere que seria interessante as atletas realizarem suas apresentações usando vestido, e não apenas o biquini. Assim mostrariam mais a sua feminilidade. “Imagina que com tudo isso muitas vezes não fica legal, imagina sem. [...] eu até acho assim, que seria até interessante pro fisiculturismo, se tivesse um momento de uma entrada que a gente entrasse de vestido perfeito, *tipo* uma *Miss*, pra mostrar que você é mulher. Eu acho que ficaria tão interessante. E *ai* também eliminaria muitas meninas, porque a maioria não sabe nem andar direito como mulher, entendeu? [...] pensa que é só botar peso e ficar musculosa.”

A Atleta 2 diz que pode apresentar beleza e feminilidade usando os adornos com brilho durante a exposição de seu corpo nas competições. Vejamos: “Com certeza né. Então, eu acho que esses brincos de *strass* que você pode usar, o anel, você pode colocar bastante brilho no seu biquini, né? [...] Tem meninas que não ligam pra isso, mas desde quando eu comecei, eu sempre me importei bastante com isso, sabe? [...] cores que fossem mais... com o apelo mais feminino possível, justamente pra gente trazer esse choque, que as pessoas vão esperar ver algo grosseiro, mas vão ver a delicadeza, a beleza da feminilidade que eu posso apresentar.”

A Atleta 2 também comenta em outra passagem da entrevista que gosta de utilizar essas joias, arrumar o seu cabelo e preparar uma maquiagem. “Então quando eu vou para o palco, eu tento trazer brilho no biquini, uma maquiagem

feminina, cílios, brinco, cabelo, unhas, tudo que remeta ao máximo a minha feminilidade, e até a minha forma de andar no palco. A minha categoria é uma categoria que a gente anda descalça, o resto das categorias tem sandália. Eu particularmente preferiria com sandália, porque acho que deixa a gente mais feminina ainda, e *ai* na hora de fazer a coreografia nós poderíamos tirar essa sandália e fazer as poses.”

A Atleta 4 refere que os adornos utilizados são ferramentas que auxiliam a exibir a sua feminilidade. Vejamos: “São instrumentos. É algo que ajuda você trazer essa associação do feminino, *né?* Porque assim, realmente nós temos um corpo mais bruto que naquele momento ali de palco, *né?* Aquela condição física, como é uma categoria onde se pede um condicionamento físico bem grande, *né?* Então aquilo ali traz essa brutalidade. Algo mais masculinizado de fato, *né?* Ou pelo menos que tem mais referência ao masculino. Então é uma das maneiras de você trazer algo do feminino. Isso te ajuda, com certeza, ajuda. Favorece nesse quesito de feminilidade.”

A Atleta 5 também subscreve a mesma ideia, e revela que: “Com certeza, tem que ter ali pulseira, um *anelzinho*, *brincão* e tudo assim para chamar atenção. Falar ‘é uma mulher que tá se apresentando ali realmente’, *né?* Uma mulher, um ser feminino, *né.* Então ela vai através desses adornos também, toda certeza.”

Já a Atleta 6 explica que os adereços fazem diferença na apresentação, porém acredita que o uso, ou não, deve depender da vontade de cada atleta. Comenta que: “Eu acho que cada um tem que botar o adorno que se sentir melhor, principalmente *pra* gente mulher, *pra* se sentir mais feminina, *né.* Eu acho que de acordo com o que a gente se sinte melhor, se sinte mais bonita e mais feminina, eu sou a favor, assim, dessa questão.”

De forma geral, as Atletas opinam que o uso de maquiagem, uma boa aparência, tanto do cabelo, quanto do biquini, são ferramentas que auxiliam na sua apresentação em competições. Relacionam o uso desses instrumentos e joias com a expressão de sua feminilidade e universo feminino. Ficando assim, do lado oposto da masculinidade pela qual poderiam ser associadas.

4.3.4.2 A silhueta feminina

À pergunta sobre suas considerações a respeito do pronunciamento da Confederação Brasileira de Musculação, Fisiculturismo e *Fitness* (CBMFF) sobre a modalidade *Women's Physique* e a conservação da silhueta feminina, cinco das seis atletas entrevistadas relatam a importância de a linha de cintura ser fina, estreita. As Atletas consideram que manter a silhueta feminina, é um trabalho a ser desenvolvido com os músculos do quadril e dorsal, e conservar a cintura fina.

Vejamos, a Atleta 1 relata que: “Então eu acho que hoje o diferencial seria de fato a genética, a linha feminina, e você saber trabalhar com a mulher. Chegar ali na mulher e colocar os níveis de musculatura proporcionais, que continua aquele músculo lindo, *slim*, que ela continue ficando bonita. Com a linha de cintura bonita, manter uma voz feminina, manter um rosto feminino. [...]”.

Porém, a Atleta reflete que no momento do julgamento dos corpos nas competições, a regra não opera da maneira como é dito. Afirma que: “Na prática isso não funciona, isso não funciona, porque se você pegar, colocar umas 10 atletas, e começar a observar você vai ver que quase todas não são mais femininas. É aquele abdômen dilatado, é aquela linha de cintura feia, é um glúteo feio, mal trabalhado. É uma desproporção muito grande de musculatura.”

Na mesma linha de raciocínio, a Atleta 2 comenta sobre o cuidado que possui em seus treinamentos e dieta para manter a cintura fina. “Uma das coisas que eu prezo e luto muito no meu caso ainda, é a minha linha de cintura, porque com o tempo, se a gente não tem cuidado, você vai *enlargecendo*. Você *enlargece* por causa da comida, você *enlargece* pelo tipo de treinamento, pelo excesso de carga. Então eu tenho muito cuidado com a minha linha de cintura [...]”

Para se manter com a cintura fina, as Atletas 3, 4 e 6 comentam sobre a importância do desenvolvimento dos músculos do quadril e da dorsal, para possuir a aparência da cintura fina. Vejamos: A Atleta 3 narra que “A gente tem que ter a cintura bem fina. Tem que ser fina e a dorsal larga [...] com a cintura fina, torna uma mulher esteticamente bonita. Que *ai* não fica quadrada, uma mulher sem cintura. Quadrada é mais padrão do homem.”

A Atleta 4 corrobora quando cita: “É um pouco complexo isso, né? Porque acaba que você tende a perder a silhueta em si, né? Mas assim, o que que seria isso, né? O que é característica da mulher seria a cintura mais fina, e quadril mais largos, né? Então tentar manter essa característica, né? [...] Manter aquela silhueta mesmo que bruta de músculo. Mas a silhueta feminina, né, um quadril mais largo e a cintura mais amarrada.”

E também a Atleta 6: “[...] quanto mais fina a sua cintura, mais eu vou ter a dorsal larga, mais eu vou ter as pernas também maiores, né, então quanto mais a sua cintura for amarrada, melhor. Por isso a gente faz tanto uso de cintas, de espartilhas, de trabalho de vácuo. *Pra* tentar fazer essa cintura afinar.”

Já a Atleta 5 associa as considerações da Confederação, com o uso de fármacos e hormônios, os chamados protocolos que alguns atletas seguem. Diz: “Porque essa questão de se perder é muito assim. Eu acho que depende de vários fatores, né? Principalmente como você conduz o teu protocolo, né. Tanto de treino, quanto de recursos farmacológicos, né? [...] Então você tem que ter esse hormônio dentro de algum limite ali, para que você tenha esse aspecto feminino, ele que vai te dar um aspecto feminino, né? Só que por outro lado, esse aspecto feminino é um arredondamento dos seus membros. Vamos dizer assim, *tipo* um *bumbum* mais redondinho, uma coxa com mais gordura e tudo mais né.”

Nota-se que as considerações das Atletas variam em suas particularidades, porém em maior parte dos depoimentos, as Atletas relacionam a silhueta feminina com a conservação da cintura fina. Para isso, trabalham nas academias de musculação, com maior intensidade, os músculos do quadril e dorsal. Além disso, prezam por uma alimentação balanceada e pelo uso de espartilhos e cintas, para que o abdômen não dilate. A Atleta 5 traz sua visão sobre a importância dos músculos arredondados, para que se tenha a preservação dos aspectos femininos no corpo da mulher.

Note-se que a linha de cintura afunilada e suave, é uma característica pregada ao corpo da mulher desde o século XIX. Como refere Lipovetsky (2000, p. 109):

Ao mesmo tempo, os escultores exaltaram, como nunca antes, as formas físicas da mulher. Coberto, depois nu, o corpo feminino adquire as proporções ideais que guiarão o trabalho dos artistas até o fim do século XIX. Harmonia

das partes com o todo, seios fartos, cintura fina, balanço do quadril fazendo repousar o peso do corpo sobre uma perna: a escultura grega ambiciona criar a perfeição física do feminino.

4.3.4.3 Músculos na mulher

No que respeita ao tópico “músculos na mulher”, a divisão temática realizada, deu-se pela percepção do tema frequentemente evocado pelas entrevistadas. De maneiras específicas, cada uma traz uma visão sobre a construção e desenvolvimento dos músculos na mulher.

As Atletas 2, 3, 4 e 5 percebem que o volume muscular é socialmente associado a traços masculinos. Vejamos: “Então, eu sei que meu físico é um físico musculoso, eu sei que foge do padrão, eu entendo que as pessoas associam muito o músculo a homem, *né?* ‘Ai tá masculina’ e tudo mais.” (Atleta 2)

Assim como a Atleta 3: “[...] O homem, o homem pode ser grandão, a mulher não. A mulher não pode ser grandona. A mulher tem que ser mirradinha, não pode ser grandona.”

Igualmente a Atleta 4: “O músculo *tá* muito ligado, muito associado ao masculino. Soma-se ao condicionamento físico, *né?* Extrema baixa gordura, *né*, a pele bem colada no músculo. Você acaba associando ao masculino.”

E também a Atleta 5: “Entre aspas, as pessoas normais vão te ver assim, com um físico mais masculinizado, porque a mulher com *ombrão*, com bíceps, *né*, que é uma coisa que é naturalmente do homem, as pessoas acabam que... tem essa cultura *né?*”

A Atleta 1, assim como a Atleta 4, confessam que tinham receio de entrar na categoria *Women’s Physique*, por medo de se tornarem masculinas, já que precisariam desenvolver seus músculos.

A Atleta 1, ao observar as atletas da categoria *Bodybuilder*, relata que: “[...] *ai* quando eu comecei a olhar pra mudar de categoria, eu ficava com muito receio de ficar muito masculina igual elas. [...]”

E a Atleta 4 diz que: “[...] então é justamente, por isso que era o meu receio no início de não subir a categoria, *né?* Isso me trazia um pré-conceito que me impediu durante tanto tempo, me segurou durante tanto tempo na categoria passada, era um medo de me tornar masculina.”

Depreende-se que as Atletas constatarem a existência da associação do desenvolvimento muscular do corpo, e todas as suas mudanças, com o campo masculino. Até mesmo como a Atleta 1 e 4 relatam sobre seus medos de

parecerem masculinas quando decidiram por migrar de categoria no fisiculturismo.

4.3.4.4 Corpos treinados

Procurou-se indagar se, e como, a questão de feminilidade exigida às atletas se fazia presente nos treinos e dietas.

Focalizando a questão da feminilidade fora dos palcos, durante os treinos e dietas das Atletas, as respostas foram diversificadas. Das seis Atletas entrevistadas, apenas a Atleta 3 relata que a feminilidade não se faz presente fora dos palcos, para ela, o treino e a alimentação são iguais para todos os atletas. Diz que: “Não, não faz. O treino é um treino normal de qualquer *Bodybuilder*. Alimentação normal de qualquer *Bodybuilder*.”

Já as Atletas 1,2 e 6 relatam que a feminilidade se faz presente no dia a dia, em relação ao cuidado com os músculos trabalhados e a alimentação, pois prezam por manter a cintura fina. A Atleta 1 comenta: “Eu sei que se eu fizer muito abdominal com muita carga, trabalhar muito o meu oblíquo, eu sei que eu vou deixar a minha cintura um pouco mais quadrada.”

Na mesma linha, a Atleta 2 diz: “Entra em tudo, eu perdi muito a minha linha de cintura [...] você tem que mudar até o seu treinamento, se você perceber que está *enlarguendo*, muda o treinamento. [...] até a comida mesmo [...] isso vai *enlarguendo*, porque vai dilatando o seu abdômen.”

E a Atleta 6 corrobora quando relata: “Tem, então. Isso é muito assim, muito importante *pra* gente se manter dentro da categoria. [...] a imagem da figura no palco, eles têm que ver um X, tanto superior, a cintura mais fina e as pernas acompanhando o tronco também, não maior que o tronco, que aí já passa pra *Bodybuilder*.”

As Atletas 4 e 5 relacionam a feminilidade com a conduta pessoal de cada atleta, relacionando a feminilidade com o ser feminina. Vejamos o que diz a Atleta 4: “Assim, essa questão da feminilidade fora do palco. Vai de cada um, vai da opção de cada um, entendeu? Tem meninas que são mais femininas naturalmente, gostam de ser femininas, gostam de se arrumar.”

E a Atleta 5: “Não, ela fica assim, ela é uma coisa que é presente sempre, mas é aquilo que eu falei para você, nesse caso, eu acho que é muito individual e de acordo com o estilo de vida de cada pessoa, *né?*”

Também, a Atleta 4 compara a feminilidade fora dos palcos, o chamado momento *off*, com a estrutura do corpo feminino. Narra que nesse momento, as Atletas possuem mais gordura em torno dos músculos, e isso proporciona um aspecto mais feminino. “Agora com relação ao físico, eu diria que em *off* toda *Bodybuilder*, toda *Women’s* fica mais feminina, porque, porque aumenta o percentual de gordura, e querendo ou não, o corpo feminino, ele tem um percentual de gordura mais alto que o masculino. Então o corpo em cima do palco, ele é mais masculinizado justamente por ter um percentual de gordura muito baixo.”

As opiniões e associações realizadas entre o corpo e a questão da feminilidade são variadas, porém as Atletas não dissociam o corpo da feminilidade. A maioria das entrevistadas conectam o aspecto da feminilidade com o corpo feminino, com a cintura fina e a proporção de gordura. Assim os corpos aparentam serem mais femininos. Além das suas condutas individuais.

4.3.4.5 Opção sexual

O tema da opção sexual não é resposta a uma pergunta específica realizada durante a entrevista, mas a pontuação sobre a opção sexual correlacionada com o corpo, foi levantada em cinco das seis entrevistas.

A Atleta 1 declara que algumas mulheres lésbicas, escolhem a categoria *Women's Physique*, por conta da sua maneira e gostos pessoais. “E outra coisa que eu percebo, *né*, às vezes a menina, ela é lésbica, ela tem uma tendência um pouco mais masculina, ela é um menino independente dos músculos. Mas *ai* ela já vai *pra* uma categoria mais agressiva, e *ai* ela já se comporta muito masculina. Porque já é o jeito dela, ela já é masculina independente dos músculos [...]”

As Atletas 2 e 4 relatam que a sociedade estabelece uma relação entre o corpo musculoso e performativo, com a opção sexual de cada sujeito, neste caso, com a homossexualidade da atleta. A Atleta 2 narra a sua vivência: “[...] eu vim do esporte, então as pessoas achavam que eu ia ser sapatão, que a minha sexualidade estava atrelada ao esporte: ‘*ah* Maria João’, ‘mulher macho’. A própria minha mãe era uma pessoa que tinha muito preconceito, ficava reclamando, brigando [...]”.

E a Atleta 4 comenta: “Agora a feminilidade cada um, *aí* é de cada um, independente do esporte sendo atleta ou não, tem mulheres que são masculinas. E *ai* vai de cada um, o que às vezes é muito confundido é a orientação sexual de cada uma *né*? E isso é muito confundido, muita gente tem seu preconceito, tem a ideia de que mulheres masculinas ou masculinizadas por conta do esporte, *né*? Por ter um corpo mais masculino tem se a orientação sexual diferente, *né*? São homossexuais.”.

A Atleta 5 exprime a opinião que na categoria há mulheres homossexuais e heterossexuais, e afirma que cada um deve possuir as suas escolhas, independente do esporte e da categoria. “Falando assim bem abertamente, a gente tem mulheres que são heterossexuais, mulheres homossexuais. Nós temos pessoas que gostam de ter uma aparência mais masculinizada por opções de vida, nós temos mulheres que como eu, que vem do pole dance, que gostam de ser mulheres.”

E a Atleta 3 manifesta sua visão a respeito da obrigatoriedade do uso de biquini durante as competições para as atletas que não se sentem à vontade com a vestimenta. “Tanto que tem muitas atletas que são... que são... elas são sapatão mesmo, *né?* Que elas se vestem igual homem, são um homem, mas elas ficam revoltadas que elas têm que botar biquini *pra* subir no palco. Entendeu? E elas não gostam. Elas têm que botar biquini, elas têm que se maquiar, tem que botar brinco... e elas não gostam. E *ai* elas se sentem mal, porque não é o perfil delas, mas elas estão em uma categoria de mulher que julga o corpo feminino.”

De fato, a opção sexual de cada sujeito não nos cabe aqui, porém percebe-se que existe a associação do corpo treinado, musculoso e volumoso, com a opção sexual de cada indivíduo. Além disso, é importante ressaltar a fala da Atleta 3, quando a mesma diz da obrigatoriedade da vestimenta e da maquiagem para as atletas nos campeonatos. Já que o cunho é esportivo, e o objetivo do esporte é avaliar o condicionamento, harmonia, volume e simetria dos corpos, por que então obrigar que as atletas usem o modelo do biquini específico e a maquiagem específica?

4.3.4.6 Uso de hormônios

A temática sobre o uso de hormônios esteroides, não foi focal durante a condução da entrevista, porém cinco das seis Atletas comentaram sobre o seu uso. O hormônio muitas vezes é utilizado dentro do esporte, para promover o aumento da massa muscular e o desempenho atlético, porém o uso possui efeitos colaterais. Dentre eles a alteração na voz, no rosto e o aumento na produção de pelos pelo corpo.

As Atletas associam o uso errado dos hormônios com a masculinização do corpo, seja pela mudança na voz ou pela mudança no corpo. Como diz a Atleta 1: “[...] e a outra parte das meninas, trabalham muito com hormônio. Então usam uma quantidade de hormônio muito grande. [...] então esse uso desacerbado, também acontece isso, elas acabam ficando muito masculinas, porque a gente sabe que o hormônio masculino, ele vai te dar características masculinas, então obviamente *tu vai ficar masculino.*”

Também a Atleta 2: “[...]quando a gente entra *pro Bodybuilder* que a gente começa a usar hormônios, porque você vai estar utilizando hormônios. Os hormônios são a base de testosterona. Então você querendo ou não, automaticamente o seu corpo vai produzir muito mais testosterona do que o corpo de uma mulher normal [...] então as características masculinas vão vir, não tem como te dizer quanto vai vir [...]”

E a Atleta 3: “Até nos usos do hormônio e *tal*. A gente tem que ter muito cuidado, porque a gente viraliza muito, então a gente tem que saber muito o que vai usar, e o que vai deixar de usar. Porque tem muitas que você olha assim... você fala ‘nossa, não é mulher’. Mas é mulher, entendeu? Ela realmente perdeu os traços *todinho* femininos [...]”

Assim como a Atleta 4: “[...] uma masculinização de face por conta do uso, *né*, dos esteroides que acabam que essa é a grande questão, *né*? Acabam masculinizando o corpo feminino. Então, você vê muita menina masculinizada, com face masculino, o que que seria isso: um rosto mais quadrado, *né*?”

E por fim a Atleta 5: “Mas muitas mulheres trabalham muito, muito forte em cima de protocolos que acabam realmente suprimindo isso, então acontecem *ai*

efeitos colaterais, *né*? Que são muito indesejados e acaba que isso traz um aspecto mais masculinizado realmente *né*, em vários, várias questões.”

Novamente aqui percebemos como o “ser feminina” está muito associado à forma do corpo. Como as Atletas referem nas citações, o uso exacerbado do hormônio testosterona, posiciona as atletas no campo da masculinidade, e seus efeitos nos corpos permitem que façam essa ligação.

4.3.5 Representatividade feminina

No final da entrevista, as Atletas foram questionadas sobre as suas visões de representatividade no esporte.

Todas as Atletas relatam o prazer que sentem em serem atletas do fisiculturismo. Comentam sobre suas particularidades, mas todas têm apreço pelo seu trabalho e esporte.

A Atleta 1 refere sentir-se bem com a prática, dizendo que há diferenças na forma como a população vê a sua performance corporal. Compara a situação na Europa com o Brasil. Indica que durante uma competição em que participou no exterior, recebeu mais elogios e sentiu menos preconceito do que sofre no Brasil. Diz: “Eu me sinto muito bem, eu não sinto preconceito com isso. [...] Lá fora na Europa eu pude perceber diferente, os olhares de lá eram totalmente diferentes dos olhares daqui. Aqui eu percebo um pouco mais de olhar meio que de julgamento, de ‘nossa que feio, que esquisito’. Lá eu tinha mais um olhar de admiração, certo?”

Não sabemos ao certo a justificativa para o acontecido, mas pode-se pensar em lógicas culturais diferentes, assim como a maior aceitação da diversidade, por serem países de primeiro mundo.

Nesse sentido do preconceito, a Atleta 3 comenta que mesmo na atualidade se sentindo bem com ela mesma, já passou por situações desagradáveis que limitaram a sua liberdade de andar pelas ruas, devido aos comentários de despreço suscitados pelo seu corpo. “Eu gosto. No começo foi bem complicado para mim. Porque eu parei de sair na rua, porque eu *tava* sofrendo, sabe? Muitos ataques, muitos olhares, as pessoas me apontavam muito. [...] Então hoje em dia eu ando na rua, tem muitos que falam ‘nossa, que linda’, ‘parabéns, que *shape* lindo.”

As Atletas 2 e 3 relatam a sua satisfação com seus corpos e posições no esporte, e fazem um alerta a outras mulheres que gostariam de desenvolver seus corpos e músculos.

A Atleta 2 informa: “Eu me sinto feliz, realizada. Eu sou extremamente realizada com que eu faço. Eu vivo o meu sonho na verdade. [...] Dentro desse esporte ainda tem muitas meninas que queriam muito ser musculosas, mas elas

não são, porque a sociedade impõe a elas que elas não podem ser. Então eu vejo que os próprios treinadores podam algumas atletas. As atletas querem ser *Womens Physique*, e falam ‘não você parece um homem’, ‘não, não vai não’, e aí elas ficam em uma categoria que elas nem queriam estar. Mas ela *pra* agradar o treinador, agradar o namorado, elas ficam lá.”

E a Atleta 4 complementa: “Eu gosto de falar sobre minha categoria, eu gosto de trazer sobre ela. Primeiro porque eu sei que tem muitas meninas que poderiam estar muito mais felizes na musculação, muito mais feliz no esporte se se aceitassem, assim como eu fiz. Porque eu sei o que eu passei, eu sei o que eu vi, eu sei o quanto foi libertador para mim.”

Ambas apontam e orientam outras atletas sobre a liberdade de se soltar de travas, e evoluírem seus corpos, como elas fizeram, para hoje estarem na categoria *Women’s Physique*. Saliendam que a opinião das demais pessoas não dever ser um impeditivo para os seus desejos e necessidades genéticas.

A Atleta 5 refere o reconhecimento que possui, através das redes sociais. A mesma, dispõe de uma página na rede social *Instagram*, onde publica e divulga as atletas das categorias *Figure*, *Women’s Physique* e *Women’s Bodybuilder*. Prezando por desenvolver um trabalho que proporcione espaço de fala e propagação dos campeonatos que as atletas dessas categorias participam.

Por isso relata: “Eu acho sim, que eu tenho me tornado cada vez mais uma referência [...]Eu acho que a gente tem feito um trabalho bem legal, ali no próprio grupo das meninas, são mais de 150 atletas dessas categorias mais pesadas, né? A gente tem feito um trabalho de conscientização, né?”

Já a Atleta 6 narra o prazer que sente com o esporte e a categoria que escolheu. Vejamos: “Então, é, essa é a parte prazerosa, né. Se você chegar na academia, todas as academias que eu vou - eu não treino numa só- eu treino, é... geralmente, três ou quatro academias. É por causa do meu trabalho, né, então, não dá pra mim ficar só naquela. Então, todas as que eu frequento, todas, eu chego, todo mundo: ‘chegou a campeã’, e me elogia, gostam de mim, todo mundo vem, e olha, e me pede conselho de treino.”

4.3.5.1 Suas vivências particulares

A indagação teve respostas muito particulares, já que diz respeito as suas vivências. Cada Atleta relata algo diferente, como reage e pelo que já passou. Porém, todas as seis entrevistadas afirmam que já passaram por situações desrespeitosas para com o seu corpo.

A Atleta 1 e 6 referem que já receberam comentários insultuosos, afirmando, porém, que se divertem com os comentários desrespeitosos, pois acham engraçados. A Atleta 1 relata um caso particular: “Já, já passei por muitas situações desagradáveis, e tipo assim, tem uma que foi muito engraçado, *né?* [...]”.

E Atleta 6 narra: “[...] tem pessoas que olham *pra* mim: ‘nossa, cruz credo, parece um homem’. Eu morro de rir. Eu olho *pra* pessoa, eu rio, eu acho graça, *né.* [...] opinião, cada um tem a sua, eu só não acho que uma pessoa tem que ir *numa*, numa rede social, na sua rede social, da outra pessoa, e ele falar o que ela quer, *né*, sem pedir licença.”

Quando a Atleta 6 narra a sua vivência, percebe-se que o conteúdo que lhe foi dito a ela, refere-se ao desgosto do indivíduo que preferiu as palavras, ao corpo da Atleta. Assim como ocorre nos casos das Atletas 4 e 5.

A Atleta 4 conta: “Graças a Deus não costuma ter, mas eu já tive sim, já passei por situações, inclusive basicamente a maioria das críticas as mais pesadas as cruéis, elas vêm na *internet*. Pessoalmente nunca tive, nunca passei, nenhum comentário. [...] Mas em geral graças a Deus eu não passo muito por situações desfavoráveis, ao contrário. Um pouco da família, também na minha família, eu escuto nada muito pesado, mas sempre tem uma coisa assim, *tipo*: ‘Nossa, vai até onde’, ‘vai crescer até onde’, ‘vai continuar com isso até quando’, ‘tu acha que é legal isso’, enfim esses comentários.”

E a Atleta 5 compartilha: “Teve uma única vez na minha vida que no meu *Instagram*. Eu fiz alguma postagem, alguma pessoa foi lá, que eu não sei quem é, deve ser um perfil falso, falou algo do *tipo*: ‘Credo que feio’ uma coisa assim, sabe? É a única que aconteceu assim, nunca tive nada nesse sentido, *né?* [...] Uma cliente uma vez falou para mim, você é Trans, *né?* Eu falei ‘não entendi o

que você quis dizer', porque *né*, eu nem sei o que que ela quis dizer com isso na verdade, *né*? Mas talvez pela voz, *né*?”.

Assim como na situação da Atleta 4, a Atleta 2 também já recebeu comentários da sua família, vinculados ao seu corpo e músculos. Vejamos: “[...] eu lidei muito com esse preconceito dentro de casa, então... que era das pessoas que mais a gente quer o apoio, que é o pai e a mãe. [...] então como eu lidei com o preconceito dentro de casa, o preconceito de fora se tornou fchinha [...] *pra* mim nunca me afetou em nada [...] eu me tornei inabalável na verdade.”.

A Atleta 2 expõe que em sua vida já sofre diversos tipos de preconceito, seja por ser obesa, seja por ser magra ou por ser fisiculturista e carregar o esporte em seu corpo. Diz: “Então, quando eu era obesa, eu sofria muito preconceito, porque eu era obesa *né*? Sabe, os preconceitos que a gente sofre? E *ai* quando eu comecei na musculação, que meu corpo começou a mudar, *ai* veio o outro tipo de preconceito. No começo foi que eu fiquei muito magrinha, *ai* falavam que eu *tava* com AIDS, porque eu *tava* muito magra. Por que *né*? Tem que emagrecer para depois começar a ganhar músculos. *Ai* quando eu comecei a ganhar músculos, começou esse preconceito que eu vivo até hoje.”.

Em suma, por meio do seu relato e das demais Atletas, nota-se que possuir um corpo desenvolvido muscularmente, é um desafio social, já que a sociedade não aprova corpos que fujam da “normalidade”. Normalidade em aspas, pois é até mesmo difícil trazer um significado e uma caracterização para os corpos normais. Considera-se que qualquer corpo é um corpo para ser julgado, já que, como a Atleta 2 expõe, o preconceito se faz presente em todos os modelos de corpos.

Observa-se que a preocupação com o corpo, e a adequação aos padrões dominantes de feminilidade, seja de modo particular, como vimos na primeira pergunta sobre o percurso das Atletas no esporte, ou de modo social, como vemos nessa questão do discurso popular, é uma constante.

Neste capítulo procedemos à análise das entrevistas das atletas fisiculturistas, categorizadas segundo os tópicos: Percurso no esporte, Opção pela categoria *Women's Physique*, Considerações sobre a Confederação Brasileira de Fisiculturismo e *Fitness* (CBMFF), Perspectivas sobre os quesitos de

feminilidade exigidos na categoria *Women's Physique*, Representatividade feminina.

No Capítulo seguinte propomo-nos refletir, a partir de uma perspectiva de gênero, sobre as narrativas das atletas fisiculturistas a respeito da sua prática, dos seus corpos, e sobre o conceito de feminilidade, enquanto requisito de avaliação em competição na Categoria *Women's Physique*.

**CAPÍTULO V – AS NARRATIVAS DAS ATLETAS FISICULTURISTAS SOBRE O
CORPO, A BELEZA E FEMINILIDADE**

5.1 Narrativas das atletas fisiculturistas

Conforme referido anteriormente, a presente dissertação visa revelar e dar visibilidade às narrativas das atletas de fisiculturismo sobre a sua prática, os seus corpos, e sobre os conceitos de feminilidade e beleza enquanto requisitos exigidos pela Confederação Brasileira de Musculação, Fisiculturismo e *Fitness*, e, tanto quanto possível, enquadrar essas narrativas numa reflexão assente numa perspectiva de gênero.

No Capítulo V começaremos por fazer uma súmula das narrativas das atletas expressas nas entrevistas em análise no capítulo IV, enfatizando as suas linhas dominantes.

Em seguida procede-se a uma reflexão, a partir de uma perspectiva de gênero, de alguns dos aspetos abordados pelas atletas fisiculturistas entrevistadas nesta dissertação.

Percurso no esporte

Ao iniciarem no esporte e optarem pela prática da musculação, todas as Atletas indicaram que o que as levou ao esporte foi um sentimento de desconforto relativamente ao seu corpo, um sentido de desadequação dos seus corpos face aos padrões dominantes, o estarem fora do padrão. Algumas sentiam que tinham corpos muito magros, outras, corpos excessivos, mas em nenhuma circunstância, corpos agradáveis para si. Portanto, a prática do esporte teve como base um sentimento de desagrado relativamente ao corpo.

Opção pela categoria *Women's Physique*

Já inseridas no fisiculturismo, primeiramente as Atletas optaram por participarem de outras categorias que não a *Women's Physique*. Algumas relataram que não se encaixavam nas outras categorias prévias, pelo fato do seu corpo desenvolver em demasia. Ainda algumas comentaram que possuíam certo receio em subir para a categoria *Women's Physique*, por medo de se tornarem masculinas.

Considerações sobre a Confederação Brasileira de Musculação, Fisiculturismo e *Fitness*

Narrando suas trajetórias no fisiculturismo, as Atletas apontaram algumas críticas à Confederação Brasileira de Musculação, Fisiculturismo e *Fitness* (CBMFF) a respeito das avaliações dos árbitros durante as competições da categoria e a falta de apoio que sentem da Instituição.

Comentaram que as avaliações se tornam subjetivas, já que não há um critério específico para se julgar os corpos. Além disso, por existirem poucas atletas filiadas na categoria *Women's Physique*, não há grande participação de atletas nos campeonatos. Consequentemente, não há uma avaliação mais detalhada e elaborada, já que alguma das atletas presentes irá vencer a disputa.

Nessa mesma linha, algumas entrevistadas aprovam a redução de volume muscular da categoria *Women's Bodybuilder*, para a então construção da categoria *Women's Physique*. Argumentam que as antigas atletas, com massas musculares muito desenvolvidas, deixavam de prezar pela feminilidade, ao apresentarem corpos muito volumosos. Outras, discordam da decisão da Confederação, e afirmam ser um desrespeito para com as atletas que optaram por esse estilo de potencialidade corporal.

Nas suas falas, as atletas acusam algumas assimetrias de gênero. Sentem que as categorias masculinas são mais vistas e apreciadas pelos meios de comunicação social e publicitários. Constatam que os atletas fisiculturistas, possuem maior apoio financeiro, além de existir um público mais alargado interessado pelo esporte masculino. Outra Atleta, pontua que percebe a desproporção de apoio financeiro também relativamente às outras categorias femininas. Ou seja, a categoria *Women's Physique* encontra-se em desvantagem em relação às outras categorias femininas e a todas as categorias masculinas.

Quesitos de feminilidade exigidos na categoria *Women's Physique*

Tratando-se da feminilidade como um dos preceitos exigidos para as mulheres da categoria, as entrevistadas asseguram que o preceito diz respeito a algumas maneiras e comportamentos que devem apresentar no palco. Em se tratando dos movimentos corporais, devem ter leveza em suas mãos ao fazerem

as poses e as trocas de posturas. Também devem demonstrar leveza ao caminhar, já que se apresentam descalças, prezam por andar nas pontas dos pés.

Pontuam que a demonstração da feminilidade se encontra em se fazer delicada, equilibrada entre seus músculos e com leveza do corpo, mostrando sorriso e fragilidade.

Além do uso de adereços em suas apresentações no palco, como brinco e anel, seus biquínis sempre são brilhantes, com *strass* e cores vibrantes. As entrevistadas relatam que o cabelo pintado e o uso de maquiagem colaboram para um visual mais agradável. Todos esses utensílios, são ferramentas para, no seu entender, transmitir uma imagem mais feminina.

Outra questão importante anunciada, é a preservação da cintura fina das mulheres, como maneira de se preservar a silhueta feminina. Mesmo que as atletas tenham a performance muscular de todas as musculaturas do corpo, devem honrar e manter a sua linha de cintura. Para isso, não realizam movimentos que tenham como foco o músculo oblíquo do abdômen. Ademais, usam espartilhos e cintas para preservar a silhueta de cintura fina.

Notam que os músculos possuem forte associação com a masculinidade. E até mesmo algumas Atletas expressaram o seu receio de entrar para a categoria *Women's Physique*, por essa razão.

As Atletas comentam que a busca e a manutenção da dita feminilidade é uma tarefa para ser realizada diariamente, seja no cuidado com o corpo nos treinos e na alimentação. Outras, opinam que a feminilidade diz respeito ao estilo de vida de cada indivíduo, isto é, como se comportam e se vestem no seu dia a dia – fora dos palcos e campeonatos.

Nesse sentido, as entrevistadas trazem a questão da opção sexual de cada mulher. Associam que algumas atletas optam por categorias de alto desenvolvimento muscular, como forma de expressar a sua masculinidade e opção sexual. Algumas dizem, que já vivenciaram situações em que o seu corpo e performance foi associada com a homossexualidade, embora possam ser heterossexuais.

Ao dizerem de seus corpos volumosos, as entrevistadas também trazem o uso de hormônios, e da testosterona, como um empecilho para a exigência de feminilidade, já que seu uso em excesso transforma o corpo. Algumas das Atletas pontuam que outras atletas perderam suas características femininas, de face e voz, e a sua feminilidade, pelo excesso de hormônios usado.

Representatividade feminina

Quando questionadas sobre os seus sentimentos por terem um papel significativo na representatividade feminina no esporte, todas afirmam que se sentem bem com seus corpos, e felizes por suas conquistas. Porém, mesmo com suas realizações, todas relataram vivências de preconceito em relação ao seu corpo.

O corpo é atravessado pela exigência de “feminilidade”, já que, como relatam as Atletas, o corpo no palco necessita ser feminino, associando “feminino” com movimentos delicados e leves. Com a cintura fina refletem a sua feminilidade. Com o uso de adereços e maquiagem demonstram serem femininas. Sem exceder o uso do hormônio testosterona, não perdem seu corpo de mulher. Não perdendo os traços femininos, de mulheres, a sociedade não discute sobre a sua sexualidade, já que a grandiosidade do corpo musculoso, denota para a maioria da população, a sexualidade de cada indivíduo.

Esse pode ser um indicativo para o baixo número de atletas filiadas na categoria *Women's Physique*, pois, como as Atletas relatam, as próprias tinham receio de participar da categoria, com medo de se tornarem masculinizadas.

Não é por acaso que as Atletas demonstram receio da categoria, a ponto que todas narram suas experiências desagradáveis com os comentários alheios. Todas vivenciaram o preconceito contra os seus corpos musculosos. Nenhum corpo passou despercebido pelas críticas sociais. Até mesmo antes desses corpos competirem no esporte.

5.2 Fisiculturistas: corpo, gênero, feminilidade e beleza

A partir da análise das entrevistas das atletas fisiculturistas realizada no Capítulo IV e da súmula das suas narrativas no ponto precedente, parece muito claro que não só as narrativas das atletas, mas também as práticas da Confederação Brasileira de Musculação, Fisiculturismo e Fitness são atravessadas pelas questões de gênero.

A partir das narrativas das atletas, pensamos que se impõe com nitidez a ideia de corpo como construção cultural, permeado por relações de poder e gênero. Fica bem explícito no seu discurso que, tal como vimos no Capítulo I, o corpo não é uma massa puramente anatômica, pelo contrário, o corpo é atravessado pela visão e pelo discurso cultural. Nas palavras de Rosi Braidotti (2003, p.46), o corpo é uma “construção cultural” e uma superfície onde se cruzam e se inscrevem “forças materiais e simbólicas” e “códigos de raça, classe, sexo, idade etc.”

Pensamos também que é notório nos discursos das atletas que a pressão social sobre o corpo, os estereótipos de gênero e o paradigma dominante de feminilidade é uma constante no discurso das atletas e da Confederação: seja de modo particular, como vimos na primeira pergunta sobre o percurso das Atletas no esporte, ou de modo social, como vimos na questão do discurso popular sobre os seus corpos musculosos.

A pressão social sobre o corpo, que abordamos no Capítulo I, começou logo por se evidenciar quando as atletas relataram suas relações incômodas com seus corpos, antes mesmo de entrarem no mundo do fisiculturismo. Buscaram então o esporte, como forma de amenizar seus desconfortos e desânimos com a forma de habitar o corpo.

Tais discursos, mostram o conflito existente entre o corpo real e o ideal, o corpo que se deseja alcançar. Rodrigues (1989) menciona que a sociedade advém da sua montagem, das suas lógicas que servirão para os sujeitos como guias de condução. “Viver em sociedade é viver sob a dominação dessa lógica e as pessoas se comportam segundo as exigências dela, muitas vezes sem que disso tenham consciência.” (Rodrigues, 1989, p. 11)

Mediante as falas das atletas ficou bem evidente que as mulheres buscam um corpo ideal como forma de solucionar um problema. Nesse sentido Butler (2018, p. 186) alerta que “o corpo não é um “ser”, mas uma fronteira variável, uma superfície cuja permeabilidade é politicamente regulada [...]”. Ou seja, não apenas o corpo físico se modifica com a atividade física, mas ele também se modifica socialmente, ele é politicamente regulado. E por assim sê-lo, os desejos ‘pessoais’ pela modificação corpórea ficam indelneáveis. Já que o poder simbólico é um “[...] poder quase mágico que permite obter o equivalente daquilo que é obtido pela força (física ou económica), graças ao efeito específico de mobilização, só se exerce se for reconhecido, quer dizer, ignorado como arbitrário.” (Bourdieu, 1989, p.14)

Ficou também por demais evidente a pressão social relativamente a um padrão de beleza e a um padrão corporal instituído no que toca às mulheres. Tal como refere Bourdieu, “Incessantemente sob o olhar dos outros, elas [as mulheres] se veem obrigadas a experimentar constantemente a distância entre o corpo real, a que estão presas, e o corpo ideal, do qual procuram infatigavelmente se aproximar.” (Bourdieu, 2020, p. 112)

O problema relacionado com os corpos das atletas, ora magros demais ora em sobrepeso, parte de uma problemática social. Goldenberg e Ramos referem a este propósito que “Para atingir a forma ideal e expor o corpo sem constrangimentos, é necessário investir na força de vontade e na autodisciplina, alertam as revistas femininas e masculinas, além de todas aquelas dedicadas à boa forma existentes no mercado. O autocontrole da aparência física é cada vez mais estimulado.” (Goldenberg e Ramos, 2007, p.27). Estas palavras iluminam, de certo modo, o caminho de autocontrole traçado e seguido pelas atletas entrevistadas. Como referencia Lipovetsky (2000, p. 161) “cabe a todas as mulheres trabalhar sem descanso para a conservação e o aperfeiçoamento de seus atrativos.”

De maneira ativa no esporte, vimos no Capítulo I que o corpo também é percebido, por Bourdieu (2011), como um capital, que está em constante troca e ganho.

Neste sentido, além de um capital físico, o corpo é um capital simbólico, um capital econômico e um capital social. No entanto, é preciso ressaltar que este

corpo capital não é um corpo qualquer. É um corpo que deve ser sempre sexy, jovem, magro e em boa forma. Um corpo conquistado por meio de um enorme investimento financeiro, muito trabalho e uma boa dose de sacrifício. (Goldenberg, 2011, p. 49)

Essa questão nos faz pensar, no que respeita ao percurso das atletas no esporte, em todos os ganhos que obtiveram e ainda obtém, através de seus corpos: a sua visibilidade, performatividade, muscularidade e boa forma, assim como os ganhos sociais e econômicos que conquistam por suas aparições em campeonatos.

Porém, os corpos das atletas são permeados pelo gênero e pelo poder. Isso significa, que aos corpos, algo é atribuído, deles se espera algo e por isso são delimitados. “Assim, conclui Wittig, “somos obrigados, em nossos corpos e em nossas mentes, a corresponder, traço por traço, à ideia de natureza que foi estabelecida para nós [...] ‘homens’ e ‘mulheres’ são categorias políticas, e não fatos naturais”. (Butler, 2018, p. 156)

Os estereótipos de gênero carregam atribuições para corpos femininos e masculinos. Às mulheres, são destinados caminhos domésticos, de cuidado ao lar e proteção aos filhos. Já ao homem, a vida pública é o seu destino.

No seio da família, a dominação masculina pode ser observada em praticamente todas as atitudes. Ainda que a mulher trabalhe fora de casa em troca de um salário, cabe-lhe realizar todas as tarefas domésticas. Como, de acordo com o modelo, os afazeres domésticos são considerados "coisas de mulher", o homem raramente se dispõe a colaborar para tornar menos dura a vida de sua companheira. (Saffioti, 1987, p. 50)

Complementa Saffioti (1987, p. 25): “Mas ser macho não significa somente ter êxito econômico. Ao macho estão sempre associados valores tais como força, razão, coragem. [...] Para não correr o risco de não encarnar adequadamente o papel do macho o homem deve inibir sua sensibilidade.”

Ao designar os atributos de cada categoria (homem e mulher), Amâncio (1993, p. 131) chama a atenção para as possíveis subcategorias que existem dentro dos atributos de homem e de mulher, ela diz: “homem-empresário, homem-atleta e homem-pai”; as mulheres possuem apenas a subcategoria “mulher-mãe, enquanto que as de mulher-atleta ou de mulher-empresária já incluem atributos masculinos.”

A partir da leitura de Amâncio (1993) faz-se perceptível, o peso da escolha da mulher- atleta, já que, ao optar pelo esporte, a mulher transporta consigo os ditos atributos masculinos, e de certo modo, recusa os ditos atributos femininos.

No decorrer do século XIX e XX, tal como vimos no Capítulo II, com o início da participação feminina no esporte e no fisiculturismo, já se levantavam questões sobre uma inadequação das mulheres a esse tipo de atividade. “Identificada como de natureza frágil, nesse momento, circulavam vários discursos que alertavam para possíveis perigos que a prática competitiva poderia representar, entre eles, o da masculinização da mulher.” (Goellner, 2005, p. 88)

Em respeito ao fisiculturismo, “embora o esporte fosse praticado pelos homens desde a década de 1940 no Brasil, somente nos anos 80 o país passou a sediar eventos internacionais. É no final dessa década que as mulheres passam a integrar as disputas.” (Jaeger, 2009, p. 97)

O influente fisiculturista Arnold Schwarzenegger (2001) comenta em sua Enciclopédia sobre o desempenho no esporte, tanto de homens como de mulheres:

Cada um tem direito a uma opinião, mas, no meu ponto de vista, as mulheres possuem os mesmos músculos que os homens e devem ser livres para desenvolvê-los como desejarem. O fisiculturismo é um esporte tanto para homens como para mulheres praticarem. (Schwarzenegger, 2001, p. 45)

O autor e fisiculturista, abordado no Capítulo II, também comenta sobre os diferentes objetivos de cada atleta – homem e mulher - na busca pelo esporte, diz: “mas o que diferencia o treinamento de uma mulher são seus objetivos: ela provavelmente estará mais interessada em modelar e firmar o corpo do que em desenvolver músculos grandes.” (Schwarzenegger, 2001, p. 82)

Sua afirmativa segue o sentido oposto ao da Atleta 2, que comenta que desde o início no esporte, desejava participar da categoria *Women’s Bodybuilder*, pois gostaria de ser uma mulher notável, já que antes do esporte era demasiadamente magra. Vejamos: “Sempre quis ser grande, musculosa, gigante, esse perfil atlético mesmo, de você ver no olhar, você vê a atleta, e já vê “nossa ela treina” né?”

A categoria *Women’s Physique* é categorizada pela Confederação como: “A categoria (...) destinada a mulheres que preferem desenvolver um corpo menos

musculoso, ainda com físico atlético e esteticamente agradável, ao contrário das *Women's Bodybuilders*.” (CBMFF, 2021g, p.3) Ao referir a antiga categoria *Women's Bodybuilder*, a Confederação faz um apelo às atletas da categoria *Women's Physique*, para que conservem um corpo agradável, mesmo que musculoso. Percebe-se que “em relação às mulheres, músculos volumosos rompem com as noções de fragilidade, delicadeza e beleza representadas naquilo que social e culturalmente se construiu como atributos próprios das mulheres.” (Jaeger, 2009, p. 110) Em nosso entender, essa questão articula-se com as normas de feminilidade prescritas pela Confederação às atletas da categoria *Women's Physique*, de que temos falado ao longo desta Dissertação. Ao pontuar nas regras da categoria, “um corpo menos musculoso” e que as atletas devem apresentar ‘feminilidade’, nota-se que a posição da Confederação acusa a pressão dos estereótipos tradicionais de gênero.

Considera-se a reflexão de Simone de Beauvoir (2019b, p. 26) primorosa para elucidar essa questão. A autora indica que as mulheres já obtiveram muitas conquistas, como por exemplo no esporte, mas que ainda assim não devem deixar a sua feminilidade. Em suas palavras:

Hoje, graças às conquistas do feminismo, torna-se dia a dia mais normal encorajá-la a estudar, a praticar esporte; mas perdoam-lhe mais do que ao menino o fato de malograr; tornam-lhe mais difícil o êxito, exigindo dela outro tipo de realização: querem, pelo menos, que ela seja também uma mulher, que não *perca* sua feminilidade. (Beauvoir, 2019b, p. 26)

Para Bourdieu (2020), a chamada ‘feminilidade’ exigida das mulheres pelos sistemas simbólicos, seria a “arte de “se fazer pequena” (Bourdieu, 2020, p. 53). Pequena em seu corpo e movimentos, confinada em suas roupas, saltos altos e bolsas.

Essas maneiras de usar o corpo, profundamente associadas à atitude moral e à contenção que convêm às mulheres, continuam a lhes ser impostas, como que à sua revelia, mesmo quando deixaram de lhes ser impostas pela roupa (como o andar com passinhos rápidos de algumas jovens de calças compridas e sapatos baixos). (Bourdieu, 2020, p. 54)

No âmbito do esporte, e principalmente do fisiculturismo, as atletas abalam as representações de feminilidade, já que seus corpos, fortes, grandes e poderosos, não obedecem às restrições de “se fazer pequena”. Mesmo assim, a

Confederação pressiona a perpetuação do confinamento simbólico. Tal como evidenciamos no Capítulo II, Goellner (2007, p.190), analisa o campo esportivo como um âmbito de generificação e diz:

[...] o esporte não é um campo “naturalmente” masculino, nem mesmo aquelas modalidades que exigem maior força física e vigor: como qualquer outra instância social, o esporte é um espaço de generificação, não porque reflete as desigualdades e diferenciações da sociedade em geral mas, fundamentalmente, por que as produz e reproduz.

A análise das entrevistas evidenciou que não apenas a posição da Confederação acusa a presença de antigos estereótipos de gênero e ideais de feminilidade, mas também as atletas evidenciam e sofrem essa pressão. Em seus relatos, a maioria das atletas entrevistadas citavam as palavras: delicadeza, leveza, equilíbrio e fragilidade como representações de feminilidade.

Falam dos movimentos corporais que executam de maneira leve, como forma de representarem em suas atitudes, a feminilidade de seus corpos musculosos. Butler (2018) articula os gestos corporais com as marcações de gênero, quando alega:

O efeito do gênero se produz pela estilização do corpo e deve ser entendido, conseqüentemente, como a forma corriqueira pela qual os gestos, movimentos e estilos corporais de vários tipos constituem a ilusão de um eu permanente marcado pelo gênero. (Butler, 2018, p.188)

Percebe-se que a maioria das atletas não se consegue desvencilhar, em seus corpos e discursos, dos valores heteronormativos e do imperativo de feminilidade hegemônica que lhes é exigido, desta forma indo ao encontro das palavras de Goellner, quando defende: “Para as mulheres, em grande medida, é incentivado viver o espetáculo esportivo desde que não deixe de lado, por exemplo, a graciosidade, a delicadeza e a beleza, atributos colados a uma suposta “essência feminina”.” (Goellner, 2007, p.185). As atletas permanecem coladas a “essência feminina” que Goellner (2007) retrata.

As atletas acusam o peso dos ideais de feminilidade (passividade, pequenez e beleza do ideal feminino) em seus discursos. Tomando como base a exigência de feminilidade por parte da Confederação, as atletas demonstram corroborar com a premissa. Vemos, por exemplo, na fala da Atleta 5 a “essência feminina” que Goellner (2007) retrata: “No meu caso eu acho que eu tento colocar

bastante essa energia do meu universo feminino mesmo, que assim falando, culturalmente mesmo, *né*, que a mulher ela é aquela figura mais equilibrada, aquela figura mais sensível, mais frágil, *né?*”.

E no discurso da Atleta 2 também se nota o ideal de feminilidade associado aos seus comportamentos. Vejamos: “[...] então é a cabeça erguida, é o sorriso no rosto, é a jogada de mão, é a leveza na mão, é a suavidade. Essa delicadeza.”

Também o culto do ideal de beleza corporal “feminina”, se faz presente nos relatos das entrevistadas, quando as mesmas relatam a preservação da silhueta feminina, definida como a cintura fina. Cinco das seis atletas afirmam que consomem o ato cuidando das suas dietas, treinos e/ou fazendo o uso de espartilhos e cintas.

Cabe lembrar que esses adornos, são peças recorrentes usadas pelas mulheres no século XIX para realçar a cintura fina e delicada. Lipovetsky (2000, p. 109) refere-se à harmonia dessa silhueta feminina realçada nas artes, quando se tratava do corpo feminino: “Harmonia das partes com o todo, seios fartos, cintura fina, balanço do quadril fazendo repousar o peso do corpo sobre uma perna: a escultura grega ambiciona criar a perfeição física do feminino.” Reportando-se ao mesmo século, Susan Bordo (1997, p. 34) comenta “[...]a figura do tipo “ampulheta” do século XIX, realçando peitos e ancas em contraste a uma cintura de vespa, era uma forma simbólica “inteligível”, representando um ideal doméstico, sexualizado da feminidade.”

A presença destes ideais de feminilidade a que se associa um certo tipo de beleza delicada, aparece também nos relatos das entrevistadas, sob a forma dos adornos que usam nas competições, sejam esses brincos, pulseiras, brilho nos biquínis, ou o uso de maquiagem e penteados nos cabelos.

Jaeger (2009, p. 207) denominará essa tendência dominante nas competições de “hiperfeminilidade normalizada” das atletas. Segundo a Autora estaria em curso um processo de desvalorização da potenciação muscular em função dessa “hiperfeminilidade normalizada”:

Nesse sentido, nada mais convencional do que valer-se de uma toailete cada vez mais requintada, investindo na cosmetologia do corpo – com atenção especial à maquiagem da face e à tonalização da pele do corpo –, na preparação dos cabelos, nos trajes e demais adereços. Também na composição da exibição, principalmente, na coreografia individual, acentua-se cada vez mais

a sensualidade e a beleza das mulheres. Esse conjunto de investimentos sugere uma tentativa de produzir uma hiperfeminilidade normalizada das atletas.

Nesse mesmo sentido, a Atleta 3 expõe que “Eles querem botar a gente bem feminina, para não dizer que ‘ah, porque o corpo é musculoso *né?*’. O corpo *tá* musculoso, então ela tem que estar o máximo feminina no palco, *né?* [...] mas é o que eu penso. Não é esses detalhes que tornam a atleta feminina. Não é esses detalhes, entendeu? É a pessoa em si.”

Sua fala corrobora com os pensamentos de Jaeger (2009), quando a autora aponta:

Esses cuidados extremados com a aparência parecem, muitas vezes, dissonantes de uma situação esportiva em que o volume, a definição e a simetria corporal são pontuados. Além disso, a beleza facial não se constitui num requisito, embora possa partilhar da avaliação geral da atleta. Examinando esse peculiar contexto esportivo, penso que, em muitas competições, cada vez conta menos a potencialização muscular e mais se avalia a reafirmação das representações da feminilidade normalizada, pois essas estratégias estão naturalizadas como constituintes do universo feminino. (Jaeger, 2009, p. 212).

Nota-se que os corpos musculosos das atletas, desencadeiam questões que vão além do corpo e do esporte, mas chegam na sexualidade de cada uma. Como vimos, as atletas trouxeram em seus relatos a associação do corpo volumoso e desenvolvido muscularmente, com a opção sexual de cada, colocando em questão a sua heterossexualidade.

A Atleta 2 comenta: “[...] eu vim do esporte, então as pessoas achavam que eu ia ser sapatão, que a minha sexualidade estava atrelada ao esporte: ‘ah Maria João’, ‘mulher macho’. A própria minha mãe era uma pessoa que tinha muito preconceito, ficava reclamando, brigando [...]”

No fisiculturismo, mulheres se enquadraram na prática e enfrentam o cenário de preconceito social, das diferenças físicas e das práticas esportivas que masculinizavam, tornando a mulher “anormal” ou supostamente lésbicas. Esse conflito da sexualidade é constituído pelos discursos dominantes, para restringir, como forma de limitação estética, o lugar subalterno das mulheres nesse esporte. (Da Silva Mattos et al., 2019, p. 107)

Ademais, a Atleta 3 narra que em alguns casos, as atletas, não se sentem confortáveis com o uso dos adornos e biquini durante os campeonatos, pois é algo que não faz parte da sua escolha: “Tanto que tem muitas atletas que são... que são... elas são sapatão mesmo, *né?* Que elas se vestem igual homem, são

um homem, mas elas ficam revoltadas que elas têm que botar biquini *pra* subir no palco. Entendeu? E elas não gostam. Elas têm que botar biquini, elas têm que se maquiar, tem que botar brinco... e elas não gostam. E *ai* elas se sentem mal, porque não é o perfil delas, mas elas estão em uma categoria de mulher que julga o corpo feminino.”

Desse modo, constata-se novamente o peso da feminilidade exigida pela Confederação aos corpos das atletas da categoria.

Por meio das entrevistas com as atletas, é evidente a presença do preconceito contra o corpo musculoso feminino, tanto em suas falas sobre a Confederação, como em suas vivências, o que vem de encontro às palavras de Goellner:

O suor excessivo, o esforço físico, as emoções fortes, as competições, a rivalidade consentida, os músculos delineados, os gestos espetacularizados do corpo, a liberdade de movimentos, a leveza das roupas e a seminudez, práticas comuns ao universo da cultura física, quando relacionadas à mulher, despertavam suspeitas porque pareciam abrandar certos limites que contornavam uma imagem ideal de ser feminina. Pareciam, ainda, desestabilizar o terreno criado e mantido sob domínio masculino cuja justificativa, assentada na biologia do corpo e do sexo, deveria atestar a superioridade deles em relação a elas. (Goellner, 2005, p. 92)

É bem notório que os corpos fortes e musculados das atletas são pouco reconhecidos na sua plenitude performativa, enquanto outras possibilidades de serem corpos femininos, para além dos cânones da referida feminilidade normatizada.

Corpos desafiantes, tal como refere Jaeger, “Os volumosos corpos de algumas dessas mulheres desassossestavam representações hegemônicas de feminilidade”. (Jaeger, 2009, p. 206) e por essa razão continuam ainda hoje a incomodar.

As Atletas relatam seus descontentamentos no início do percurso no esporte, com seus corpos magros ou em sobrepeso. Esse descontentamento e esse incômodo é visível também na declaração da Confederação ao dizer que os corpos das atletas *Women’s Physique* devem ser agradáveis e não perder a feminilidade.

Por meio de disciplinas rigorosas e reguladoras sobre a dieta, a maquiagem, e o vestuário — princípios organizadores centrais do tempo e do espaço nos dias de

muitas mulheres — somos convertidas em pessoas menos orientadas para o social e mais centradas na automodificação. Induzidas por essas disciplinas, continuamos a memorizar em nossos corpos o sentimento e a convicção de carência e insuficiência, a achar que nunca somos suficientemente boas. (Bordo, 1997, p.20)

Mesmo com tantos discursos e apontamentos, caímos na incerteza de sabermos decifrar o que caracteriza um corpo. Butler (2016) é muito perspicaz quando alega “nossa humildade conceitual” sobre o corpo.

Não há somente um nome para o corpo, e então, seja o que for o corpo, ele não é nunca capturado por algum nome em específico. Ele está lá, elusivo, persistente, e ainda no final das contas talvez seja aquilo que há de mais incapturável pelo discurso. Esse não é um caminho na direção de negar que o corpo exista; é, bem mais, uma forma de dizer que não importa o quão rígidas sejamos em nossas reivindicações por saber e capturar, e verificar, e produzir o corpo material, estamos atadas a um discurso que não se pode proclamar como a única maneira de compreender o que é um corpo e o que ele significa. Os corpos sobrevivem, às vezes como seres viventes, às vezes não, e nós buscamos dar um nome àquilo que nunca poderá ser completa ou finalmente nomeado. O corpo é, talvez, o nome para nossa humildade conceitual. (Butler, 2016, p. 27)

Conclui-se que as mulheres da categoria *Women's Physique* são desvalorizadas quando a antiga categoria *Women's Bodybuilder* foi eliminada pela Confederação, e as atletas tiveram que readequar seus corpos; quando a avaliação e julgamento de seus corpos são questões subjetivas para cada árbitro; quando são obrigadas a usarem adornos em suas apresentações nos campeonatos e maquiagens; quando não possuem apoio financeiro e midiático de empresas e por não serem uma categoria comercializada; e quando passam por situações e comentários desagradáveis sobre seus corpos.

A aparência fortemente musculada das atletas entra em ruptura com as representações historicamente produzidas do feminino, afrontando estereótipos e representações hegemônicas de masculinidade e feminilidade e apontando novas representações, novas referências e novas possibilidades para os corpos das mulheres.

CONCLUSÃO

A investigação realizada na presente Dissertação teve como finalidade expor e destacar as narrativas das atletas de fisiculturismo a respeito de sua prática, de seus corpos e a percepção dos seus conceitos de feminilidade e beleza, conceitos que constituem requisitos de avaliação das competições, segundo as exigências da Confederação Brasileira de Musculação, Fisiculturismo e *Fitness*. Além disso, procurou-se integrar essas narrativas em uma reflexão fundamentada em uma perspectiva de gênero.

Inicialmente, para fundamentar as reflexões e a análise das narrativas das atletas do esporte sobre suas práticas e concepções sobre feminilidade e beleza dentro do fisiculturismo, no Capítulo I optou-se por explicar sobre as questões de gênero, dando conta da dicotomia que persiste ainda entre as representações sociais designadas às mulheres e aos homens, os estereótipos de gênero. Tomou-se gênero na linha da construção social, a partir de autoras como Scott e Butler que perspectivam os sujeitos inseridos em um meio e uma cultura. Através de costumes e modos de vidas, as atribuições destinadas ao gênero poderão variar, porém, de modo geral, é pela linguagem e pelas estruturas sociais que os corpos são reconhecidos.

Dado que uma parte substancial da Dissertação possui como foco as narrativas sobre o corpo das atletas fisiculturistas, e os quesitos de beleza e feminilidade que devem apresentar para a Confederação do esporte, importou entrar em linha de conta com algumas problematizações e algumas teorizações feministas sobre o corpo. Como se viu, o corpo é afetado pela cultura e pelo complexo social. Reconhece-se que o processo das construções dos corpos é uma conjectura, além de biológica e social, muito subjetiva. Por meio da socialização e do 'ser' no mundo, os indivíduos se constroem e se escolhem: o que fazem daquilo que lhes é apresentado.

Tal como se elucidou, os corpos, principalmente femininos, são constantemente atravessados por cuidados e investimentos, sendo contemplados pelo meio social como um culto do corpo belo. Pois então, no campo da beleza – vinculada ao corpo – explorámos os conceitos de belo e feminino. Mesmo que, como se viu, exista uma forte influência social pairando sobre as mulheres sobre seus corpos e modos, e uma forte pressão social sobre os padrões de beleza que

lhes são impostos, ainda assim cada indivíduo tem a possibilidade de decifrar, resignificar os corpos e reinterpretar esses modelos dominantes de beleza e feminilidade. Por isso, nosso objetivo foi dar espaço e voz às narrativas das mulheres atletas do fisiculturismo.

Após percorrermos as questões-chaves para que fosse possível pensar, de forma fundamentada, as narrativas das atletas sobre seus corpos e concepções de beleza e feminilidade, foi importante, no Capítulo II, descrever e elucidar o campo do fisiculturismo, e principalmente a prática feminina do esporte. Ao falar sobre a prática feminina, tornou-se pertinente elencar as atuais categorias da modalidade segundo a Confederação Brasileira de Musculação, Fisiculturismo e *Fitness* (CBMFF), filiada a I.F.B.B– *International Federation of Fitness and Bodybuilding*. Dentre as sete categorias atuais, a categoria aqui destacada foi a *Women's Physique*.

O clímax da pesquisa realizada, centrou-se nas considerações da Confederação em suas regras e normas endereçadas às atletas, sobre a avaliação dos árbitros durante as competições. Vejamos: “Os árbitros são lembrados de que a postura da atleta, em todos os momentos enquanto no palco, deve ser considerada. A imagem geral exibida deve demonstrar equilíbrio, feminilidade e autoconfiança.” (CBMFF, 2021g, p.13)

Além do exposto, em seu site, a Confederação anuncia:

É destinada a mulheres que querem elevar o seu nível de massa muscular e condicionamento ao máximo possível através de treinamento e dieta, porém respeitando-se a anatomia, volume e silhueta feminina. Desta forma, acabam por desenvolver um físico menos musculoso, ainda atlético e esteticamente agradável, ao contrário das antigas atletas do fisiculturismo feminino, que acabaram por perder a feminilidade nos últimos anos. (Women physique - IFBB Brasil, 2024)

Torna-se confuso o entendimento de suas alegações quando se diz que a categoria tem como objetivo o desenvolvimento muscular do corpo, e ao mesmo tempo se anuncia que essa hipertrofia e volume do corpo deve ser contido e preservado de maneira natural. Foi a partir da constatação dessa ambiguidade, que nos interessou entrevistar as atletas da categoria para que obtivessem espaço e visibilidade para exporem suas considerações a respeito dessas imposições.

Então, no Capítulo III, é exposta a problemática de base e o percurso metodológico da pesquisa. Interessou questionar até que ponto o requisito 'feminilidade' dentro das regras de avaliações da *International Fitness & Bodybuilding Federation* (IFBB) - na qual o Brasil é afiliado – acusa a presença de estereótipos de gênero. Foi a partir dessa problemática que importou perceber de que modo as atletas lidam com estas questões, o que elas compreendem sobre os requisitos de beleza e feminilidade e como isso as atravessa, a elas e às suas práticas desportivas, já que elas são as protagonistas da categoria. Com essa finalidade, enveredou-se por um levantamento e uma revisão documental e bibliográfica e por entrevistas individuais semiestruturadas. Através das entrevistas realizadas com seis atletas, teve-se acesso às suas histórias, percursos no esporte e opiniões sobre as normas de avaliação da Confederação e sobre a prática esportiva.

No Capítulo IV incidiu-se sobre as entrevistas: relatou-se o percurso que conduziu às entrevistas semiestruturadas, seus objetivos, o critério que presidiu à seleção das entrevistadas, os primeiros contatos com as atletas convidando-as a participarem na pesquisa. Procedeu-se depois a análise das respostas coletadas durante a entrevista.

Neste ponto, há que referir, que uma das limitações deste trabalho teve que ver com o baixo número de atletas que se disponibilizaram a serem entrevistadas. Das vinte e cinco atletas convidadas para participarem da pesquisa e da entrevista, apenas seis convidadas aceitaram e realizaram o encontro. Avalia-se que as dificuldades encontradas podem estar relacionadas com o baixo número de atletas participantes da categoria e com a pouca vontade em se exporem. Outro obstáculo que a presente Dissertação enfrentou, teve que ver com a pouca receptividade da Confederação Brasileira de Musculação, Fisiculturismo e *Fitness* quando contatada na busca por informações a respeito da categoria.

Ainda no Capítulo IV procedeu-se à análise das respostas categorizadas por temas. No total, 16 temas foram abordados pelas atletas entrevistadas, sendo eles: Percurso no esporte; Opção pela categoria *Women's Physique*; Considerações sobre a Confederação Brasileira de Musculação, Fisiculturismo e

Fitness; Avaliações dos árbitros; Poucas atletas na categoria; Redução de volume muscular das atletas *Women's Bodybuilder*; A prática esportiva por mulheres e homens; Perspectivas sobre os quesitos de feminilidade exigidos na categoria *Women's Physique*; Beleza dentro do esporte; A silhueta feminina; Músculos na mulher; Corpos treinados; Opção sexual; Uso de hormônios; Representatividade feminina; e por fim Suas vivências particulares.

Nesse processo, é pertinente salientar, que as atletas expressaram algumas questões que não eram o fulcro da pesquisa, como seus pareceres sobre o uso de hormônios e a opção sexual das atletas da categoria. Pôde-se, assim, verificar que a entrevista semiestruturada possibilita à pesquisa amplo acesso a questões não ponderadas previamente. Verificou-se também que a entrevista, em suas particularidades, proporcionou à pesquisa informações muito valiosas sobre os sujeitos, às quais, de outra forma, não se teria acesso.

Foi visível, durante as entrevistas, o contentamento que as atletas participantes demonstraram ao poderem falar sobre a sua escolha pelo esporte e pela categoria *Women's Physique*.

Evocam que seus percursos no esporte, que suas escolhas pela prática da musculação tiveram embasamento em seus descontentamentos com seus corpos. Optaram pela categoria *Women's Physique*, por perceberem que seu corpo não se encaixava nas outras seis categorias femininas do esporte. Em suas considerações sobre a Confederação, retratam críticas às avaliações dos árbitros durante as competições, e à falta de apoio que sentem da Instituição.

A respeito dos quesitos de feminilidade exigidos na categoria, a maioria das entrevistadas assegura que o preceito diz respeito a algumas maneiras e comportamentos que devem apresentar no palco, tais como leveza e delicadeza. Os adereços e utensílios colaboram para que apresentem uma imagem mais agradável, bela e feminina.

Pontuam que se sentem bem com seus corpos e felizes por suas conquistas, porém, todas as atletas relataram situações desagradáveis e preconceituosas sobre a performatividade de seus corpos.

Posteriormente, no Capítulo V, procurou-se integrar e correlacionar as narrativas e reflexões das atletas, seguindo pela perspectiva de gênero.

A pesquisa permitiu examinar que, tanto o discurso das atletas do fisiculturismo, como o da Confederação do esporte, é atravessado pelas questões de gênero e sofre as pressões que elas lhe impõem. É notório que os estereótipos de gênero, a pressão social sobre o corpo, e os paradigmas dominantes de feminilidade e masculinidade são uma constante no discurso das atletas e da Confederação.

Conclui-se que as mulheres da categoria *Women's Physique* são desvalorizadas quando a antiga categoria *Women's Bodybuilder* foi eliminada pela Confederação, e as atletas tiveram que readequar seus corpos aos parâmetros de uma pretensa feminilidade normativa; quando a avaliação e julgamento de seus corpos são questões subjetivas para cada árbitro; quando são obrigadas a usarem adornos e maquiagens em suas apresentações nos campeonatos configurando uma “hiperfeminilidade normatizada”; quando não possuem apoio financeiro e midiático de empresas e por não serem uma categoria comercializada; e quando passam por situações e comentários desagradáveis sobre seus corpos.

A aparência fortemente musculada das atletas entra em ruptura com as representações historicamente produzidas do feminino, ligadas ao pequeno, ao delicado, ao belo, afrontando estereótipos e representações hegemônicas de masculinidade e feminilidade. Neste sentido, os corpos potentes e desafiantes das fisiculturistas apontam novas representações, novas referências e novas possibilidades para os corpos das mulheres.

É nessa medida, que pensamos que a presente Dissertação poderá contribuir para que seja possível superarmos os ideais de feminilidade do século XIX, aos quais ainda estamos presos, e possamos pensar em novas perspectivas e cenários para as mulheres.

Proponho aos leitores e pesquisadores, que encarem a temática sobre o corpo e o fisiculturismo feminino, como um primeiro passo para se pensar em novas pesquisas e discussões na área do gênero e do esporte. O tema não se esgota aqui, ainda há muito para pensar e explorar.

BIBLIOGRAFIA

- Adelman, Miriam. (2003). Mulheres atletas: re-significações da corporalidade feminina. *Revista Estudos Feministas*, 11, 445-465.
- Amâncio, Lígia (1992). As assimetrias nas representações do gênero. *Revista crítica de ciências sociais* (n.34).
- ____ (1993). Gênero – Representações e Identidades. *Sociologia – problemas e práticas* (n. 14).
- ____ (1994). *Masculino/ feminino: A construção social da diferença*. Afrontamento.
- Bardin, Laurence (1977). *Análise de conteúdo*. Edições 70.
- Beauvoir, Simone de (2019). *O Segundo Sexo: fatos e mitos*. (5ª Ed.). Nova Fronteira.
- ____ (2019b). *O Segundo Sexo: a experiência vivida*. (5. Ed). Nova Fronteira.
- Benta, Z. [@zamabenta.pro]. (2023, 03 de novembro). Agora no palco do Olympia 23!. [Imagem]. Instagram. https://www.instagram.com/p/CzMQGRig9IA/?img_index=2
- Bergano, Sofia. & Vieira, C. Cristina. (2020). Do pessoal ao político: as metodologias de investigação qualitativa como aliadas da ação. *Ex aequo*, (41) 15-25. <https://doi.org/10.22355/exaequo.2020.41.01>
- Bordo, Susan. (1997). O corpo e a reprodução da feminilidade: uma apropriação feminista de Foucault. *In: Gênero, corpo, conhecimento*. Rosa dos Tempos.
- Borges, A. [@angelaborges]. (2024, 26 de março). Um Pedacinho da História. [Fotografia. Instagram. https://www.instagram.com/p/C4-1HjcgLni/?hl=pt&img_index=1
- Bourdieu, P. (1989). *O poder simbólico*. Bertrand Brasil.
- ____ (1996). *Razões práticas: sobre a teoria da ação*. Papyrus Editora.
- ____ (2007). *Escritos de educação*. Vozes.
- ____ (2011). *A distinção: crítica social do julgamento*. Zouk.
- ____ (2020). *A dominação masculina*. (18ª ed.). Bertrand Brasil.
- Bourguignon, Jussara Ayres. (2008). A centralidade ocupada pelos sujeitos que participam das pesquisas do Serviço Social. *In: Bourguignon, Jussara Ayres. A particularidade histórica da pesquisa no Serviço Social*. Ponta Grossa: Uepg. p. 143-174.
- Braidotti, R. (2000). Between the No longer and the not Yet: Nomadic variations on the body. Bologna Conference *in Women Studies*.
- ____ (2003) “Becoming woman or sexual Difference revisited”. *Theory, Culture and Society*. 20 (3). Sage, 43-64.
- Butler, Judith. (2018) *Problemas de Gênero: Feminismo e subversão de identidade*. (8ª ed.). Civilização Brasileira.
- ____ (2016). Corpos que ainda importam. *In: Dissidências sexuais e de gênero*. EDUFBA.
- ____ (2023). *Corpos que importam: Os limites discursivos do “sexo”*. (2ª ed.). n-1 edições.
- Carmo, H., & Ferreira, M. M. (2008). *Metodologia da investigação: Guia para Auto Aprendizagem* (2ª ed.). Universidade Aberta.

- Carmo, H. (2013). Sistemas de orientação na pesquisa: formulação de objetivos, hipóteses e modelo de análise. *In: Manual de metodologia das ciências sociais e políticas*. Lisboa, Portugal: ISCSP/UTL.
- Confederação Brasileira de Musculação, Fisiculturismo e Fitness. (2021a). MEN'S PHYSIQUE & MUSCULAR MEN'S PHYSIQUE (9). https://ifbb.com.br/wp-content/uploads/2021/07/Regras_Men's_Physique_e_Muscular_Men's_Physique__2021_Traduzida.pdf
- Confederação Brasileira de Musculação, Fisiculturismo e Fitness. (2021b). *TRADUÇÃO REGRA FIT PAIRS (18)*. https://ifbb.com.br/wp-content/uploads/2021/07/Regra_Fit_Pairs_2021_Traduzida.pdf
- Confederação Brasileira de Musculação, Fisiculturismo e Fitness. (2021c). *TRADUÇÃO REGRA WOMEN'S ACROBATIC FITNESS (4)*. https://ifbb.com.br/wp-content/uploads/2021/07/Regra_Women's_Acrobatic_Fitness_2021_Traduzida_1.pdf
- Confederação Brasileira de Musculação, Fisiculturismo e Fitness. (2021d). *TRADUÇÃO REGRA WOMEN'S ARTISTIC FITNESS (17)*. https://ifbb.com.br/wp-content/uploads/2021/07/Regra_Women's_Artistic_Fitness_2021_Traduzida.pdf
- Confederação Brasileira de Musculação, Fisiculturismo e Fitness. (2021e). *TRADUÇÃO REGRA WOMEN'S BIKINI (7)*. <https://ifbb.com.br/wp-content/uploads/2021/06/Regra-Bikini-Fitness-2021-Traduzida.pdf>
- Confederação Brasileira de Musculação, Fisiculturismo e Fitness. (2021f). *TRADUÇÃO REGRA WOMEN'S FIT - MODEL (13)*. https://ifbb.com.br/wp-content/uploads/2021/05/Regras_Women's_Fit-Model__2021.pdf
- Confederação Brasileira de Musculação, Fisiculturismo e Fitness. (2021g). *TRADUÇÃO REGRA WOMEN'S PHYSIQUE (8)*. https://ifbb.com.br/wp-content/uploads/2021/07/Regras_Women's_Physique_2021_Traduzida.pdf
- Confederação Brasileira de Musculação, Fisiculturismo e Fitness. (2021h). *TRADUÇÃO REGRA WOMEN'S WELLNESS (15)*. https://ifbb.com.br/wp-content/uploads/2021/05/Regra_Women's_Wellness__2021.pdf
- da Silva Mattos, R., Grivet, E., Brandão Pinto de Castro, J., Ribeiro do Espírito Santo, W., Sabino, C., Moebus Retondar, J. J., & Gama, D. (2019). Sobrevivendo ao estigma da hipertrofia: notas etnográficas sobre o fisiculturismo feminino. *Arquivos em Movimento*, 15(1), 97–113.
- Estevão, Adriana; Bagrichevsky, Marcos. (2004). Cultura da “corpolatria” e body-Building: notas para reflexão. *Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte*. (3)13-25.
- Estevão, A. (2005). PRÁTICA DO FISCULTURISMO: SIGNIFICADOS. *Motrivência*, (24), 40–58. <https://doi.org/10.5007/%x>
- Federação Catarinense de Fisiculturismo – A maior do Brasil! [Imagem]. (s.d.). Federação Catarinense de Fisiculturismo – A maior do Brasil! <https://ifbb.com.br/>
- Federação de Fisiculturismo e Fitness do Mato Grosso do Sul [@ifbbms]. (2021, 21 de julho). Saiba mais sobre a categoria onde as atletas se apresentam em dois

- momentos: Rotina Fitness e Quartos de volta. [Fotografia]. Instagram.
https://www.instagram.com/ifbbms/p/CRnByd_t1LE/?img_index=1
 FITMODEL WORLD CHAMPIONSHIP 2022! [Imagem]. (s.d.).
 IFBB. <https://ifbb.com/fitmodel-world-championship-2022/>
 Franco, P. B. Maria Laura, (2005). *Análise de conteúdo*. (2ª ed.). Livro Editora.
 Garcia, C. Carla (2018). O gênero e as práticas esportivas das mulheres. Alguns pontos de discussão em psicologia social e do esporte. *Psicologia Revista*, 27, 497–517. <https://doi.org/10.23925/2594-3871.2018v27i3p497-517>
 Gil, Antônio Carlos. (2002). *Como elaborar projetos de pesquisa*. (4ª ed.). Atlas.
 Godoy, Arlinda, S. (1995). Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. *Revista de Administração de Empresas*, 1995(35), 57-63.
 Goellner, V. Silvana (2005). Mulher e esporte no Brasil: entre incentivos e interdições elas fazem história. *Pensar a prática*, 8, 85-100.
 Goldenberg, Mirian. (2004). *A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais*. (8ª ed.). Record.

 ____ (2006). O corpo como capital: para compreender a cultura brasileira. *Arquivos em movimento*, 2(2), 123.

 ____ (2011). Afinal, o que quer a mulher brasileira? *Psicologia Clínica*, Rio de Janeiro, v. 23, n. 1, p. 47-64.

 Goldenberg, Mirian., & Ramos, M.S. (2007). A civilização das formas: O corpo como valor. *In: Nu & vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca*. (2ª ed.).Record.

 Hasse, Manuela. (2003). O processo de apreensão e de re-criação do mundo. *Pro Posições*, (v.14,n. 2), 53-60.
<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/proposic/article/view/864319885/11355>

 Jaeger, Angelita (2009). A potencialização muscular e a construção de arquiteturas corporais no fisiculturismo, *Tese de doutorado* apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ciências do Movimento Humano da UFRGS, Porto Alegre, Brasil.
 Kubińska, A. [@olakubinska_]. (2024, 18 de junho). Representing Poland PL in the Women's Artistic Fitness over 163cm and winning her category, here's the talented. [Fotografia]. Instagram.
https://www.instagram.com/olakubinska_/?img_index=4
 Lacan, J. (1987). *Os complexos familiares: Na formação do indivíduo*. Zahar.
 Leão, V. Cintia. (2015). Pioneiras do fisiculturismo no Rio Grande do Sul: fatores motivacionais para a adesão ao treino e as competições. [Trabalho de conclusão de curso]. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
 Lerner, G. (2019). *A criação do patriarcado: história da opressão das mulheres pelos homens*. Cultrix.

 Lipovetsky, G. (2000). *A terceira mulher: permanência e revolução do feminino*. Companhia das Letras.

- Marconi, M. A.; Lakatos, E. M. (2003). Fundamentos de metodologia científica. (5ª ed.). Editora Atlas.
- Medeiros, C. C. C. (2011). Habitus e corpo social: reflexões sobre o corpo na teoria sociológica de Pierre Bourdieu. *Movimento*, 17(1), 281–300. <https://doi.org/10.22456/1982-8918.13430>
- Montagner, M. A. (2006). Pierre Bourdieu, o corpo e a saúde: algumas possibilidades teóricas. *Ciência & Saúde Coletiva*, 11(2), 515-526. <https://doi.org/10.1590/S1413-81232006000200028>
- Neves, Sofia. (2012). Investigação Feminista Qualitativa e Histórias de Vida: A libertação das vozes pelas narrativas biográficas. In: Magalhães, Maria José (ed.), Lima Cruz, Angélica (ed.), Nunes, Rosa (ed.) (2012) Pelo fio se vai à meada: percursos de investigação através de histórias de vida Lisboa: Ela por Ela.
- Novaes, CRB e Regina Rossi, C. (2018). O corpo das mulheres brasileiras e o seu estereótipo no universo fitness em Portugal . *Cadernos Pagu* , (52), 1-26. <https://doi.org/10.1590/18094449201800520016>
- Rodrigues, J. C. (1975). *O tabu do corpo*. Anchiamá.
- Saffioti, Heleieth lara Bongiovani. (2009). Ontogênese e filogênese do gênero: ordem patriarcal de gênero e a violência masculina contra mulheres. *Estudos e Ensaios*, FLASCO-Brasil.
- _____(1987). *O poder do macho*. Moderna.
- Schwarzenegger, A. (2001). *Enciclopédia de fisiculturismo e musculação*. Artmed.
- Scott, Joan. (1990). Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade*. 20 (2), 71-99.
- Silva, P., Gomes, P. B., Graça, A., & Queirós, P. (2005). Acerca do debate metodológico na investigação feminista. *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto*, 2005(3), 358–370. <https://doi.org/10.5628/rpcd.05.03.358>
- Silveira, Denise, T., & Córdova, Fernanda, P. (2009). A pesquisa científica. In: *Métodos de Pesquisa*. UFRGS.
- Souza, Andreza, C. (2018). “Ela tá focada, sabe onde quer chegar”: estudo qualitativo sobre a produção de corpos aprimorados de mulheres fisiculturistas e fitness no município do Rio de Janeiro [*Dissertação de mestrado não publicada*]. Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- Wolf, N. (2022). *O mito da beleza: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres*. (19ª ed.). Rosa dos Tempos.
- Women physique - IFBB Brasil*. (2024). IFBB Brasil. <https://ifbb.com.br/women-physique/>

ANEXOS

**Anexo I - Termo de Consentimento Livre e Informado/ Autorização Para
Gravação De Voz**

Investigação no âmbito do Mestrado em Estudos Sobre as Mulheres, Género
Cidadania e Desenvolvimento
Mestranda: Letícia Boratto Monteiro

A presente dissertação de mestrado, denominada “Atletas do fisiculturismo: suas narrativas sobre o corpo, beleza e feminilidade”, insere-se no âmbito do Mestrado em Estudos sobre as Mulheres, e tem como questão de partida e objetivos, em traços gerais, identificar e analisar as concepções de padrão de beleza e feminilidade para as atletas fisiculturistas da categoria Women’s Physique. Assim como narrar a percepção das atletas sobre os critérios da Confederação Brasileira de Musculação, Fisiculturismo e Fitness sobre os quesitos avaliativos da feminilidade das atletas nas competições.

Consta neste documento, a pauta da entrevista a ser realizada, para que a participante tenha conhecimento das perguntas. A entrevista será gravada e transcrita, para estudo e análise.

Os resultados da presente investigação, orientada pela Professora Doutora Anabela Galhardo Couto, será apresentado na Universidade Aberta em Lisboa, podendo, caso pretenda, contactar a mestranda para qualquer esclarecimento dos resultados obtidos.

A investigação em apreço não lhe imputará nenhuma despesa ou risco. A sua participação neste estudo é voluntária e confidencial, podendo desistir do mesmo a qualquer altura, ou recusar participar, sem que tal facto lhe traga quaisquer consequências.

Eu, _____
_____ depois de entender os objetivos da pesquisa intitulada “Atletas do fisiculturismo: suas narrativas sobre o corpo, beleza e feminilidade”, e entender especialmente os métodos que serão utilizados para a coleta de dados, bem como, a necessidade da gravação de minha entrevista, AUTORIZO, por meio deste termo, a mestranda Letícia Boratto Monteiro a realizar a gravação de minha entrevista sem custos financeiros para nenhuma das partes.

Esta AUTORIZAÇÃO foi concedida mediante o compromisso em garantir-me os seguintes direitos:

1. Poderei ler a transcrição de minha gravação;
 2. Os dados coletados serão usados exclusivamente para gerar informações para a pesquisa aqui relatada e outras publicações dela decorrentes;
 3. A minha identificação não será revelada em nenhuma das vias de publicação das informações geradas;
 4. Qualquer outra forma de utilização dessas informações somente poderá ser feita mediante a minha autorização;
 6. Sou livre para interromper a minha participação na pesquisa a qualquer momento e/ou solicitar a posse da gravação e transcrição de minha entrevista.
- Depois de ouvir as explicações acima referidas, declaro que aceito participar neste estudo.

(local e data)

Assinatura da participante da pesquisa

Assinatura da Mestranda responsável pela investigação

UNIVERSIDADE ABERTA



UNIVERSIDADE
AbERTA
www.uab.pt

**ATLETAS DO FISICULTURISMO: SUAS NARRATIVAS
SOBRE O CORPO, BELEZA E FEMINILIDADE**

Anexo II - Sistematização das respostas em tabela

Letícia Boratto Monteiro

**Dissertação de Mestrado
Mestrado em Estudos sobre as Mulheres: Gênero,
Desenvolvimento e Cidadania**

Pergunta: Como você iniciou a sua prática pelo esporte?

“Eu comecei a treinar quando eu tinha um pouquinho mais de 20 ali, eu comecei a treinar porque eu era muito magra [...]” (Atleta 1)

“[...] eu não tinha aquela visão de que eu queria ser uma mulher forte, não, eu queria ganhar um pouco mais de massa muscular.” (Atleta 1)

“Eu comecei na musculação com 15 anos de idade. Então já tenho 27 anos de treinamento e sobre o fisiculturismo eu comecei a me interessar, quando eu tinha 19 anos. [...] eu era muito magrinha, eu era muita pequena [...]” (Atleta 2)

“[...] eu era obesa eu pesava 120 kg. E a minha saúde estava horrível, sabe?” (Atleta 3)

“E *ai* eu comecei com nutricionista que ele me obrigou a ir pra uma academia, porque só a dieta não *tava* adiantando. Eu tinha que fazer uma atividade física. E até então eu nunca tinha entrado em uma academia na minha vida. Nunca tinha gostado e acabei me apaixonando, e eu falei que se eu conseguisse emagrecer, eu iria virar atleta.” (Atleta 3)

“Na verdade, o sobrepeso ele vem minha vida inteira, *né*? Sempre tive o sobrepeso, a obesidade na adolescência.” (Atleta 4)

“[...] porém, eu não treinava, não fazia nada disso, foi somente com a dieta mesmo. E aí venceu esses quatro meses, eu tinha chegado no objetivo proposto, porém *tava* descontente com o meu físico assim, eu *tava* muito magra, muito *flat*, muito. Parecia doente mesmo, *né*? Foi *ai* que eu falei: não, eu preciso fazer alguma coisa, porque eu estou muito magra, mas não tá legal a parada aqui. E *ai* foi quando eu comecei a musculação.” (Atleta 4)

“[...] eu comecei a fazer algumas atividades físicas, *né*. Musculação, caminhada. Comecei a perder peso, aí eu entrei na prática do Pole Dance.” (Atleta 5)

“Eu fui em um nutricionista e já treinava há muitos anos, porque na minha infância, na minha adolescência, eu sempre fui gordinha e não gostava muito, *né*. Então, quando eu fiz uns 14, 15 anos, eu entrei na academia de ginástica e comecei a fazer dietas e meu corpo foi mudando, mudando, mudando.” (Atleta 6)

Pergunta: Como decorreu a sua decisão de participar da categoria Women’s Physique?

“De imediato eu não me interessei pela minha categoria, que é a *Womens Physique né*, eu me interessei por uma categoria um pouco mais feminina [fez o gesto de aspas com a mão], que seria a categoria *Wellness*, que é uma categoria muito mais conhecida no Brasil.” (Atleta 1)

“[...] E *pra* me ajustar no padrão da categoria, eu teria que diminuir meu superior, que é uma coisa que eu não vou fazer. [...] foi quando eu migrei *pra* categoria *Womens Physique*.” (Atleta 1)

“Na verdade, a categoria que eu mais gosto mesmo, que eu sempre busquei que eu queria ser é a *Womens Bodybuilder*, que é uma categoria acima da minha. Na verdade, eu não queria nem a *Womens Physique*.” (Atleta 2)

“Sempre quis ser grande, musculosa, gigante, esse perfil atlético mesmo, de você ver no olhar, você vê a atleta, e já vê “nossa ela treina” *né?*” (Atleta 2)

“[...] Então tive que mudar pro *coaching*, e *ai* ele analisou e falou: seu físico está todinho encaixado pra *Womens Physique*. *Ai* eu falei: ‘não sei o que é, mas eu quero. Eu quero essa categoria.’” (Atleta 3)

“Então, por incrível que pareça, não fui eu que escolhi a categoria, ela que me escolheu, porque o meu corpo foi se moldando para essa categoria” (Atleta 3)

“Passei por alguns nutricionistas que não eram assim tão específicos até encontrar um nutricionista de Recife, onde há um nutricionista do esporte, que eu comecei a fazer o protocolo com ele e, fui indo, fui indo, alguns meses passaram e ele virou para mim e falou assim: “[nome da atleta] você já pensou em competir?” (Atleta 4)

“A primeira vez que eu competi, eu competi na categoria *Wellness*.” (Atleta 4)

“[...] A gente sempre costuma dizer no esporte, que quem escolhe a categoria é o físico, a genética, não a gente que escolhe. Claro que sempre dá para se encaixar na categoria que você deseja, mas é um sofrimento muito grande, além do que, o que acontecia, eu não podia treinar superiores.” (Atleta 4)

“[...] Depois disso, acabei conhecendo um treinador que hoje é muito famoso é um dos melhores do Brasil. Fiquei com ele por três anos, *né?* E ele que me direcionou então para categoria *Womens Physique*.” (Atleta 5)

“Então, eu comecei a minha primeira competição foi como *Wellness*, *né?* [...] Porque acho que é toda menina quer como a linha do *Pole Dance*, que é uma atividade extremamente... que envolve muita parte da feminilidade, da sensualidade. Eu quis dentro do fisiculturismo ir para uma categoria onde fosse condizente, na minha cabeça, *né?* E então tinha um salto alto, *né?* Aquela coisa do desfile, do cabelão [...]” (Atleta 5)

“[...] O meu corpo ele escolheu a categoria que eu *tô* hoje na verdade, *né?* Ele já desde o início dava sinais de que não ia dar certo naquela categoria, *né?* E assim, eu me permiti então evoluir o que era para evoluir, que é os membros superiores, *né?*” (Atleta 5)

“[...] Aí, eu fui em um nutricionista e ele era fisiculturista e, por coincidência, presidente de uma Federação, da NABBA, e ele me perguntou se eu era competidora, se eu era fisiculturista, eu disse que não. E ele me convidou para ser atleta dele. E eu aceitei, *né?*” (Atleta 6)

“Então, no início, eu comecei na categoria *Wellness*, depois migrei para a categoria *Figure* [...]” (Atleta 6)

“[...] Porque o corpo que leva a gente, *né?* O corpo vai evoluindo, não tem como.” (Atleta 6)

Pergunta: Concorda com a decisão da redução de 20% de massa muscular das antigas atletas de *Bodybuilder*?

“[...] eu discordo um pouco dessa questão de que teria que abaixar o volume, eu acho que não é o volume em si, é no caso, a simetria entre esse volume, se esse volume *tá* bem distribuído.” (Atleta 1)

“Não, não concordo [...]E tirar a categoria é dizer *pras* mulheres que elas não podem ser aquilo que elas querem ser, e a gente pode ser o que a gente quiser, isso não nos define como pessoa. Eu acho que tirar a categoria é um desrespeito *pra* escolha de cada pessoa.” (Atleta 2)

“Eu já não acho legal, eu não acho bom, porque é o seu corpo, *né?*” (Atleta 3)

“Eu concordo, eu vejo como uma forma de encaixar mulheres, por exemplo como eu *né?* Que tem esse medo, que tem essa preocupação, esse preconceito, que tem esse receio, mas que o físico pede *né*. Que a genética é de mulherão, de mulher grande, mulher forte. Então tem uma categoria onde ela se encaixa, ela não quer chegar nas dimensões nas proporções de uma *Bodybuilder*. E também não consegue se encaixar, não consegue ficar em categorias menores, *né*, em Biquíni, *Wellness*. É um meio termo.” (Atleta 4)

“Então eu acho que foi bacana essa pausa realmente por conta dessa situação, porque *tava* começando a ficar uma coisa muito desagradável, ela passa do ponto, *né?* Eu acho que um determinado ponto para mulher é bacana, você ainda consegue trabalhar aquilo ali para aceitação das pessoas, *né?*” (Atleta 5)

“Então, eu acho que é muito válido, sim [...] Você, quando olhava uma mulher de costas junto com um homem, você não sabia quem era o homem, quem era a mulher, porque era muito agressivo mesmo. E assim, eu amo o fisiculturismo, eu acho... mas *pra* mim, aquele corpo de *Bodybuilder*, *pra* mim, eu não gostava, eu achava que era muito masculino mesmo.” (Atleta 6)

Pergunta: No regulamento do esporte, consta que as mulheres da categoria *Women's Physique* precisam apresentar um corpo em que “A imagem geral

exibida deve demonstrar equilíbrio, feminilidade e autoconfiança”. Como você entende essa regra?

“Eu entendo da seguinte forma: que teria que ser uma mulher com musculaturas mais alongadas, o mais feminino possível, nada exagerado. Exemplo, um trapézio exagerado. Eu teria que olhar de frente *pra* mulher e ver ainda um formato feminino, o formato de um corpo de violão apenas um pouco treinado, não com esse treinamento absurdo.” (Atleta 1)

“O que que parece uma mulher: os contornos mais femininos, uma linha de cintura menor, um glúteo que destaque mais da linha de cintura.” (Atleta 1)

“Teria que ter uma confiança e mostrar que você é mulher, que você é feminina.” (Atleta 1)

“[...] E isso os árbitros conseguem perceber, essa sua segurança, desde a hora que você entra no palco até a hora que você sai. Então é a cabeça erguida, é o sorriso no rosto, é a jogada de mão, é a leveza na mão, é a suavidade. Essa delicadeza.” (Atleta 2)

“Mas como eu não subo de sandália, eu sempre entro na ponta do pé, eu tento ser o mais suave possível no meu caminhar, nas minhas mãos, sempre sorrindo, sempre tentando conquistar os árbitros com essa beleza, com essa feminilidade que eu não perdi, *né?* Eu não perdi.” (Atleta 2)

" Olha... assim, eu vejo... eu [nome] vejo um lado do preconceito. Porque, você com a quantidade de músculo, não dá *pra* você ser tão... ter aquela leveza no palco, ter aquela delicadeza no palco. Mesmo que você queira ser, você acaba sendo bruta [...] igual o que acontece ... tem muita jogada de mão, *né?* As jogadas de mão, você tem que estar com a mão leve. Isso eu tenho que treinar muito, porque tem que ficar com esse negócio de mão *pra* lá, mão leve *pra* cá. Sabe? E eu acho que isso... eu acho que tem outros detalhes que eles poderiam ver que torna a mulher mais feminina do que a jogada de mão, do que o cabelo.” (Atleta 3)

“Acho que é um critério para mim importante no sentido de que é uma categoria feminina, então eu entendo que seja importante você preservar, você tentar

preservar essa característica é... Porque de fato você tende a masculinizar o seu físico, quando você enxerga que músculo é sinônimo de algo masculino.” (Atleta 4)

“A gente precisa trazer uma suavidade uma delicadeza. A gente utiliza muito das mãos, *né?* A posição das mãos para trazer essa suavidade no movimento é pontinha do pé, já que não anda de salto, a maioria procura pisar na ponta do pé para trazer esse movimento. Mais delicado. Assim como maquiagem, os adornos *né?* Brinco pulseira, tudo isso que traz. Essa característica *né*, mais feminina em cima do palco.” (Atleta 4)

“No meu caso eu acho que eu tento colocar bastante essa energia do meu universo feminino mesmo, que assim falando, culturalmente mesmo, *né*, que a mulher ela é aquela figura mais equilibrada, aquela figura mais sensível, mais frágil, *né?* Porque a gente também... não é porque a gente tem essa força, que a gente precisa estar sempre demonstrando isso, *né*, que a gente precisa estar sempre sendo aquela força masculina, *né?* A gente pode ter um equilíbrio [...]” (Atleta 5)

“A feminilidade na musculação, no fisiculturismo, nessa categoria, eu acho que ela se dá por questões de você finalizar movimentos, e também na forma física, o cabelo, maquiagem, a pele de mulher, *né?* Por mais que você tenha aquela muscularidade toda, as atitudes, a forma de se mover, a forma de se comportar, ela precisa ser feminina, *né?* *Pra* equilibrar essa questão do físico, mais masculinizado[...].” (Atleta 5)

“Então seria aquela energia do feminino culturalmente falando, da fragilidade. Aquele jeitinho.” (Atleta 5)

“A gente precisa estar sorrindo, leve. Entrar, *né*, não vou dizer que tem que saber desfilas, nada disso, nem salto, nessa categoria não tem salto, *né*. Mas, sabe, pelo menos, caminhar, saber fazer uma pose mais leve, *né*, uma coisa mais... e a beleza conta muito também [...]” (Atleta 6)

“A gente faz um... um charme, um certo charme, exatamente *pra* quebrar essa masculinidade, entendeu? [...] a feminilidade você tem que trazer mostrando dentro da sua leveza no palco, da confiança. Tem muita atleta que talvez não tem essa leveza, porque não tem confiança ali no que *tá* fazendo[...].” (Atleta 6)

Pergunta: No site da CBMFF/IFBB BR, ao citar a modalidade, consta a seguinte frase: “É destinada a mulheres que querem elevar o seu nível de massa muscular e condicionamento ao máximo possível através de treinamento e dieta, porém respeitando-se a anatomia, volume e silhueta feminina. Desta forma, acabam por desenvolver um físico menos musculoso, ainda atlético e esteticamente agradável, ao contrário das antigas atletas do fisiculturismo feminino, que acabaram por perder a feminilidade nos últimos anos.” Como você compreende esse modo de avaliação realizada nas competições? Concorda com ela?

“Então eu acho que hoje o diferencial seria de fato a genética, a linha feminina, e você saber trabalhar com a mulher. Chegar ali na mulher e colocar os níveis de musculatura proporcionais, que continua aquele músculo lindo, *slim*, que ela continue ficando bonita. Com a linha de cintura bonita, manter uma voz feminina, manter um rosto feminino. [...]” (Atleta 1)

“Na prática isso não funciona, isso não funciona, porque se você pegar, colocar umas 10 atletas, e começar a observar você vai ver que quase todas não são mais femininas. É aquele abdômen dilatado, é aquela linha de cintura feia, é um glúteo feio, mal trabalhado. É uma desproporção muito grande de musculatura.” (Atleta 1)

“Uma das coisas que eu prezo e luto muito no meu caso ainda, é a minha linha de cintura, porque com o tempo, se a gente não tem cuidado, você *vai enlarguendo*. Você *enlarguece* por causa da comida, você *enlarguece* pelo tipo de treinamento, pelo excesso de carga. Então eu tenho muito cuidado com a minha linha de cintura [...]” (Atleta 2)

“A gente tem que ter a cintura bem fina. Tem que ser fina e a dorsal larga [...] com a cintura fina, torna uma mulher esteticamente bonita. Que *ai* não fica quadrada, uma mulher sem cintura. Quadrada é mais padrão do homem.” (Atleta 3)

“É um pouco complexo isso, *né?* Porque acaba que você tende a perder a silhueta em si, *né?* Mas assim, o que que seria isso, *né?* O que é característica da mulher seria a cintura mais fina, e quadril mais largos, *né?* Então tentar manter essa

característica, *né?* [...] Manter aquela silhueta mesmo que bruta de músculo. Mas a silhueta feminina, *né*, um quadril mais largo e a cintura mais amarrada.” (Atleta 4)

“Porque essa questão de se perder é muito assim. Eu acho que depende de vários fatores, *né?* Principalmente como você conduz o teu protocolo, *né*. Tanto de treino, quanto de recursos farmacológicos, *né?* [...] Então você tem que ter esse hormônio dentro de algum limite ali, para que você tenha esse aspecto feminino, ele que vai te dar um aspecto feminino, *né?* Só que por outro lado, esse aspecto feminino é um arredondamento dos seus membros. Vamos dizer assim, *tipo* um *bumbum* mais redondinho, uma coxa com mais gordura e tudo mais *né*.” (Atleta 5)

“[...] Quanto mais fina a sua cintura, mais eu vou ter a dorsal larga, mais eu vou ter as pernas também maiores, *né*, então quanto mais a sua cintura for amarrada, melhor. Por isso a gente faz tanto uso de cintas, de espartilhas, de trabalho de vácuo. *Pra* tentar fazer essa cintura afinar.” (Atleta 6)

A temática selecionada, não se faz presente em respostas de apenas uma pergunta em específico.

“Na verdade, quase nada do que está lá, “tem que ser assim”, funciona na prática.” (Atleta 1)

“[...] Vamos reduzir o volume e chegar um pouco mais *slim*, porque os árbitros pedem isso. Só que a campeã tinha o volume de uma *Bodybuilder*. Entende, então é uma coisa que na hora ali não funciona.” (Atleta 1)

“Então *tipo* eles querem hoje um condicionamento. Pesa muito mais do que o volume muscular. E *ai* é onde entra todo o resto: a questão de ter uma linha mais feminina, de se comportar no palco um pouco mais feminina, da simetria entre as musculaturas.” (Atleta 1)

“Nenhuma mulher quer ser *Womens Physique*. Todas querem ser *Wellness* ou Biquini. E até mesmo, ela chega a ser discriminada até mesmo na própria Federação *né?* Não nos apoia como apoia as outras categorias *né?*” (Atleta 3)

“Como eu te falei, a nossa categoria, a *Womens Physique*, ela sofre preconceito até mesmo dentro da própria federação.” (Atleta 3)

“Se tem um campeonato que tem uma premiação, se tem, em dinheiro, não dá pra você conseguir, porque não teve competidor suficiente [...] Porque é uma coisa que revolta um pouquinho a gente, mas enfim, as Federações, elas são preconceituadas mesmo com os próprios atletas, mas a gente não concorda, mas entende, enfim, só isso mesmo.” (Atleta 6)

A temática selecionada, não se faz presente em respostas de apenas uma pergunta em específico.

“Então você fica muito confuso, às vezes até o próprio arbitro foi lá, escreveu um negócio que tem que estar, mas nem ele pensa o que ele está fazendo. Que na hora de decidir não é a pessoa que está dentro do padrão que ganha, é outra. Então isso é bem controverso, é bem difícil.” (Atleta 1)

“[...] é um tiro no escuro. Não tem como saber.” (Atleta 1)

“Às vezes tem arbitro que prefere primeiramente o condicionamento, e depois as demais coisas. Outros preferem mais o balanço, a estética, a linha, *né?* Essa coisa da cintura mais fina, outros não se importam com a cintura tão fina.” (Atleta 2)

“Então, eles querem forçar uma coisa, que a gente tenta mostrar, mas no outro lado, eles falam ‘não ficou bom, porque você fez x coisa. Aqui não apareceu tanto você sendo tão feminina.’” (Atleta 3)

“Você pode estar mais linda, a mais sexy, a mais feminina para um. O outro vai olhar e falar ‘não, eu não gostei’. E *aí?* Não tem o que você fazer, você está ali numa competição, você *ta* sendo julgada. Você fez o que eles pediram, você seguiu a regra *né?*” (Atleta 3)

“[...] por ser um esporte muito subjetivo fica muito à mercê do gosto dos árbitros, *né?*” (Atleta 4)

A temática selecionada, não se faz presente em respostas de apenas uma pergunta em específico.

“E tem a questão de não ter muitas atletas. Vamos lá, tem três atletas no palco, as três atletas não estão no padrão, mas só tem três atletas. Alguém vai ter que ganhar.” (Atleta 1)

“Ou seja, quando chega lá no evento principal, não tem tantas atletas, são sempre as mesmas atletas [...] nem sempre todas as atletas vão estar nos campeonatos.” (Atleta 1)

“[...] se tem um campeonato que tem uma premiação, se tem, em dinheiro, não dá pra você conseguir, porque não teve competidor suficiente. (Atleta 6)

Pergunta: Qual a sua opinião sobre o uso de maquiagem, adereços e penteados no cabelo para a apresentação em competições?

“Imagina que com tudo isso muitas vezes não fica legal, imagina sem. [...] eu até acho assim, que seria até interessante pro fisiculturismo, se tivesse um momento de uma entrada que a gente entrasse de vestido perfeito, *tipo* uma *Miss*, pra mostrar que você é mulher. Eu acho que ficaria tão interessante. E *ai* também eliminaria muitas meninas, porque a maioria não sabe nem andar direito como mulher, entendeu? [...] pensa que é só botar peso e ficar musculosa.” (Atleta 1)

“Com certeza *né*. Então, eu acho que esses brincos de *strass* que você pode usar, o anel, você pode colocar bastante brilho no seu biquini, *né*? [...] Tem meninas que não ligam *pra* isso, mas desde quando eu comecei, eu sempre me importei bastante com isso, sabe? [...] cores que fossem mais... com o apelo mais feminino possível, justamente *pra* gente trazer esse choque, que as pessoas vão esperar ver algo grosseiro, mas vão ver a delicadeza, a beleza da feminilidade que eu posso apresentar.” (Atleta 2)

“Eles querem botar a gente bem feminina, para não dizer que ‘ah, porque o corpo é musculoso *né*?’. O corpo *tá* musculoso, então ela tem que estar o máximo feminina no palco, *né*? [...] mas é o que eu penso. Não é esses detalhes que tornam a atleta feminina. Não é esses detalhes, entendeu? É a pessoa em si.” (Atleta 3)

“São instrumentos. É algo que ajuda você trazer essa associação do feminino, *né?* Porque assim, realmente nós temos um corpo mais brutos que naquele momento ali de palco, *né?* Aquela condição física, como é uma categoria onde se pede um condicionamento físico bem grande, *né?* Então aquilo ali traz essa brutalidade. Algo mais masculinizado de fato, *né?* Ou pelo menos que tem mais referência ao masculino. Então é uma das maneiras de você trazer algo do feminino. Isso te ajuda, com certeza, ajuda. Favorece nesse quesito de feminilidade.” (Atleta 4)

“Com certeza, tem que ter ali pulseira, um *anelzinho*, *brincão* e tudo assim para chamar atenção. Falar ‘é uma mulher que tá se apresentando ali realmente’, *né?* Uma mulher, um ser feminino, *né*. Então ela vai através desses adornos também, toda certeza.” (Atleta 5)

“Como eles pedem beleza também, não digo biquíni, mas maquiagem, adornos, cabelo bem feito, eu acho que isso conta sim. E *pra* gente, eu creio, é muito importante, mas deveria ficar a critério de cada atleta, se é maquiagem, botar brinco grande ou pequeno, enfim.” (Atleta 6)

“Eu acho que cada um tem que botar o adorno que se sentir melhor, principalmente *pra* gente mulher, pra se sentir mais feminina, *né*. Eu acho que de acordo com o que a gente se sinta melhor, se sinta mais bonita e mais feminina, eu sou a favor, assim, dessa questão.” (Atleta 6)

A temática selecionada, não se fez presente em respostas de apenas uma pergunta em específico.

“Eu percebo que essa quantidade de músculos, ela assusta um pouco o público feminino [...] Então eu percebo que esses músculos na mulher, no Brasil, assusta um pouco, por ser muito mais difícil de chegar.” (Atleta 1)

“É triste eu falar isso, mas eu já vi campeonato que eu fiquei assim ‘meu Deus, que coisa feia’. São feias. [...] hoje eu vejo muitas atletas *Womens Physique* no palco, que elas parecem uma *Bodybuilder*. Elas são agressivas, elas não são bonitas, elas não são delicadas, elas não andam delicada, elas andam parecendo um homem. “[...] *ai* quando eu comecei a olhar *pra* mudar de categoria, eu ficava com muito receio de ficar muito masculina igual elas. [...]” (Atleta 1)

“Então, eu sei que meu físico é um físico musculoso, eu sei que foge do padrão, eu entendo que as pessoas associam muito o músculo a homem, *né?* ‘Ai tá masculina’ e tudo mais. Isso eu entendo demais e isso nunca foi um problema *pra* mim.” (Atleta 2)

“[...] O homem, o homem pode ser grandão, a mulher não. A mulher não pode ser grandona. A mulher tem que ser *mirradinha*, não pode ser grandona.” (Atleta 3)

“[...] então é justamente, por isso que era o meu receio no início de não subir a categoria, *né?* Isso me trazia um pré-conceito que me impediu durante tanto tempo, me segurou durante tanto tempo na categoria passada, era um medo de me tornar masculina.” (Atleta 4)

“O músculo *tá* muito ligado, muito associado ao masculino. Soma-se ao condicionamento físico, *né?* Extrema baixa gordura, *né*, a pele bem colada no músculo. Você acaba associando ao masculino.” (Atleta 4)

“[...] na *Womens Physique* você consegue trabalhar, principalmente dependendo da sua genética, é com volume muito mais aceitável, com o volume muito menor. Aceitável no sentido de aceitável esteticamente, *né*, aceitável visivelmente perante a sociedade vamos dizer assim, com volume muito menor.” (Atleta 4)

“A musculação ela é uma atividade muito de força, e o universo da força é um universo muito masculino, da força, da guerra da luta, *né?*” (Atleta 5)

“Entre aspas, as pessoas normais vão te ver assim, com um físico mais masculinizado, porque a mulher com *ombrão*, com bíceps, *né*, que é uma coisa que é naturalmente do homem, as pessoas acabam que... tem essa cultura *né?*” (Atleta 5)

Pergunta: Em seus treinos na academia e em suas dietas, essa questão da feminilidade do corpo faz se presente? Como?

“Eu sei que se eu fizer muito abdominal com muita carga, trabalhar muito o meu oblíquo, eu sei que eu vou deixar a minha cintura um pouco mais quadrada.” (Atleta 1)

“Entra em tudo, eu perdi muito a minha linha de cintura [...] você tem que mudar até o seu treinamento, se você perceber que está *enlarguecendo*, muda o treinamento. [...] até a comida mesmo [...] isso vai *enlarguecendo*, porque vai dilatando o seu abdômen.” (Atleta 2)

“Não, não faz. O treino é um treino normal de qualquer *Bodybuilder*. Alimentação normal de qualquer *Bodybuilder*.” (Atleta 3)

“Assim, essa questão da feminilidade fora do palco. Vai de cada um, vai da opção de cada um, entendeu? Tem meninas que são mais femininas naturalmente, gostam de ser femininas, gostam de se arrumar.” (Atleta 4)

“Agora com relação ao físico, eu diria que em *off* toda *Bodybuilder*, toda *Womens* fica mais feminina, porque, porque aumenta o percentual de gordura, e querendo ou não, o corpo feminino, ele tem um percentual de gordura mais alto que o masculino. Então o corpo em cima do palco, ele é mais masculinizado justamente por ter um percentual de gordura muito baixo.” (Atleta 4)

“Não, ela fica assim, ela é uma coisa que é presente sempre, mas é aquilo que eu falei para você, nesse caso, eu acho que é muito individual e de acordo com o estilo de vida de cada pessoa, *né?*” (Atleta 5)

“Tem, então. Isso é muito assim, muito importante *pra* gente se manter dentro da categoria. [...] a imagem da figura no palco, eles têm que ver um X, tanto superior, a cintura mais fina e as pernas acompanhando o tronco também, não maior que o tronco, que aí já passa *pra Bodybuilder*.” (Atleta 6)

A temática selecionada, não se fez presente em respostas de apenas uma pergunta em específico.

“[...] e a outra parte das meninas, trabalham muito com hormônio. Então usam uma quantidade de hormônio muito grande. [...] então esse uso desacerbado, também acontece isso, elas acabam ficando muito masculinas, porque a gente sabe que o hormônio masculino, ele vai te dar características masculinas, então obviamente tu vai ficar masculino.” (Atleta 1)

“[...]quando a gente entra *pro Bodybuilder* que a gente começa a usar hormônios, porque você vai estar utilizando hormônios. Os hormônios são a base de testosterona. Então você querendo ou não, automaticamente o seu corpo vai produzir muito mais testosterona do que o corpo de uma mulher normal [...] então as características masculinas vão vir, não tem como te dizer quanto vai vir [...]”
(Atleta 2)

“Até nos usos do hormônio e *tal*. A gente tem que ter muito cuidado, porque a gente viraliza muito, então a gente tem que saber muito o que vai usar, e o que vai deixar de usar. Porque tem muitas que você olha assim... você fala ‘nossa, não é mulher’. Mas é mulher, entendeu? Ela realmente perdeu os traços *todinho* femininos [...]”
(Atleta 3)

“[...] uma masculinização de face por conta do uso, *né*, dos esteroides que acabam que essa é a grande questão, *né*? Acabam masculinizando o corpo feminino. Então, você vê muita menina masculinizada, com face masculino, o que que seria isso: um rosto mais quadrado, *né*?” (Atleta 4)

“Mas muitas mulheres trabalham muito, muito forte em cima de protocolos que acabam realmente suprimindo isso, então acontecem *ai* efeitos colaterais, *né*? Que são muito indesejados e acaba que isso traz um aspecto mais masculinizado realmente *né*, em vários, várias questões.” (Atleta 5)

A temática selecionada, não se presente em respostas de apenas uma pergunta em específico.

“E outra coisa que eu percebo, *né*, às vezes a menina, ela é lésbica, ela tem uma tendência um pouco mais masculina, ela é um menino independente dos músculos. Mas *ai* ela já vai *pra* uma categoria mais agressiva, e *ai* ela já se comporta muito masculina. Porque já é o jeito dela, ela já é masculina independente dos músculos [...]” (Atleta 1)

“[...] eu vim do esporte, então as pessoas achavam que eu ia ser sapatão, que a minha sexualidade estava atrelada ao esporte: ‘ah Maria João’, ‘mulher macho’. A própria minha mãe era uma pessoa que tinha muito preconceito, ficava reclamando, brigando [...]” (Atleta 2)

“Tanto que tem muitas atletas que são... que são... elas são sapatão mesmo, né? Que elas se vestem igual homem, são um homem, mas elas ficam revoltadas que elas têm que botar biquini *pra* subir no palco. Entendeu? E elas não gostam. Elas têm que botar biquini, elas têm que se maquiar, tem que botar brinco... e elas não gostam. E *ai* elas se sentem mal, porque não é o perfil delas, mas elas estão em uma categoria de mulher que julga o corpo feminino.” (Atleta 3)

“Agora a feminilidade cada um, *ai* é de cada um, independente do esporte sendo atleta ou não, tem mulheres que são masculinas. E *ai* vai de cada um, o que às vezes é muito confundido é a orientação sexual de cada uma *né?* E isso é muito confundido, muita gente tem seu preconceito, tem a ideia de que mulheres masculinas ou masculinizadas por conta do esporte, *né?* Por ter um corpo mais masculino tem se a orientação sexual diferente, *né?* São homossexuais.” (Atleta 4)

“Falando assim bem abertamente, a gente tem mulheres que são heterossexuais, mulheres homossexuais. Nós temos pessoas que gostam de ter uma aparência mais masculinizada por opções de vida, nós temos mulheres que como eu, que vem do pole dance, que gostam de ser mulheres.” (Atleta 5)

Pergunta: Você percebe alguma diferença na prática do esporte por homens e mulheres? E em relação à avaliação em campeonatos?

“Sim, eu acho que tem, pelo fato do próprio homem vender mais, porque o músculo já traz uma figura mais masculina. [...] a pessoa já associa o músculo ao homem e a mulher o corpinho mais violão, mais delicadeza, sem músculo. Então como o homem ele já vende mais, então no esporte ele se destaca mais. E quando tem um campeonato, toda a atenção é muito mais *pros* homens, até porque vai gerar muito mais mídia.” (Atleta 1)

“Tem [...] pra *Womens Physique* ganhar um patrocínio de suplementação, não ganha. Você não consegue, porque um exemplo: Ah, eu tomo o *Whey X*, ‘Ah aquela atleta toma esse *Whey*, eu vou ficar igual a ela’. Que é o pensamento das pessoas, entendeu? [...] Então tem essa diferença *ai*, mas dão patrocínio para os homens, porque todos os homens querem ser *Bodybuilder*, querem ser grandão. O homem pode ser grandão, a mulher não.” (Atleta 3)

“Tem muita diferença da prática dos homens para as mulheres assim como tem muita diferença das mulheres de outras categorias para as mulheres da nossa categoria. [...] no mercado *Fitness*, a mulher consome muito mais, mas no mercado maromba os homens consomem muito mais. [...] Mas e quando se fala de categorias menores, a Biquíni e *Wellness*, e a nossa categoria, vai pelo mesmo sentido, mas *ai* não pela questão de conteúdo, e sim pela venda, *né*. Normalmente por um padrão. O que que as mulheres querem ser, principalmente no Brasil, *Wellness*, as mulheres querem ser aquele corpo.” (Atleta 4)

“Enfim, mas são dois corpos muito mais aceitáveis, muito mais estéticos dentro da sociedade. Então fica mais fácil de vender. Somente aquele corpo já se vende, porque todo mundo quer, toda mulher tem um sonho de ter aquele físico. Aí quando você vem uma mulher maior é difícil, *né*? Não é um corpo vendável, de Venda Fácil, *né*? Não é um corpo que a maioria quer.” (Atleta 4)

“Sim, tem diferenças. Com toda certeza. Diferenças em relação a apoio de empresas [...]E *ai* a gente percebe que a mulher que consegue se manter mais feminina, mais comunicativa, que consegue desenvolver o lado comercial independente do físico, ela consegue se dar bem em vários aspectos, *né*. Mas ela ainda assim tem que trabalhar de um jeitinho ali meio velado, meio *né*, não falar tudo. Então é complicado mesmo.” (Atleta 5)

“Tem, tem. O público dos atletas masculino, eu acho que eles são muito mais... tem muito mais vantagem em tudo. No campeonato, em relação ao patrocínio, em relação aos treinos, *né*, eles têm vantagem, sim, em tudo. [...]Então, eu acho que a categoria, eles tenham benefícios, porque é muito, são muitos os homens. Então, o palco é... *tipo*, uma categoria de *Men's Physique*, mais de 30 atletas no palco. [...]

Então, *pra* eles, convite pra fazer uma foto, marca de um suplemento, é muito, muito melhor. Nas entrevistas, depois a gente desce do palco, você vê que a maioria das empresas que fazem entrevista, eles pegam mais atleta masculino *pra* fazer uma entrevista. Eles têm mais vantagem, assim, do que a gente.” (Atleta 6)

Pergunta: Como você se sente sendo uma mulher atleta de um esporte de alto nível de dedicação e definição corporal?

“Eu me sinto muito bem, eu não sinto preconceito com isso. [...] Lá fora na Europa eu pude perceber diferente, os olhares de lá eram totalmente diferentes dos olhares daqui. Aqui eu percebo um pouco mais de olhar meio que de julgamento, de ‘nossa que feio, que esquisito’. Lá eu tinha mais um olhar de admiração, certo?” (Atleta 1)

“Eu me sinto feliz, realizada. Eu sou extremamente realizada com que eu faço. Eu vivo o meu sonho na verdade. [...]Dentro desse esporte ainda tem muitas meninas que queriam muito ser musculosas, mas elas não são, porque a sociedade impõe a elas que elas não podem ser. Então eu vejo que os próprios treinadores podam algumas atletas. As atletas querem ser *Womens Physique*, e falam ‘não você parece um homem’, ‘não, não vai não’, e *ai* elas ficam em uma categoria que elas nem queriam estar. Mas ela *pra* agradar o treinador, agradar o namorado, elas ficam lá.” (Atleta 2)

“Eu gosto. No começo foi bem complicado para mim. Porque eu parei de sair na rua, porque eu *tava* sofrendo, sabe? Muitos ataques, muitos olhares, as pessoas me apontavam muito. [...] Então hoje em dia eu ando na rua, tem muitos que falam ‘nossa, que linda’, ‘parabéns, que shape lindo’. (Atleta 3)

“Eu gosto de falar sobre minha categoria, eu gosto de trazer sobre ela. Primeiro porque eu sei que tem muitas meninas que poderiam estar muito mais felizes na musculação, muito mais feliz no esporte se se aceitassem, assim como eu fiz. Porque eu sei o que eu passei, eu sei o que eu vi, eu sei o quanto foi libertador para mim.” (Atleta 4)

“Eu acho sim, que eu tenho me tornado cada vez mais uma referência [...]Eu acho que a gente tem feito um trabalho bem legal, ali no próprio grupo das meninas, são

mais de 150 atletas dessas categorias mais pesadas, *né*? A gente tem feito um trabalho de conscientização, *né*?” (Atleta 5)

“Então, é, essa é a parte prazerosa, *né*. Se você chegar na academia, todas as academias que eu vou - eu não treino numa só- eu treino, é... geralmente, três ou quatro academias. É por causa do meu trabalho, *né*, então, não dá pra mim ficar só naquela. Então, todas as que eu frequento, todas, eu chego, todo mundo: ‘chegou a campeã’, e me elogia, gostam de mim, todo mundo vem, e olha, e me pede conselho de treino.” (Atleta 6)

Pergunta: Ser atleta do fisiculturismo é carregar consigo o esporte por onde for, por meio do seu corpo. Você já passou por alguma situação ou comentário desagradável ou agradável sobre seu corpo? Quais? Como você reagiu?

“Já, já passei por muitas situações desagradáveis, e tipo assim, tem uma que foi muito engraçado, *né*? [...]” (Atleta 1)

“[...] eu lidei muito com esse preconceito dentro de casa, então... que era das pessoas que mais a gente quer o apoio, que é o pai e a mãe. [...] então como eu lidei com o preconceito dentro de casa, o preconceito de fora se tornou fchinha [...] *pra* mim nunca me afetou em nada [...] eu me tornei inabalável na verdade.” (Atleta 2)

“Então, quando eu era obesa, eu sofria muito preconceito, porque eu era obesa *né*? Sabe, os preconceitos que a gente sofre? E *ai* quando eu comecei na musculação, que meu corpo começou a mudar, *ai* veio o outro tipo de preconceito. No começo foi que eu fiquei muito magrinha, *ai* falavam que eu *tava* com AIDS, porque eu *tava* muito magra. Por que *né*? Tem que emagrecer para depois começar a ganhar músculos. *Ai* quando eu comecei a ganhar músculos, começou esse preconceito que eu vivo até hoje.” (Atleta 3)

“Graças a Deus não costuma ter, mas eu já tive sim, já passei por situações, inclusive basicamente a maioria das críticas as mais pesadas as cruéis, elas vêm na internet. Pessoalmente nunca tive, nunca passei, nenhum comentário. [...] Mas em geral graças a Deus eu não passo muito por situações desfavoráveis, ao contrário. Um pouco da família, também na minha família, eu escuto nada muito

pesado, mas sempre tem uma coisa assim, *tipo*: ‘Nossa, vai até onde’, ‘vai crescer até onde’, ‘vai continuar com isso até quando’, ‘tu acha que é legal isso’, enfim esses comentários.” (Atleta 4)

“Teve uma única vez na minha vida que no meu *Instagram*. Eu fiz alguma postagem, alguma pessoa foi lá, que eu não sei quem é, deve ser um perfil falso, falou algo do *tipo*: ‘Credo que feio’ uma coisa assim, sabe? É a única que aconteceu assim, nunca tive nada nesse sentido, *né?* [...] Uma cliente uma vez falou para mim, você é Trans, *né?* Eu falei ‘não entendi o que você quis dizer’, porque *né*, eu nem sei o que que ela quis dizer com isso na verdade, *né?* Mas talvez pela voz, *né?*” (Atleta 5)

“[...] tem pessoas que olham *pra* mim: ‘nossa, cruz credo, parece um homem’. Eu morro de rir. Eu olho *pra* pessoa, eu rio, eu acho graça, *né*. [...] opinião, cada um tem a sua, eu só não acho que uma pessoa tem que ir *numa*, numa rede social, na sua rede social, da outra pessoa, e ele falar o que ela quer, *né*, sem pedir licença.” (Atleta 6)